

JACKELINE DE SOUSA PEREIRA

**VIOLÊNCIA NO NAMORO: DISCURSOS DE JOVENS RAPARIGAS
ESTUDANTES PORTUGUESAS**

Dissertação de Candidatura ao grau de Mestre
em Medicina Legal submetida ao Instituto de
Ciências Biomédicas Abel Salazar da
Universidade do Porto

Orientadora: Doutora Ana Sofia Antunes das
Neves

Categoria: Professora Auxiliar e Investigadora

Afiliação: Instituto Universitário da Maia
(ISMAI)

“O que fazemos para nós mesmos morre conosco. O que fazemos para os outros e para o mundo, permanece e é imortal”.

ALBERT PINE

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Ana Sofia Antunes das Neves, por ter aceitado o meu pedido de orientação e por me ter amparado, sempre da melhor forma possível, ao longo desta caminhada. Agradeço toda a sua disponibilidade, apoio, dedicação e a sabedoria que me transmitiu. Durante a minha Licenciatura e Mestrado, a Professora Doutora Ana Sofia Antunes das Neves foi, e continuará a ser, um exemplo a seguir. À si, o meu muito obrigada!

À Professora Doutora Maria José Pinto da Costa pela sua disponibilidade e pelo apoio prestado no âmbito da Especialização e do Mestrado.

À minha família, pilares da minha vida. Aos meus pais, o meu muito obrigada por me acompanharem e apoiarem ao longo deste percurso sempre da melhor forma. À mulher da minha vida, à minha mãe, Maria Josefa Pereira, ao meu pai, Manuel de Sousa, a vocês devo tudo aquilo que hoje sou. Ao meu irmão, Henry, à minha cunhada, Anna, às minhas duas estrelinhas, brilho dos meus olhos, Alessandro e Diego, sobrinhos do meu coração, obrigada por tornarem os meus dias mais alegres e coloridos.

Aos meus colegas e amigos de coração, Paulo Silva, Rosania Rebelo, Susana Moutela, Maria Godinho, Rita Ferreira, Raquel Antunes e Sara Pinto. Pelo vosso apoio incondicional, nos piores e melhores momentos, pelo vosso carinho, pela vossa preocupação, pelo vosso encorajamento, pela vossa amizade e também pela vossa paciência.

À toda a equipa de investigação por me ter apoiado ao longo do meu processo de estágio, às escolas com quem trabalhamos e, por fim, às jovens entrevistadas por partilharem as suas experiências de vida.

A todos os que de alguma forma me apoiaram nesta etapa tão importante da minha vida.

A todos vós, os meus sinceros agradecimentos.

Resumo

São diversos os estudos nacionais e internacionais que apontam as raparigas como assumindo, nas relações de intimidade juvenil, uma dupla posição, simultaneamente de vítimas e agressoras. A presente investigação teve como objetivo central caracterizar as relações íntimas juvenis e as dinâmicas de violência que nelas possam estar envolvidas a partir dos discursos de jovens raparigas estudantes portuguesas. Para o efeito foram realizados 13 *focus group* junto de 107 raparigas estudantes de nacionalidade portuguesa com idades compreendidas entre os 11 e 17 anos de idade ($M=13.38$, $SD=1.48$). Os dados foram sujeitos a uma análise de conteúdo temática e permitiram concluir que o recurso à violência por parte das jovens raparigas caracteriza-se por ser pontual e circunstancial. Todavia, constatou-se que o abuso se encontra associado à crescente intolerância face aos abusos praticados pelos rapazes e às assimetrias de género que, ainda no século XXI, se fazem sentir. Tendo em conta que o contexto social e desenvolvimental no qual os jovens se inserem é fortemente marcado por várias formas de violência, considera-se relevante apostar na implementação de matérias de igualdade de género nos programas educativos escolares.

Palavras-Chaves: violência no namoro, raparigas estudantes portuguesas, género, *focus group*.

Abstract

There are several national and international studies that show girls as taking in the relations of juvenile intimacy, a dual position, both victims and aggressors. This research had as its central objective to characterize youth intimate relationships and the dynamics of violence in them may be involved from the young speeches girls Portuguese students. For this purpose were conducted 13 focus groups with 107 students of Portuguese nationality girls aged between 11 and 17 years old ($M = 13:38$, $SD = 1.48$). The data were subjected to content analysis and concluded that the use of violence by young girls is characterized by being punctual and circumstantial. However, it was found that abuse is associated with the growing intolerance in the face of abuse by boys and gender asymmetries that even in the twenty-first century, are felt. Given that the social and developmental context in which young people fall is strongly marked by various forms of violence, it is considered relevant to bet on implementation of gender equality issues in school educational programs.

Key-Words: dating violence, Portuguese girls students, gender, *focus group*.

Índice

Agradecimentos.....	5
Resumo.....	7
Abstract.....	9
Introdução.....	15
Parte I	
Capítulo I – Violência de Género	
1. Aproximações ao conceito de género.....	17
2. Violência de género.....	19
2.1. Conceito e definições.....	19
2.2. Breve enquadramento histórico-social.....	20
2.3. Tipologias.....	21
2.4. Evidências estatísticas.....	22
2.5. Abordagens explicativas e fatores de risco.....	24
2.5.1. Abordagens individualistas.....	24
2.5.2. Abordagens familiares.....	25
a) Teoria dos recursos.....	25
b) Teoria da troca.....	26
c) Teoria da aprendizagem social.....	27
d) Teoria dos sistemas.....	28
e) Teoria do conflito.....	28
2.5.3. Abordagens socioculturais.....	28
a) Teoria da cultura da violência.....	29

b) Teoria do interacionismo simbólico.....	29
c) Perspetivas feministas.....	30
d) Teoria ecológica	31
 Capítulo II – Violência no namoro	
1. Conceito e definições.....	33
2. Evidências empíricas.....	34
3. Fatores de risco.....	40
4. Consequências da violência no namoro.....	49
5. Diferenças de género.....	51
5.1. Perfis das raparigas agressoras.....	56
 Parte II	
 Capítulo III – Método	
Introdução.....	59
1. Objetivo geral.....	59
2. Objetivos específicos.....	59
3. Problema de investigação e questões de partida.....	60
4. Caracterização das participantes.....	61
5. Técnica de recolha de dados.....	61
6. Procedimentos.....	63
7. Técnica de tratamento e análise de dados.....	64
8. Resultados.....	66
9. Discussão dos resultados.....	97
 Parte III	
Capítulo IV – Conclusão.....	103
Referências.....	105
 Anexos	

Introdução

A violência nas relações de intimidade acompanha a história da humanidade desde os tempos mais remotos.

A partir dos anos 60 do século XX a investigação científica sobre esta temática assumiu especial relevo a nível internacional (Dias, 2004), emergindo em Portugal três décadas mais tarde fruto do esforço dos movimentos feministas da época (Caridade & Machado, 2006; Dias, 2010; Machado, 2010; Neves, 2008, 2011).

Apesar de inicialmente a violência nas relações de intimidade ter surgido associada às relações conjugais, a partir da década de 80 começou também a ser relacionada com as relações de intimidade juvenil (Lewis & Fremouw, 2001; Price et al., 1999).

A crescente banalização e legitimação das práticas violentas entre os/as mais jovens, a severidade dos atos e das consequências que da mesma resultam, bem como as diferenças de género subjacentes ao fenómeno têm vindo pois a merecer uma especial análise (Adorno et al., 1999; Gorrotxategi & Haro, 1999; Johnson et al., 2005).

Os vários estudos realizados no âmbito da violência no namoro a nível nacional e internacional têm permitido mapear a dimensão do problema que parece afetar, de modo transversal, várias faixas etárias e grupos sociais constituindo-se assim como um grave problema de saúde pública e um forte preditor de violência na intimidade adulta (Antle et al., 2011; Arriaga & Foshee, 2004; Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000; Neves, 2014; Pradubmook-Sherer, 2009).

O recente debate científico em torno desta temática tem-se debruçado sobre a questão da simetria de género, mais especificamente sobre a mutualidade e reciprocidade da violência. Os diversos estudos realizados apontam para a crescente perpetração da violência por parte das raparigas, embora as causas que possam estar na origem desta violência não sejam verdadeiramente conhecidas (Casimiro, 2008; Dias & Machado, 2008; Martsofi et al., 2012; Neves, 2014).

Neste sentido, a presente investigação qualitativa propõe-se explorar as causas percebidas desta aparente bi-direcionalidade da violência entre jovens do ensino secundário, a partir de discursos na primeira pessoa.

O presente trabalho é composto por três partes que se encontram subdivididas em quatro capítulos. A primeira parte referente ao enquadramento teórico é composta por dois capítulos, sendo o primeiro referente à violência de género e o segundo à violência no namoro. No primeiro capítulo será feita uma aproximação ao conceito de género, ao seu enquadramento histórico-social, as diversas tipologias da violência, as evidências estatísticas e abordagens explicativas. O segundo capítulo reserva-se à explicação do conceito e definições da violência no namoro, as evidências empíricas, aos fatores de risco, as consequências e, por último, as diferenças de género que integram também o perfil das raparigas agressoras.

A segunda parte do presente estudo dedica-se à descrição do método utilizado, a exposição dos objetivos gerais e específicos, a apresentação do problema de investigação bem como as questões de partida, a caracterização sociodemográfica das participantes, aos instrumentos e técnicas de recolha de dados, aos procedimentos, as técnicas de análise e tratamento dos dados, à apresentação dos resultados e, por último, à discussão dos mesmos.

A terceira parte desta investigação será exclusivamente dedicada às conclusões do estudo.

Parte I

Capítulo I – Violência de Género

1. Aproximações ao conceito de género

O conceito de género emerge das ciências sociais e é considerado um “referencial teórico de análise e compreensão da desigualdade entre o que é atribuído à mulher e ao homem” (Gomes et al., 2007, p.505). Segundo Deaux (1984) o conceito de género refere-se às particularidades psicológicas, sociais e culturais relacionadas com um determinado sexo (as cited in Dias & Machado, 2008).

Para compreendermos melhor o conceito de género ao longo dos tempos podemos começar por referenciar o período grego, no qual as desigualdades face à distinção do sexo feminino e masculino já eram evidentes (Nogueira, 2001). Assim, já nesta época a figura masculina era associada à ordem e razão, enquanto a figura feminina era associada à irracionalidade e desordem (Nogueira, 2001).

As desigualdades que caracterizavam o sexo feminino, comparativamente ao sexo masculino, perduraram desde o período grego até a atualidade, embora se tenham verificado mudanças significativas nos papéis de género (Nogueira, 2001).

Na antiguidade os comportamentos masculinos e femininos eram comparados aos comportamentos de machos e fêmeas de outras espécies. Contudo, note-se que as características atribuídas ao papel feminino, muito associadas à procriação e sexualidade, reforçavam a inferioridade da mesma, ao passo que enalteciam as dos homens como seres superiores e dominantes (De Welde, 2003; Dias & Machado, 2008; Neves, 2008; Nogueira, 2001).

Assim, no século XIX eram atribuídas características muito particulares aos homens e às mulheres. Sandra Bem (1993) aponta algumas dessas características entre as quais se destacam as diferenças sexuais e psicológicas do homem e da mulher, a dominância e superioridade do sexo masculino e, conseqüentemente, a aceitação do sexo feminino face à inferioridade social que lhe era imposta (as cited in Dias & Machado, 2008).

Só a partir da década de 70 o conceito de sexo foi substituído pelo conceito de género. Esta mudança de conceitos nas ciências sociais foi fortemente impulsionada pelos esforços dos movimentos feministas, sobretudo a partir da Segunda Vaga do Feminismo, através da denúncia pública dos abusos cometidos na vida familiar privada (Neves, 2008, 2011) permitindo que surgisse uma maior consciencialização e análise das desigualdades sociais existentes (Ismail et al., 2007; Oakley, 2005 as cited in Neves, 2011), assumindo-se assim como “um desafio aos cânones sociais e científicos até aí vigentes” (Neves, 2011, p. 4). Deste modo, as características do homem e da mulher começaram a ser analisadas desde um ponto de vista mais crítico, a nível social e cultural, e não desde o ponto de vista biológico, considerado como fator estático e imutável (Hollway, 1994; Nogueira, 2001; Russo & Pirlott, 2006).

Assim, autores como Hare-Mustin e Marecek (1994) começaram a defender que o homem e a mulher eram resultado de um contexto social, cultural e histórico (Dias & Machado, 2008). Por seu turno, Nogueira (2001), Gomes e colaboradores (2007) e Mota-Ribeiro (2005) defendem que o género é fortemente influenciado pelo estilo de vida, pelos comportamentos e interações apreendidas e estabelecidas no meio social, que reproduzem os padrões comportamentais que os homens e mulheres devem adotar.

O conceito de género foi primeiramente utilizado pelas feministas americanas que pretendiam pôr termo as variadas diferenciações biológicas entre o homem e a mulher num sentido mais essencialista (Scott, 1986). Em Portugal, os esforços aplicados neste sentido ocorreram tardiamente, contudo, paralelamente à Revolução do 25 de Abril de 1974, permitiram a conquista de direitos e interesses reclamados pelas mulheres, de forma a proporcionar uma maior justiça e igualdade social (Almeida, 1999; Joaquim, 2007 as cited in Neves, 2011; Neves, 2008).

Feitas as aproximações ao conceito de género proceder-se-á à apresentação do conceito e definições da violência de género, ao seu breve enquadramento histórico e social, as respetivas tipologias da violência e a algumas evidências estatísticas e abordagens explicativas, para um melhor entendimento da problemática à abordar ao longo deste capítulo.

2. A violência de Género

2.1. Conceito e Definições

A violência assume-se como um fenómeno dinâmico, complexo e paradoxal, que se manifesta em vários grupos sociais, económicos e geográficos e se encontra em constante mutação (Guimarães & Campos, 2007; Machado, 2010).

O termo violência provém do latim *violentia* que se refere a uma condição bravia, de força e severidade (Machado, 2010). Segundo Ribeiro e Sani (2008) a violência é todo o comportamento de carácter extremo e intensivo de recurso à força que visa estabelecer uma relação de poder.

Embora a violência de género seja maioritariamente praticada contra as mulheres, os homens também podem ser alvo deste tipo de violência, a qual se implementa através de relações de poder desproporcionais. A Declaração da Organização das Nações Unidas sobre a Eliminação da Violência Contra a Mulher (2003) define violência de género como “qualquer ato de violência baseada em género que resulte ou possa resultar em danos mentais ou sexuais, ou sofrimento para a mulher, incluindo ameaças, como atos de coerção ou privação arbitrária de liberdade, seja na vida pública ou privada” (ONU, 2005,p.6).

Oliveira e Manita (2003) referem que a violência pode ser analisada desde o ponto de vista do que se visa afetar (e.g., físico, psíquico, sexual) ou de para quem ou contra quem essa violência é direcionada (e.g., mulheres, crianças, jovens, idosos).

Para Magalhães (2010) a violência abrange

todo comportamento voluntário, directo ou indirecto, que surge num contexto de interacção ou relação entre duas (ou mais) partes envolvidas, em situação de desigualdade de poder, e que se caracteriza pelo uso da força, coacção ou intimidação, de carácter individual ou colectivo, comportando vários graus de gravidade e atingindo a vítima nas suas necessidades, integridade física e moral, nos seus bens e/ou nas suas participações simbólicas e culturais, causando prejuízo, dano e sofrimento (p.12).

A violência pode ainda ser classificada como violência intencional ou violência não intencional (Magalhães, 2010). A violência intencional refere-se a todas as condutas de interação que de forma voluntária, direta ou indireta, visam causar algum dano ou prejuízo através do recurso à força (e.g., homicídios, violência juvenil, violência conjugal, entre outros). Porém, a violência não intencional reporta-nos a todas as condutas não voluntárias mas sim acidentais (e.g., acidentes de trabalho ou acidentes rodoviários) (Magalhães, 2010).

Todavia, associados à violência intencional podemos encontrar os conceitos de agressividade, agressão e crime. A agressividade é uma tendência humana e traduz-se na vontade de cometer um ato abusivo ou violento sobre outra pessoa causando dano ou prejuízo. Este conceito como traço do comportamento humano pode ser uma característica intergeracional ou apreendida ao longo da vida. Por outro lado, a agressão refere-se a todo comportamento que causa efetivamente algum dano no contexto de interação entre duas ou mais pessoas. Por último, o crime é todo o ato que viola as normas jurídicas de uma sociedade e associa-se, frequentemente, a tendências anti-sociais (Machado, 2010).

2.2. Breve enquadramento histórico-social

A violência sempre existiu, ou seja, é um fenómeno que nos reporta à história da humanidade (Dias, 2004; Machado, 2010). Contudo, só a partir da década de 90 Portugal começou a evidenciar uma maior preocupação e compreensão acerca da temática da violência a qual permanecera, ao longo do tempo, como um acontecimento exclusivo do foro íntimo (Dias, 2004; Machado, 2010). Esta realidade, conseqüentemente encoberta, caracterizada por tendências severas e extensas, na década de 60 já era objeto de pesquisa a nível internacional (Dias, 2004; Machado, 2010). A par do crescente interesse científico e académico na compreensão e caracterização desta problemática começaram a surgir novas representações sociais, face à transformação do papel da mulher na sociedade, fortemente influenciadas pelos movimentos feministas da época (Busch & Valentine, 2000; Cunha, 2012; Matos, 2006; Neves, 2008; Ribeiro, 2008; Scott, 1986). Desta forma, conseguiu-se obter uma maior sensibilização por parte da comunidade científica em estudar este fenómeno (Callahan et al., 2003; Caridade & Machado, 2006,2012; Price et al., 1999).

Embora a violência fosse um problema social cuja existência não era desconhecida, o encobrimento da mesma era reforçado pelo poder patriarcal e pela grande diferença de papéis de gênero que se fazia sentir (Matos, 2006).

Os próprios valores culturais e religiosos que apelavam ao cuidado da estrutura familiar reforçavam as práticas violentas que, conseqüentemente, eram aceites (Matos, 2006).

Os movimentos feministas que contribuíram para a luta, igualmente de direitos e interesses das mulheres facilitaram a desconstrução do poder patriarcal e produziram mudanças no papel submisso da mulher (Berns, 2001; Crawford & Marecek, 1989; Crawford & Unger, 2000 as cited in Neves & Nogueira, 2003; Hare-Mustin & Marecek, 1990 as cited in Neves & Nogueira, 2003; Holmes, 2000; Holtzworth-Munroe, Smutzler & Sandin, 1997; Matos, 2003; Mears, 2003; Neves & Nogueira, 2003, 2005; Nogueira, 2001; Scott, 1986; Sousela, 2006; Stromquist, 2001; Welsh, 1992).

Assim, quando se fala de violência torna-se importante compreender o contexto em que acontece, os mitos e crenças que lhe estão associados e o significado em que o termo se traduz para cada indivíduo (Guimarães & Campos, 2007; Ventura et al., 2013), uma vez que as relações interpessoais e os papéis sociais que desempenhamos podem influenciar, positiva ou negativamente, os direitos e igualdades que todos devemos ter e respeitar (Dias, 2010).

Na realidade, nos dias de hoje, as mudanças que ocorrem a nível social e cultural facilitam que a resolução de problemas ou conflitos interpessoais sejam solucionados através do recurso à violência verbal e/ou física (Guimarães & Campos, 2007; Ribeiro & Sani, 2008). Neste sentido, Machado (2010) refere que as mutações sociais relativas ao fenómeno da violência estão, cada vez mais, a ser interpretadas como atos normais pelo que, conseqüentemente, as práticas violentas estão a tornar-se vulgares e recorrentes.

2.3. Tipologias

A violência de gênero nas relações de intimidade (seja adulta ou juvenil) contempla várias formas de abuso que podem manifestar-se a nível físico, psicológico e sexual, causadas através de comportamentos propositadamente

coercivos e humilhantes, que abarcam distintos contextos relacionais (e.g., namoro, casamento, separação) e que podem ser praticadas de forma concomitante ou isolada (Krug et al., 2002).

A violência psicológica manifesta-se através de comunicações verbais ou não verbais que visam afetar outrem causando danos a nível psíquico (e.g., auto-estima, identidade, desenvolvimento pessoal) (Straus & Sweet, 1992). É uma das formas mais frequente de abuso manifestando-se através de insultos, ameaças, humilhações, isolamento, culpabilização, rejeição, controlo, desprezo e indiferença. Caracteriza-se por ser um padrão de comportamento contínuo e de baixa visibilidade que tende a escalar no tempo (Leitão et al., 2013; Machado, 2010; Silva et al., 2007).

A violência física traduz-se em todo o comportamento que visa causar dor e dano através de recurso à força e/ou instrumentos. Manifesta-se através de comportamentos como bofetadas, murros, pontapés, queimaduras, puxar de cabelos, podendo causar lesões do tipo equimoses, hematomas, escoriações, contusões e fraturas que, em casos extremos, poderão provocar a morte e tratamento hospitalar (Lourenço & Carvalho, 2001; Machado, 2010; Silva et al., 2007).

A violência sexual abrange todo o comportamento que vise infligir condutas sexuais não desejadas, isto é, involuntárias, através de comportamentos coercivos e humilhantes, física e psicologicamente. Dentro das práticas sexuais não desejadas destacam-se a exposição a atos sexuais ou pornografia, os danos ou lesões nas zonas genitais (e.g., queimaduras e introdução de objetos na cavidade vaginal e/ou anal) e a mutilação genital (Machado, 2010; Silva et al., 2007).

2.4. Evidências estatísticas

Segundo as estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2014) 78.4% dos crimes praticados são referentes à violência doméstica. Atendendo ao facto do vasto leque de crimes que se encontram inseridos nesta categoria são de realçar os maus-tratos psíquicos com 37.3% e os maus-tratos físicos com 25.3%, exercidos de forma continuada em 70% dos casos. É de ressaltar que 82.3% das vítimas são do sexo feminino com idades compreendidas entre os 25 e 54 anos. Apesar da maioria das vítimas serem casadas (32.8%), a verdade é que as mulheres solteiras também representam

uma percentagem elevada nesta categoria (22.7%). O sexo masculino é destacado em 81.9% dos casos como agressor, com idades compreendidas entre os 25 e 54 anos. Note-se ainda que as mulheres aparecem como autoras do crime em apenas 14.2% dos casos e que a vitimação tende a durar entre dois a seis anos (19%).

Por outro lado, as estatísticas nacionais do Relatório Anual de Segurança Interna (2014) continuam a apontar em 81% dos casos as mulheres como vítimas de violência pelos parceiros, sendo 85% dos denunciados homens. Dos 81%, cerca de 10.2% das vítimas de sexo feminino possuíam menos de dezasseis anos, 9.3% entre os 16 e 24 anos e 80.5% mais de 25 anos. Em 81% das situações foram assinalados abusos psicológicos, 70% de abusos físicos, 13% de abusos de ordem social, 9% do tipo económico e 2% do tipo sexual. Note-se ainda que, nos casos de violência física de proporção elevada, 89% das situações ocorreu entre namorados. Um estudo internacional realizado por Ashely e Foshee (2005) permite também constatar que 72% das vítimas de violência são mulheres e 28% são homens.

Os resultados do *Violence against women: an EU-wide survey* FRA (2014) referentes a prevalência da violência psicológica apontam para o facto de uma em cada três mulheres (32%) serem vítimas de abusos psicológicos (e.g., humilhar, rebaixar ou insultar a mulher em locais públicos, ameaçá-la e intimidá-la propositadamente, controlar os seus atos, proibi-la de manter contacto com outras pessoas, entre outros). Relativamente à violência física e sexual, os dados apontam para uma em cada três mulheres (33%) terem sofrido violência física e/ou sexual desde os 15 anos de idade. Desses 33% cerca de 8% sofreram violência física e/ou sexual pelos parceiros nos últimos 12 meses anteriores ao inquérito. A forma mais comum de violência física relatada pelas mulheres neste estudo contempla empurrões, bofetadas, encontrões e puxões de cabelo. Relativamente à violência sexual 5% das mulheres foram obrigadas a manter relações sexuais, 6% referem ter sido coagidas por alguém e outros 6% afirmam ter praticado atos sexuais contra a sua vontade, por medo do que lhes pudesse suceder se rejeitassem tal prática.

Por último, os dados recolhidos pelo Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR (2014), no âmbito das relações de intimidade, revela a consumação de 24 femicídios e 27 tentativas de femicídio. Relativamente aos femicídios consumados, a mesma fonte evidencia que a faixa etária onde se verificaram

mais feminicídios corresponde à superior aos 65 anos de idade, representando 29% dos casos. De seguida, as faixas etárias mais afetadas foram as dos 36 e 50 anos e 51 e 64 anos, representando 25% dos casos. Contudo, verificou-se ainda que as faixas etárias dos 24 aos 35 anos e dos 18 aos 23 anos representaram, respetivamente, 17% e 4% dos casos. Note-se ainda que 59% dos feminicídios ocorreram em contexto de violência doméstica, sendo que 62% das mulheres já eram vítimas dessa relação. Por outro lado, nas tentativas de feminicídio que se verificaram em 81% dos casos, a vítima mantinha ou tinha mantido uma relação de intimidade com o agressor. A maioria das mulheres vítimas encontrava-se na faixa etária dos 36 a 50 anos de idade e 50% das tentativas verificaram-se em contexto de violência doméstica.

As evidências estatísticas apresentadas, numa primeira fase, elucidam-nos acerca da problemática da violência no contexto das relações de intimidade e serão objeto de análise mais profunda no capítulo seguinte.

2.5. Abordagens explicativas e fatores de risco

As diferentes abordagens teóricas que procuram explicar a violência praticada no seio das relações de intimidade, sobretudo a violência praticada contra as mulheres, podem ser agrupadas em três categorias, embora distintas, complementares entre si (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2012; Neves, 2008). Assim, de seguida, serão apresentadas as abordagens individualistas, familiares e socioculturais e os respetivos fatores de risco, que contribuem para a explicação do fenómeno da violência no contexto das relações íntimas.

2.5.1. Abordagens individualistas

As perspetivas individualistas surgiram como as primeiras explicações teóricas da violência na intimidade (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2012). Estas procuram explicar o fenómeno da violência através das características biológicas e psicológicas dos agressores, das características psicológicas e de personalidade das vítimas, que poderão aumentar a probabilidade de sofrerem algum tipo de violência (Eckhardt & Dye, 2000; Felson, 2000; Hydén, 1995).

Esta maior ou menor probabilidade de cometer ou sofrer práticas violentas tem por base formulações conceptuais realizadas através de estudos com vítimas e ofensores (Caridade & Machado, 2012; Neves, 2008).

Sensivelmente até à década de sessenta as teorias acerca da perpetração da violência tinham origem nos comportamentos psicopatológicos que associavam tanto os comportamentos dos agressores, como os comportamentos das vítimas, à condição de doença mental (Copenhaver,1998). Note-se que ao longo do percurso histórico sobressaem os nomes de autores como Lombroso e Durkheim, que se preocuparam em entender várias problemáticas associadas ao comportamento violento e criminoso, bem como as características individuais dos sujeitos, de modo a produzir categorias que auxiliassem o entendimento dos fenómenos inerentes ao crime e à violência (Neves, 2008; Neves & Fávero, 2010).

Contudo, no âmbito das relações de intimidade violenta, devido à diversidade de características e fatores associados à mesma, nem sempre se afigura fácil construir tipologias de análise como categorias homogéneas (Caridade & Machado, 2012; Neves, 2008).

Dentro da abordagem individualista destacam-se os fatores de risco intrapessoais como a depressão, ansiedade, baixa auto-estima, sensação de falta de poder e/ou controlo e comportamentos suicidas, associados à violência nas relações de intimidade (Caridade, 2011; Giordano, Soto, Manning & Longmore, 2010; Spriggs et al., 2009; Yan et al., 2010).

2.5.2. Abordagens familiares

As abordagens familiares integram várias perspetivas teóricas (e.g., teoria dos recursos, teoria da troca, teoria da aprendizagem social e a transmissão intergeracional da violência, teoria dos sistemas e teoria do conflito) (Dias, 2004; Oliveira & Sani, 2009) que serão apresentadas de seguida.

a) Teoria dos recursos

A teoria dos recursos explica a violência do ponto de vista do sistema social no qual se insere a família (Dias,2004). Segundo esta teoria, a violência pode surgir como recurso de ordem social, pessoal ou económico e privilegia a manutenção de dominância por um dos membros da família face aos restantes (Dias, 2004).

Goode (1971) identifica recursos como o nível de escolaridade, estatuto socioprofissional, sucesso, idade, rendimentos, inteligência e o próprio meio de socialização dos indivíduos, como fatores que podem pôr em risco o poder

dos membros da família (as cited in Dias, 2004). O mesmo autor refere ainda que a heterogeneidade de culturas e estratos sociais e económicos nem sempre possibilita que todos os indivíduos tenham acesso aos mesmos recursos. Deste modo, Goode atribui aos indivíduos de estratos socioeconómicos mais baixos uma maior probabilidade de recurso a práticas violentas, visto a ausência ou o baixo número de recursos à disposição dos mesmos poderem desencadear comportamentos violentos (as cited in Dias,2004).

Por último, a teoria dos recursos também identifica como fator significativo para ocorrência de violência a inconsistência de estatutos que os indivíduos possuam ou não em determinadas circunstâncias e que lhes permite decidir acerca dos comportamentos dos outros (Dias, 2004). Nesta ótica, Gelles e Straus (1979) referem que, atendendo à crescente inconsistência de estatutos e ao reduzido número de recursos, presentes em determinadas circunstâncias, a probabilidade de ocorrer violência na tentativa de manter uma posição de dominância é significativamente maior.

b) Teoria da troca

A teoria da troca estuda os comportamentos violentos com base no princípio de custos e benefícios. Segundo esta teoria, a violência é uma conduta praticada por quem pode e sempre que o princípio dos benefícios, isto é, as recompensas resultantes do comportamento abusivo, não excedam o princípio dos custos (Dias, 2004; Neves, 2008).

Segundo Barnett e colaboradores (1997) e Straus e Hotelling (1980), quando o princípio da justiça distributiva não é respeitado, ou seja, quando o indivíduo não recebe os benefícios esperados, os sentimentos de frustração podem gerar-se causando conflitos e comportamentos agressivos.

Gelles (1983) menciona a desigualdade social, a privacidade associada ao seio familiar e a imagem do “*real-man*” como fatores que diminuem os custos associados à violência praticada (as cited in Dias, 2004). Segundo o mesmo autor, as desigualdades presentes no quotidiano de muitas famílias dificultam o acesso a determinados recursos por parte das mulheres, fazendo com que os agressores não experimentem as punições necessárias para aumentar os custos. Por outro lado, a ideia de privacidade associada às famílias impossibilita a denúncia por parte da vítima ou de outros intervenientes sociais

(e.g., amigos, vizinhos), uma vez que prevalece a ideia de que os assuntos familiares devem ser resolvidos dentro de casa. Por último, a imagem do “*real-man*” apontada por Gelles (1983) preconiza que, nem sempre, a violência é percebida pelo agressor e pelos restantes membros da sociedade, como um problema ou uma perda, mas sim como um ganho de estatuto. Neste sentido, na opinião do mesmo autor, os custos resultantes das condutas violentas continuam a ser escassos, permitindo que o agressor continue a usufruir da gratificação e dos benefícios adjacentes à mesma (as cited in Dias, 2004).

Por último, a teoria da troca está de certo modo associada à teoria do controlo social (Dias, 2004). A teoria do controlo social explica porque determinados indivíduos praticam comportamentos violentos e outros não (Dias, 2004). Neste sentido, vários investigadores chegaram à conclusão de que os indivíduos que não possuem mecanismos de controlo, ou quando os possuem mas são reduzidos, existe uma maior probabilidade de se envolverem em comportamentos criminosos e violentos (Bersani & Chen, 1988 as cited in Dias, 2004).

c) Teoria da aprendizagem social

A teoria da aprendizagem social procura explicar os comportamentos violentos através dos mecanismos de aprendizagem e observação. Segundo esta perspetiva, o comportamento humano é apreendido de forma direta através da observação e modelagem de determinadas condutas (Bandura, 1971). Este modelo teórico sugere que a família, enquanto primeiro meio de socialização, é responsável pela modelagem de comportamentos observados e apreendidos pela criança, os quais poderão repercutir-se no futuro (Luthra & Gidycz, 2006).

A história prévia de violência interparental é um forte preditor de violência nas relações de intimidade juvenil, no sentido de contribuir para a legitimação de práticas violentas e de adoção de mecanismos abusivos na tentativa de resolução de conflitos (Arriaga & Foshee, 2004; Caridade, 2011; Carr & Vandusen, 2002; Kaura & Allen, 2004).

Segundo Oliveira e Sani (2009), a compreensão do fenómeno da violência nas relações de intimidade sempre esteve relacionado com a explicação de origem individual e intergeracional. A transmissão intergeracional da violência sugere que as condutas violentas são suscetíveis de transmissão de uma cultura geracional para outra (Gover et al., 2008; Milletich et al., 2010). Neste sentido,

as crianças que experienciaram práticas interparentais abusivas durante a infância, apresentam uma maior probabilidade de perpetuar ou sofrer abusos nas suas relações (Gover et al., 2008; Milletich et al., 2010; Straus, Gelles & Steinmetz, 1980).

d) Teoria dos sistemas

A teoria dos sistemas explica o comportamento violento através das interações (Dias, 2004; Neves, 2008). Esta abordagem explicativa considera que a violência praticada nas relações de intimidade corresponde a um processo interativo regulado pelo sistema relacional e, conseqüentemente, reforçado pelos agressores e pelas vítimas não sendo, portanto, produto de um mecanismo linear e causal (Greenspun, 2000).

Centrada no funcionamento familiar, a teoria dos sistemas explica os comportamentos abusivos com base nas pobres interações familiares (e.g., isolamento, regras inadequadas, pobre comunicação e expressão indireta de sentimentos) (Anderson & Schollossberg, 1999).

Segundo a opinião de McConaghy e Cottone (1998), todos os membros da família contribuem para este problema, através de padrões interativos contínuos, pelo que esta teoria também foca a sua atenção no modo como os comportamentos violentos são geridos e estabilizados pela própria estrutura familiar como um todo (Dias, 2004).

e) Teoria do conflito

A teoria do conflito propôs-se explicar os comportamentos violentos com base no conflito de interesses (Dias, 2004). Segundo Straus, Gelles e Steinmetz (1980) os conflitos que surgem no meio familiar podem originar condutas violentas porque, frequentemente, os vários membros da família tentam sobrepor os seus conflitos sobre os dos outros. Contudo, Dias (2004) refere que apesar da existência de conflitos, as estratégias de resolução dos mesmos também devem ser tidas em consideração, pelo que a análise da forma como são geridos e processados na estrutura familiar assume elevada importância.

2.5.3. Abordagens socioculturais

Os fatores sociais e culturais que procuram explicar a violência praticada no seio das relações de intimidade fazem parte das teorias macrossociológicas

(Caridade & Machado, 2012; Dias, 2004; Neves, 2008). Dentro desta abordagem podemos encontrar diversas teorias que explicam os comportamentos violentos através de fatores religiosos, políticos e culturais que, de certo modo, explicam a postura de dominância do homem face ao papel submisso da mulher (Schechter, 1982 as cited in Neves, 2008).

Assim, de seguida, serão apresentadas as perspetivas da cultura da violência, a teoria do interacionismo simbólico, as perspetivas feministas, a teoria patriarcal e a teoria ecológica (Dias, 2004; Neves, 2008) que contribuem, em grande medida, na análise da violência.

a) Teoria da cultura da violência

A teoria da cultura da violência propõe-se explicar o comportamento violento através de determinados grupos ou subculturas, cujas normas e valores sociais legitimam o uso da violência (Dias, 2004; Neves, 2008).

Sob o ponto de vista de Bersani e Chen (1988 as cited in Dias, 2004), as tendências de legitimação da violência são facilmente encontradas em determinados grupos étnicos e em estratos socioeconómicos mais desfavorecidos. Assim, os indivíduos que se inserem em culturas que legitimam o uso da violência contra a mulher por exemplo, incorporam no seu processo de socialização, práticas e disposições abusivas (Dias, 2004; Neves, 2008).

Vandello e Cohen (2003) referem que a violência nas relações de intimidade é um fenómeno comum a todas as culturas. Contudo, se atendermos as várias culturas existentes, podemos verificar que algumas mais do que outras legitimam o uso da violência (Levinson, 1989 as cited in Neves, 2008). As práticas violentas acabam por refletir-se na aceitação e tolerância cultural, sendo consideradas em vários sistemas sociais como forma de expressão cultural (Dobash & Dobash, 1979 as cited in Dias, 2004).

b) Teoria do interacionismo simbólico

A teoria do interacionismo simbólico propõe-se explicar o fenómeno da violência através da interação social, isto é, das dinâmicas, dos confrontos entre os diversos interventores mas, sobretudo, através dos significados que os indivíduos atribuem aos comportamentos violentos (Dias, 2004). Se atendermos ao facto de todos os intervenientes sociais interpretarem de forma

diferente diversos contextos e comportamentos, não será difícil compreender que os indivíduos atribuem a cada experiência um significado muito pessoal (Azevedo, 1995, Klein & White, 1996 as cited in Dias, 2004). Assim, segundo Dias (2004), os indivíduos interagem socialmente tendo por base o significado que atribuem as coisas e aos diversos contextos que fazem parte de um universo simbólico.

c) Perspectivas feministas

As perspectivas feministas explicam a violência contra as mulheres tendo por base as desigualdades de gênero, o conceito de patriarcado, os mecanismos coercitivos de controle e a crescente tolerância social e cultural face a violência (Dias, 2004; Ismail et al., 2007). Segundo Neves e Fávero (2010), esta abordagem para além de focar as diferenças de gênero enquadradas no período histórico e sociocultural tradicionalista, também começou a focar a sua atenção em outros fatores importantes como a idade, etnia, classe social e orientação sexual.

Assim, os pressupostos teóricos das perspectivas feministas focam a natureza genderizada da violência nas relações de intimidade, através das desigualdades de poder e distribuição de gêneros na sociedade (Caridade & Machado, 2012; Marin & Russo, 1999). Com base nos mesmos autores, as mulheres mantêm um papel de subordinação face ao homem que exerce, constantemente, domínio e controle sobre a mesma (Marin & Russo, 1999).

Associada às perspectivas feministas, a teoria patriarcal assume também uma elevada importância (Machado & Dias, 2010; Neves, 2008). Para além da teoria do patriarcado enfatizar que a violência praticada no seio das relações de intimidade se deve as tentativas de controle coercitivo por parte do homem, enfatiza, de igual modo, as várias políticas opressivas e as repercussões sobre a mulher (Dietz, 2000; Neves, 2008).

O patriarcado é marcado pela subordinação do papel da mulher face ao papel do homem, sendo estas características reforçadas pelas normas culturais que legitimam o homem como único detentor de dominância e superioridade social (Neves, 2008), devendo assim exercer o papel tradicional aceite e considerado normal pela própria sociedade (Machado & Dias, 2010).

As crenças sobre a masculinidade e feminilidade refletem-se nas próprias estruturas sociais, legais e económicas reforçadas através dos media e do quotidiano (Marin & Russo,1999). À mulher são associados os trabalhos domésticos, o cuidado familiar e a capacidade de manter uma relação conjugal (Foreman & Dallos,1993 as cited in Machado & Dias, 2010). Por outro lado, ao homem é associado o poder físico, económico e intelectual, a invulnerabilidade e eficiência (Connell, 1987 as cited in Machado & Dias, 2010).

d) Teoria ecológica

A abordagem ecológica perspetiva a violência como causa de uma complexa rede de influências não só individuais, mas também culturais, abrangendo portanto as teorias microssociologias e macrossociológicas (Machado & Dias, 2010).

Assim, a teoria ecológica preocupa-se com as variáveis individuais, psicológicas e com as interações socioculturais dos indivíduos em diversos contextos, sejam eles formais ou informais (Belsky, 1993).

É neste sentido que o legado cultural dos indivíduos assume grande importância, uma vez que influencia o seu modo de pensar, agir e, conseqüentemente, o modo como se relaciona e responde a determinadas situações (Garbarino,1993; Machado & Dias, 2010).

Alguns autores referem que “estas teorias podem incluir crenças acerca dos papéis familiares e de género, a aceitabilidade da agressão e dos seus efeitos, assim como as representações acerca do *self* e das relações” (Machado & Dias, 2010, p. 19).

A teoria ecológica é resultado do trabalho pioneiro de Bronfenbrenner (1979) que, apesar de ser aplicado em grande escala aos maus-tratos infantis, é uma das teorias mais reconhecidas na violência familiar (Machado & Dias, 2010). Segundo Dias (2004), esta teoria considera que os maus-tratos nas crianças podem resultar de fatores individuais, familiares, sociais, económicos e culturais, uma vez que centrados em sistemas ligados ecologicamente, a compreensão das influências, diretas ou indiretas, da violência e dos seus componentes, torna-se fulcral, sobretudo se atendermos a violência praticada nas relações de intimidade juvenil.

Os fatores de risco associados as abordagens socioculturais podem ser divididos em várias categorias (fatores ambientais, fatores sociodemográficos, fatores interpessoais e situacionais).

Para além da influência que os fatores familiares têm nas relações de intimidade juvenil, a influência que os fatores ambientais (e.g., grupo de pares) podem exercer no contexto de interação e transmissão de normas e/ou valores culturais não deve ser descuidada pois, segundo alguns autores, a influência exercida pelos pares consegue ser superior à influência exercida pelo contexto familiar (Arriaga & Foshee, 2004; Caridade, 2011; Foshee et al., 2011; Kinsfogel & Grych, 2004; Morgan & Korobov, 2012; Rulison et al., 2013).

Tendo em conta os fatores sociodemográficos, o nível socioeconómico é também uma das dimensões a abordar, embora os estudos neste sentido não sejam muito consistentes (Cleveland et al., 2003; Foshee et al., 2008; Caridade, 2011). De facto, alguns autores referem existir uma ligação positiva entre os níveis socioeconómicos mais elevados e a perpetração de violência por parte do sexo masculino (Rivera–Rivera et al., 2007), enquanto outros defendem que a essa ligação positiva, entre o estatuto socioeconómico e as práticas violentas, encontra-se frequentemente nos grupos sociais mais desfavorecidos (Castro & Ruíz, 2004; Rivera–Rivera et al., 2006).

Feita a apresentação dos postulados teóricos fundamentais da violência de género, essenciais para uma correta análise da violência nas relações de intimidade, o próximo capítulo será dedicado, exclusivamente, à compreensão e caracterização da problemática da violência no namoro nas camadas juvenis. Neste sentido, serão abordados os conceitos e definições, as evidências empíricas, os fatores de risco, as consequências e as pertenças de género, alvo de grande debate científico e académico e que despertaram o interesse em desenvolver o presente estudo.

Capítulo II – Violência no Namoro

1. Conceito e definições

No âmbito das relações íntimas juvenis, a violência de gênero é um problema social cada vez mais frequente. Ao contrário da ideia que muitos jovens possuem acerca da violência de gênero, ou seja, que surge apenas no casamento e já na idade adulta, é cada vez mais frequente este tipo de violência iniciar-se na fase da adolescência (Gorrotxategi & Haro, 1999). Nesta etapa, a violência pode começar por ocorrer entre os jovens do ensino básico e secundário, alargando-se até aos jovens do ensino superior e progredindo até a idade adulta (Lavoie et al., 2000; Gonçalves, 2013).

Gorrotxategi e Haro (1999) referem que nas relações amorosas juvenis existe uma forte tendência de desculpabilização dos atos violentos, explicada pelo crescente e significativo enraizamento de mitos e crenças acerca desta temática. Na verdade, os jovens enfrentam sérias dificuldades em distinguir os comportamentos abusivos dos não abusivos, levando a que certos preditores da violência (e.g., ciúmes excessivos e controlo exacerbado) sejam interpretados, pela maioria dos jovens, como provas de amor e/ou fidelidade (Gorrotxategi & Haro, 1999; Johnson et al., 2005).

Sendo o namoro uma relação interpessoal que visa a partilha de experiências e um certo comprometimento emocional, que reproduza sentimentos positivos e confortantes, não se espera que seja uma relação abusiva e insegura (Matos, 2006). Porém, as relações íntimas juvenis têm refletido nos vários estudos realizados, quer a nível nacional, quer a nível internacional, práticas abusivas e preocupantes (Caridade & Machado, 2012).

A violência no namoro, considerada como fenómeno transversal e cultural, tem-se assumido como grave problema em termos sociais e de saúde pública, no sentido de afetar jovens de diversas faixas etárias, estratos sociais e económicos (Antle et al., 2011; Munoz-Rivas et al., 2007; Neves, 2014; Pradubmook-Sherer, 2009; Rivera-Rivera et al., 2007). A sua definição abrange todo comportamento coercivo e violento, de cariz físico, psicológico e sexual, que vise estabelecer uma relação de poder e controlo sobre um dos parceiros (Ashley & Foshee, 2005; Gonçalves & Machado, 2002; Teten et al., 2009).

A violência no namoro integra-se desde 2007 no Código Penal Português, artigo 152º (Crime de violência doméstica). Porém, só a partir de (2013) é que o termo namoro aparece explícito na Lei nº19 de 21 de Fevereiro de 2013, contemplando “A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação” (Lei nº 19/2013). Deste modo, após a revisão do Código Penal de 2007, a obrigatoriedade de coabitação com o agressor deixou de ser necessária. Contudo, exige-se um condição de proximidade e/ou estabilidade relacional que permita equipará-la à relação dos conjugues (Caridade & Machado, 2012). Embora estas mudanças tenham despertado alguns debates entorno dos nossos juristas, na verdade, várias entidades públicas (e.g., Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género), Associações Não Governamentais e Instituições Particulares de Solidariedade Social (e.g., Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, União de Mulheres Alternativa e Resposta, entre outras) têm aplicado inúmeros esforços em termos de prevenção e apoio às vítimas de violência doméstica, não só as mulheres e crianças, mas também às faixas etárias juvenis, nas quais se tem verificado inúmeras situações de violência (Caridade & Machado, 2012; Caridade et al., 2012).

As diversas definições, as diferentes metodologias e o próprio tratamento dos dados podem propiciar uma falsa leitura dos resultados, pelo que os mesmos devem ser interpretados com o maior cuidado (Neves, 2014; Teten et al., 2009). Neste sentido, afigura-se essencial o uso de uma terminologia adequada que realmente permita compreender a prevalência, as causas que estão na base destes comportamentos e as consequências que do mesmo resultam (Neves, 2014; Teten et al., 2009).

2. Evidências empíricas

Inicialmente as investigações sobre violência nas relações de intimidade preocupavam-se com violência conjugal, a qual assumia proporções preocupantes. Recentemente, as investigações alastraram-se à temática das relações juvenis abusivas que tinham permanecido até a década de 80 encobertas (Caridade et al., 2012; Caridade & Machado, 2006, 2012; Price et al., 1999). Através de alguns inquéritos de vitimação alargados a outros grupos sociais, nomeadamente às camadas juvenis, foi possível identificar valores elevados de violência nos jovens (Caridade & Machado, 2012). Parece

assim existir um grande envolvimento por parte dos jovens adolescentes em comportamentos violentos, os quais representam tanto o papel de vítima como de agressores e tendem a incorporar estas práticas no seu quotidiano (Adorno et al., 1999; Guimarães & Campos, 2007).

Neste sentido, alguns estudos realizados têm evidenciado a grande dificuldade que os jovens, sobretudo as raparigas, têm em distinguir comportamentos abusivos de brincadeiras de amor, notando-se que a maioria dos rapazes recorrem a comportamentos abusivos para controlarem as namoradas (Chase et al., 2002; Glass et al., 2003; Johnson et al., 2005). Um estudo realizado por Ashley e Foshee (2005) demonstra que os jovens que sofrem ou praticam violência (e.g., 60% das vítimas e 79% dos agressores) não procuram ajuda por não atribuírem, quiçá, a devida importância aos comportamentos violentos.

A caracterização da dimensão e prevalência da violência entre jovens que mantinham relacionamentos amorosos, em termos de vitimação e agressão, iniciou-se primeiramente a nível internacional. Deste modo, algumas evidências começaram por sugerir que a violência no namoro constitui um forte preditor de violência na intimidade adulta, para além do seu prolongamento constituir um fator de risco, no sentido de aumentar os níveis de intensidade e severidade (Arriaga & Foshee, 2004; Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000).

Num primeiro momento os estudos preferenciavam o abuso físico em detrimento dos outros tipos de violência (e.g., psicológica e sexual). Porém, esta tendência veio a modificar-se, notando-se um maior interesse em estudar os vários tipos de violência (e.g., física, psicológica e sexual), em consequência dos estudos iniciais revelarem a agressão psicológica como forte preditor da agressão física (Caridade & Machado, 2012; Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004). As investigações nesta área também se estenderam a outras faixas etárias e grupos sociais (e.g., jovens do ensino superior e secundário), de modo a conseguir perceber os significados atribuídos a este tipo de práticas (Caridade & Machado, 2006, 2012).

O primeiro estudo sobre a violência nas relações de intimidade juvenil foi conduzido por Makepeace (1981). O estudo deste autor veio demonstrar que as relações íntimas entre estudantes universitários eram pautadas por comportamentos violentos, sendo que um em cada cinco jovens tinha sofrido

pelo menos uma forma de violência física por parte do seu parceiro (Makepeace, 1981). Desde a década de 80 do século XX até os dias de hoje, desenvolveram-se inúmeros estudos neste domínio, com vista a caracterizar as variabilidades e dimensões deste fenómeno que parecem assumir proporções elevadas e alarmantes juntos dos jovens (Neves, 2014; Straus, 2004).

No âmbito dos relacionamentos de namoro entre estudantes universitários Avery-Leaf e colaboradores (1997) destacam que os níveis de frequência com que o abuso acontece rondam os 9% e 57%, sendo estas taxas de prevalência similares às encontradas em outros estudos (Barrick et al., 2013; Desmarais et al., 2012 Kaukinen et al., 2012).

Neste sentido, Connolly e Josephson (2007) referem que 20% a 50% dos jovens envolveram-se em relacionamentos marcados por alguma forma de abuso. Já O'Leary e colaboradores (2008), um ano depois do estudo anteriormente referido, constataam que aproximadamente 66% a 86% dos relacionamentos de namoro evidenciam violência mútua. Por outro lado, a investigação desenvolvida por Cárdenas e colaboradores (2013) no México, revela que pelo menos 46% dos jovens já sofreram algum tipo de abuso no contexto de uma relação de namoro, sendo estes dados corroborados pelos resultados obtidos no Inquérito Nacional de Violência nas Relações de Namoro pelo Instituto Mexicano da Juventude (2007), o qual indica que 16.4% dos jovens foram vítimas de violência física, 75.8% de violência psicológica e 16.5% de violência sexual (as cited in Cárdenas et al., 2013).

O estudo realizado por Giordano e colaboradores (2010) revela que os jovens entrevistados relatam violência mútua, sendo os valores dessa violência semelhantes nas raparigas (47%) e nos rapazes (52%) e, corroborados pelo estudo de Van Camp e colaboradores (2014), em que 46.7% dos jovens que compunham a amostra tinham admitido praticar violência mútua. Num outro estudo realizado nos EUA, as estimativas de violência entre parceiros íntimos variam entre os 2% e 60% (Hamby, 2014).

Um estudo recente realizado nos EUA por Young e Furman (2013) evidencia que 40.5% das jovens sofrem de violência física por parte do namorado, 42.9% relatam ter sido empurradas, 31.7% terem-lhe atirado algum objeto, 18.3% sofrido puxões de cabelo, torceduras de braço e/ou terem sido empurradas

contra a parede. Este mesmo estudo evidencia que 26.7% tiveram lesões físicas como entorses, contusões, cortes e 14.3% sentiram dores que se prolongaram no tempo. O mesmo estudo sugere que 85.1% das jovens mantiveram contacto sexual indesejado com o parceiro, destacando-se em 50.9% dos casos carícias e beijos, em 75.5% dos casos o coito em si, devido à pressão verbal exercida pelos namorados, 34.1% relatam ter mantido relações sexuais forçadas sem uso de preservativo, 36.5% ter sido coagidas através de ameaças e 11.9% forçadas a manter o ato sexual através de agressão física (Young & Furman, 2013).

Uma das preocupações mais recentes, associadas à violência sexual na intimidade juvenil, é o fenómeno do *sexting*, tendo em conta que a tecnologia tem vindo a mudar a forma como os jovens interagem e comunicam com o grupo de pares (Hinduja & Patchin, 2010; Lounsbury et al., 2011; Martinez-Prather & Vandiver, 2014; Mitchell et al., 2012; Wolak & Finkelhor, 2011).

O *sexting* é um comportamento através do qual se enviam ou recebem imagens, textos ou vídeos de cariz sexual, através do recurso às tecnologias de informação e comunicação (e.g., internet, telemóveis, redes sociais, blogs, camaras web) (Agustina & Gómez-Durán, 2012; Lounsbury et al., 2011; Mitchell et al., 2012). Este comportamento entre adolescentes parece estar a assumir proporções elevadas pelo que, as preocupações com este fenómeno não se restringem apenas aos meios de comunicação social, mas também aos pais, escolas e sistema judicial. Neste sentido, têm-se desenvolvido variados estudos a nível internacional de modo a permitir identificar a prevalência deste novo problema, apesar das taxas existentes não serem muito consistentes entre si (Lounsbury et al., 2011).

Os resultados do estudo realizado por Mitchell e colaboradores (2012) evidenciam que, cerca de 9.6 % dos jovens que integram a amostra, relatam ter aparecido em fotografias de cariz sexual ou terem recebido fotografias de outros jovens que apareciam nus ou seminus. As fotografias enviadas e recebidas contemplavam cenários nos quais os jovens tomam banho, vestem roupas íntimas, focam órgãos genitais ou fazem poses provocadoras. Neste mesmo estudo 61 % dos jovens eram do sexo feminino, 72% com idades compreendidas entre os 16-17 anos e 6% com idades compreendidas entre os 10-12 anos. Note-se ainda que, em 31% dos casos, os jovens envolvidos em comportamentos de *sexting* reportam consumo de álcool e drogas. Quando

confrontados com os motivos que os levavam a ter este tipo de comportamento, os jovens referem fazê-lo quando já tiveram ou têm um relacionamento, na brincadeira ou com o intuito de começar uma relação com a pessoa a que enviam fotos, vídeos ou textos (Mitchell et al., 2012).

Um outro estudo realizado em EUA pela Cox Communications (2009), revela que 19% dos jovens que tinham enviado ou recebido imagens de pessoas nus ou seminus eram 12% raparigas e 6% rapazes. Este estudo também evidencia que 65% das raparigas e 35% dos rapazes, com idades compreendidas entre 18 e 19 anos, são mais propensos a este tipo de comportamentos, embora 61% das raparigas e 39% dos rapazes com idades entre os 13 e 15 anos também o façam. Neste estudo 3% dos jovens referem ter reencaminhado as imagens para outras pessoas e 18% dos jovens referem ter recebido imagens sexualmente sugestivas sem saber quem era a pessoa (Cox Communications, 2009). Estes estudos são corroborados por outras investigações, sugerindo que os jovens mais velhos são mais suscetíveis a enviar esse tipo de imagens comparativamente com os jovens mais novos (AP-MTV, 2009; Lenhart, 2009; Temple et al., 2012).

No estudo realizado por Martinez-Prather e Vandiver (2014), 31% dos jovens relataram enviar imagens pessoais de cariz sexual para outros jovens em contexto escolar, enquanto 18% dos jovens relatam ter tirado fotografias dos seios, órgãos genitais ou nádegas para visualização pessoal. Da amostra total de 257 alunos, 56% relatam ter recebido imagens sugestivas e sexuais de outras pessoas, inclusive, de desconhecidos. No mesmo estudo 37% das imagens eram enviadas para namorados e 23% a pessoas de que gostavam ou com quem mantinham uma relação do tipo ocasional. Segundo Martinez-Prather e Vandiver (2014) é também evidente que as raparigas são as que mais enviam e/ou recebem imagens do seu corpo, ou do corpo de outros jovens, para outras pessoas, comparativamente com os rapazes. Quando questionados acerca dos motivos que os levam a ter tais comportamentos os jovens respondem, em 51% dos casos, que é uma forma de conquistar outra pessoa, 17% relatam ter sido pressionados pelo namorado e 13% assumem este tipo de comportamento como forma de chamar a atenção, de mostrar interesse para manter contacto sexual com alguém e/ou apenas como brincadeira (Martinez-Prather & Vandiver, 2014).

As várias investigações têm vindo a demonstrar que estes comportamentos costumam ser recorrentes nos jovens que mantêm uma relação de namoro e/ou relações do tipo ocasional, sendo acompanhados de fatores de risco como comportamentos sexuais precoces e inadequados, múltiplos parceiros sexuais e consumo de álcool ou drogas (AP-MTV, 2009; Cox Communications, 2009; Temple et al., 2012).

Uma das preocupações associadas aos comportamentos de risco do *sexting* relacionam-se, não só com a prática do *cyberbullying*, mas também com a circulação de imagens de cariz sexual na internet, à disposição dos potenciais predadores sexuais, bem como com as possíveis consequências legais e de saúde, pelo que importa apostar em medidas de prevenção e educação deste tipo de comportamentos (Mitchell et al., 2012).

Assim, as competências sociais de aprendizagem, educação e relacionamento assumem elevada importância no sentido de diminuir a probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco (Caridade & Machado, 2006; Duarte & Lima, 2006; Saavedra, 2011; White, 2009).

Em Portugal, um estudo desenvolvido com estudantes do ensino superior constatou que uma percentagem considerável de jovens recorria a práticas abusivas no seio das relações de intimidade, sendo que 15.5% assumiam-se como vítimas e 21.7% como perpetradores (Machado, Matos & Moreira, 2003). No estudo conduzido por Machado, Matos e Moreira (2003) verifica-se que os atos comumente praticados pelas jovens são insultar, gritar, atirar objetos, dar bofetadas e difamar, embora não se verifiquem diferenças muito significativas relativamente as questões de género.

Um ano após o estudo anteriormente referido, Paiva e Figueiredo (2004) conduziram um estudo no qual encontraram taxas de perpetração de violência consideravelmente elevadas, entre as quais se destacam a violência psicológica com 53.8%, a violência sexual com 18.9% e a violência física com 16.7%. No mesmo estudo, em termos de vitimação, o abuso psicológico atinge os 50.8%, o abuso sexual 25.6% e o abuso físico os 15.4% (Paiva & Figueiredo, 2004).

O estudo nacional realizado por Machado, Macieira e Carreiras (2010) revela 48% de prevalência de violência nas relações amorosas, com taxas de 31% para a perpetração e 43% de vitimização corroborando, de certo modo, os

resultados apresentados nos estudos de Machado, Matos e Moreira (2003) e Paiva e Figueiredo (2004).

Um estudo nacional realizado recentemente, evidencia que 25.4% dos jovens sofreram pelo menos um ato abusivo no ano anterior, sendo 13.4% referentes a abusos físicos e 19.5% a abusos emocionais. Em termos de perpetração, 30.6% relataram ter cometido pelo menos uma vez um ato abusivo contra o seu parceiro, sendo 18.1% referente à violência física e 22.4% à violência psicológica (Machado, Caridade & Martins, 2010). Neste mesmo estudo, conclui-se que as raparigas perpetram mais abusos que os rapazes em termos psicológicos, emocionais e físicos (Machado, Caridade & Martins, 2010), sendo estes dados corroborados pelos obtidos no estudo realizado por Caridade (2011).

3. Fatores de risco

Nos últimos anos, os estudos têm vindo a sistematizar fatores que aumentam a probabilidade da violência na intimidade se instalar entre os mais jovens. Apresentam-se, em seguida, alguns fatores de índole intra-individual, familiar e social.

Um estudo realizado por Roberts e colaboradores (2003) sugere que alguns fatores intrapessoais nos jovens, como a depressão e os comportamentos suicidas, podem não só constituir percussores da violência mas também ser causas do impacto da mesma.

Já um estudo realizado por Kreiter e colaboradores (1999) mostra-nos que as jovens que tentaram suicidar-se estão mais suscetíveis a sofrerem violência física nas relações comparativamente com as jovens que não apresentam ideação suicida.

Por sua vez, os estudos realizados por Cleveland e colaboradores (2003) e Foshee e colaboradores (2004) corroboram as evidências do estudo de Roberts e colaboradores (2003), no qual a depressão associa-se como fator de risco à ocorrência de abuso físico e psicológico nas relações de intimidade juvenil.

Quanto à baixa auto-estima, as evidências empíricas não têm sido esclarecedoras, visto existirem estudos em que não se encontra uma ligação entre a baixa auto-estima e violência na intimidade (Cleveland et al., 2003; Foshee et al., 2004; O'keefe, 1998), enquanto noutros, a baixa auto-estima

apresenta-se como fator de risco para a violência nas relações de namoro, sobretudo para as raparigas (Jezl et al., 1996).

Porém, os comportamentos anti-sociais nos jovens adolescentes têm sido relacionados, de igual modo, à maior probabilidade de prática de violência física nas relações de namoro (Caridade, 2011). O estudo desenvolvido por Roberts e colaboradores (2003), comprova que a vitimação no contexto das relações juvenis esta associada às condutas anti-sociais femininas e masculinas.

As diversas investigações científicas têm vindo a comprovar, sistematicamente, que o funcionamento familiar pode influenciar a qualidade das relações íntimas juvenis pelo que, segundo alguns autores, a exposição à violência interparental na infância tem uma ligação direta com a violência que os jovens praticam no contexto das relações de namoro (Arriaga & Foshee, 2004; Caridade, 2011; Carr & Vandusen, 2002; Kaura & Allen, 2004; Lavoie et al., 2002; Maas et al., 2010; Making-Byrd et al., 2013; Spriggs et al., 2009; Yan et al., 2010).

Segundo Wolf e Foshee (2003), os jovens que vivenciam violência familiar são mais propensos a desenvolver sentimentos de raiva e, por sua vez, tornam-se mais suscetíveis de praticar atos abusivos nas relações de namoro. Segundo os mesmos autores, esta associação entre a experiência de violência interparental e a perpetração de violência nas relações de intimidade juvenil é válida tanto para rapazes como para raparigas, contudo, o sexo masculino tem-se evidenciado mais propenso a desenvolver tais características (Wolf & Foshee, 2003).

Kinsfogel e Grych (2004) referem também que a perceção do jovem acerca do comportamento abusivo, como aceitável ou justo para resolver determinados conflitos, está largamente associado às explicações de ocorrência de violência na intimidade juvenil. Neste sentido, se os jovens associarem às práticas abusivas mais consequências positivas do que negativas, têm mais probabilidade de atribuir expectativas positivas as condutas violentas (Foshee, Bauman & Linder, 1999).

Segundo Gelles (1997), sendo a família um dos principais agentes de socialização, os valores sociais e ideológicos transmitidos ao jovem podem

potenciar o uso de comportamentos violentos (e.g., crenças acerca dos papéis de gênero) (as cited in Caridade, 2011).

Simons, Lin e Gordon (1998) referem como fator precipitante da violência nas relações de intimidade juvenil os comportamentos delinquentes, o uso de substâncias e a ausência ou ineficácia das práticas parentais.

Um estudo recente realizado por Boivin, Lavoie, Hébert e Gagné (2012) revela que 46.9% das raparigas e 31.1 % dos rapazes que presenciaram violência interparental são mais propensos a desenvolver condutas violentas nas relações de namoro. Por outro lado, Howard e colaboradores (2003) comprovaram também no seu estudo que as práticas parentais adequadas, como o acompanhamento e monitorização, diminuem a probabilidade dos jovens serem vítimas de violência, uma vez que estão menos expostos a contextos sociais de maior risco (e.g., consumo de álcool e/ou drogas).

Porém, autores como Carr e VanDeusen (2002) têm contestado a associação entre as práticas parentais disfuncionais, a violência interparental e a violência na intimidade juvenil. Neste sentido, o estudo realizado por Lichter e McCloskey (2004) vem sugerir que não necessariamente os jovens inseridos num ambiente familiar violento têm que desenvolver práticas violentas. O estudo realizado por estes mesmos autores sugere que os jovens inseridos em famílias violentas e conflituosas têm tendência a reprovar esse tipo de condutas (Lichter & McCloskey, 2004). Deste modo, diversos autores começam a defender que nem sempre a vivência de comportamentos abusivos determina, obrigatoriamente, condutas violentas e abusivas (Caridade, 2011).

Assim, segundo um estudo realizado por O'Keefe (1998), existem fatores de risco e de proteção que podem funcionar como mediadores entre a experiência de violência interparental e as práticas violentas no contexto das relações de namoro juvenil. O'Keefe (1998) identifica que, nos rapazes, a elevada auto-estima funciona como mecanismo protetor, enquanto o estatuto socioeconómico, a legitimação da violência e exposição a práticas abusivas na comunidade, incluindo a escola, funcionam como fatores de risco. Por sua vez, ao gênero feminino estão associados fatores protetores como o sucesso escolar, enquanto a exposição à violência na comunidade e a história prévia de abuso na infância relacionam-se com fatores de risco.

Segundo Jankowski e colaboradores (1999), os jovens que assistem à violência interparental praticada pelo mesmo gênero, são mais suscetíveis de reproduzir atos de agressão física nas relações de namoro juvenil. Contudo, segundo Kaura e Allen (2004), quando as raparigas presenciam violência por parte do pai contra a mãe estão mais propensas a desenvolver comportamentos de perpetração de violência e, do mesmo modo, os rapazes que assistem à violência praticada por parte da mãe contra o pai, têm mais probabilidades de praticar violência contra as suas parceiras nas relações de namoro.

Por último Simonelli e colaboradores (2002) referem que a violência física, psicológica e sexual praticada contra os irmãos, pode constituir um fator de risco nas relações de intimidade juvenil, tendo em conta que podem identificar a violência como correto mecanismo de interação entre os pares.

Segundo o estudo realizado por Arriaga e Foshee (2004), a interação com pares que já tenham perpetrado ou sofrido violência constitui um fator de risco para ocorrência de violência nas relações de intimidade juvenil. Um outro estudo veio também comprovar que a interação com grupo de pares violentos é um forte preditor de violência nas relações de intimidade juvenil para ambos os sexos, embora a perpetração esteja mais associada ao sexo masculino (Foshee et al., 2001; Foshee et al., 2013; Ozer et al., 2004). Todavia, autores como O'Keefe (1998) têm salientado que a exposição à violência na comunidade e na escola facilita o processo de modelagem de comportamentos violentos, o que poderá associar-se à mais um fator de risco ambiental.

De igual modo, os jovens que se associam a grupos de pares que praticam *bullying* apresentam uma maior probabilidade de praticarem violência no namoro (Ellis & Wolfe, 2014). O estudo desenvolvido por estes autores, constata que o *bullying* está associado às práticas violentas nas relações de intimidade juvenil, em termos de vitimação e perpetração, sendo assim um forte preditor de violência nas relações de namoro (Ellis & Wolfe, 2014).

A par dos fatores ambientais, Archer (2000) enfatiza que as variáveis sociodemográficas assumem, de igual modo, uma função relevante na análise das relações de intimidade juvenil violentas. Neste sentido, não podemos descuidar as questões de gênero associadas às questões de violência nas relações de intimidade (Archer, 2000). Ao atendermos as questões de gênero, bem como à frequência e gravidade dos danos causados pela violência, são as

raparigas que se encontram numa posição desfavorecida, comparativamente aos rapazes, uma vez que sofrem diferentes tipos de violência entre os quais se destaca a violência sexual (Molidor & Tolman, 1998).

Sendo as questões de género reforçadas no período da adolescência, fase na qual se verificam mudanças complexas nos papéis de género, interiorizados e enfatizados pelo processo cultural, torna-se fulcral atender aos sinais que poderão estar na base do problema nesta etapa (Caridade & Machado, 2006; Gorrotxategi & Haro, 1999). Como Oliveira e Sani (2009) referem, o património social e cultural que advém de geração em geração, reflete-se na forma como a sociedade se organiza e legitima determinadas práticas, manifestando-se segundo Fernández (1998), através das especificidades das várias culturas.

Um estudo desenvolvido por O’Keefe (1997 as cited in Caridade, 2011) constata que o recurso à violência por parte dos homens relaciona-se com o seu *background* individual, ao contrário das mulheres, relacionado com fatores situacionais (e.g., nível de envolvimento amoroso, conflitos relacionais), sendo este estudo corroborado pelo estudo de Cleveland e colaboradores (2003). Ainda, o estudo desenvolvido por O’Keefe e Treister (1998 as cited in Caridade, 2011), evidencia que às raparigas associam-se fatores preditivos de violência quando estas acreditam que os comportamentos abusivos são justificáveis, quando elas próprias praticam violência, quando surgem conflitos mais graves na relação de namoro, quando não se sentem satisfeitas com a relação, quando existe um grande envolvimento emocional ou até quando tiveram vários parceiros amorosos mesmo que estivessem a namorar. Relativamente aos rapazes, a história prévia de agressões por parte de algum adulto, a baixa auto-estima e as lutas constantes com o grupo de pares são preditores de violência no contexto das relações de namoro juvenis (Foshee et al., 2005).

Um estudo recente realizado por Foshee e colaboradores (2013), evidencia que os jovens que possuem um *status* social elevado apresentam maior risco de recorrer a práticas violentas nas relações de namoro. Contudo, este mesmo estudo revela que os jovens que se associam a grupo de pares pró sociais têm menor probabilidade de recorrer a práticas violentas (Foshee et al., 2013).

Autores como O’Keefe (1998) sugerem que indivíduos provenientes de estatutos socioeconómicos baixos são mais propensos a sofrer e praticar

violência nas relações de intimidade, devido a inúmeros problemas (e.g., desemprego, stress, escassas estratégias de *coping*), tornando-se mais vulneráveis a recorrer a práticas violentas como estratégias de resolução de conflitos.

Ainda, relativamente aos fatores sociodemográficos, a área de residência (e.g., urbana, suburbana ou rural) tem sido associada aos fatores de risco para práticas de violência na intimidade juvenil, devido à localização do espaço e às características do mesmo (Vézina & Hébert, 2007). Segundo o estudo de Lane e Gwartney-Gibbs (1985), os adolescentes que residem em áreas urbanas são mais vulneráveis à violência comparativamente com os jovens que residem em áreas pouco urbanizadas. Também Glass e colaboradores (2003) referem que residir em bairros sociais, marcados pela pobreza e pouca organização social, poderá potenciar o desenvolvimento de relações violentas juvenis. Porém, o estudo realizado por Spencer e Bryant (2000), constata que os jovens que moram em áreas rurais têm mais probabilidade de sofrer violência no seio das relações de intimidade juvenil comparativamente aos jovens que residem em áreas urbanas e suburbanas. Verifica-se deste modo que os resultados apresentados anteriormente não são muito consistentes. A área de residência poderá ou não favorecer as práticas violentas no contexto das relações juvenis. Contudo, não são claras as áreas de residência que podem favorecer a ocorrência de tais práticas, pelo que importa reter a ideia de que a violência poderá ocorrer em diversos contextos (Caridade, 2011).

Por último, tem-se também comprovado que a adesão dos jovens a práticas religiosas está associada à diminuição dos comportamentos de risco (e.g., consumo de álcool e drogas), a par de mediar a possibilidade de práticas violentas no contexto das relações amorosas juvenis (Howard, Qiu & Boekeloo, 2003). Segundo estes autores, as crenças religiosas potenciam as normas e valores socioculturais corretos e reprovam o uso da violência, podendo assim funcionar como fatores protetores que propiciem uma baixa adesão aos comportamentos violentos (Howard, Qiu & Boekeloo, 2003).

Dentro dos fatores de risco associados as abordagens socioculturais, também se enquadram os fatores interpessoais que podem estar associados as práticas violentas no contexto das relações de intimidade (Caridade, 2011). Assim, a satisfação dos jovens com a própria relação amorosa, o modo de resolução de conflitos e as estratégias de comunicação entre o casal poderão preceder

comportamentos de vitimação e/ou perpetração ou poderão ser consequências do mesmo (Lewis & Fremouw, 2001). Segundo Matos e colaboradores (2006), a fase da adolescência marcada por inúmeras transições, sobretudo no sentido de os jovens adquirirem alguma independência, pode influenciar negativamente o reconhecimento de situações abusivas e a correta procura de resolução de conflitos.

De igual modo, segundo Caridade (2011) e Kaura e Allen (2004), as questões relacionadas com a assimetria de poder, isto é, quando a toma de decisões no contexto da relação de namoro é feita apenas e unicamente por um dos parceiros, o risco da violência ocorrer é superior comparativamente com os casais de namorados que partilham a toma de decisões. Assim, segundo O'Keefe e Treister (1998 as cited in Caridade, 2011), as próprias normas socioculturais e os padrões educativos transmitidos, sobretudo às raparigas, influenciam a legitimação da violência e a superioridade do homem face a mulher. Outro fator de risco associado a violência nas relações juvenis relaciona-se com o compromisso da relação, a duração, o número de parceiros e o grau de envolvimento sentimental entre os mesmos (Caridade, 2011). Segundo alguns autores, a tolerância face ao comportamento abusivo acresce quando o grau de envolvimento emocional e o compromisso da relação é maior (Cate et al., 1982). Um estudo realizado por Antunes e Machado (2012) revela que as relações ocasionais entre jovens adolescentes são muito frequentes (72.3%) e que o risco de ocorrência de violência, neste tipo de relações, é deveras preocupante. As taxas apresentadas neste estudo revelam que 43.2% dos jovens perpetraram atos abusivos e 37.3% sofreram vitimação (Antunes & Machado, 2012).

Os estudos realizados com adolescentes evidenciam a forte tendência de banalização de comportamentos violentos e abusivos, os quais só os consideram “graves” quando se recorre ao uso da força física desvalorizando, portanto, outros tipos de violência (Guimarães & Campos, 2007; Machado, Macieira & Carreiras, 2010; Ribeiro & Sani, 2008).

Assim, autores como Guimarães e Campos (2007) têm constatado, cada vez mais, que existe uma forte associação entre a adolescência e os comportamentos violentos e criminosos (e.g., assaltos e roubos) e que estes são reforçados em grande parte pela opinião pública.

O estudo realizado por Adorno e colaboradores (1999) relata o grande envolvimento dos jovens em comportamentos de risco e o aumento de vitimação do qual são alvo. Por sua vez, o estudo realizado por Ribeiro e Sani (2008), mostra que os jovens legitimam e banalizam a violência por motivos de ordem pessoal (e.g., características da vítima), por fatores externos ao agressor (e.g., consumo de álcool e drogas) e pela ausência de partilha sentimental entre ambos, sendo este estudo corroborado pelos estudos de Lavoie, Robitaille e Hébert (2000) e Machado, Matos e Moreira (2003).

As crenças que os jovens possuem acerca do recurso à violência advêm de uma crescente influência social e cultural, que influencia a forma como os jovens avaliam o contexto que os rodeia e formulam o seu próprio pensamento (Carlson, 1999; Machado, 2010). Neste sentido, Ellis e Wolfe (2014) referem que os comportamentos agressivos e intimidatórios são frequentemente reforçados no contexto social. Segundo os mesmos autores, os jovens recorrem à violência porque anseiam controlar o parceiro e, muitas vezes, incluir-se em determinados grupos de pares (Ellis & Wolfe, 2014).

Apesar de alguns estudos revelarem que os jovens pouco concordam com o uso de violência nas relações de namoro (Caridade & Machado, 2006), as crenças relativas aos papéis de género tradicionais na sociedade aumentam o risco de práticas abusivas, levando-os a acreditar que em determinadas circunstâncias essas práticas são permissivas (O'Keefe, 2005).

Estudos realizados por Caridade e Machado (2006) e Machado, Matos e Moreira (2003) mostram que alguns homens, comparativamente às mulheres, concordam mais com a utilização de práticas abusivas, sendo estes resultados corroborados pelos estudos de Machado e colaboradores (2007), Feiring e colaboradores (2002), Price e colaboradores (1999) e Machado, Macieira e Carreiras (2010). Em termos gerais, os rapazes demonstram uma grande vontade de desempenhar os papéis de género tradicionais no contexto das suas relações amorosas (e.g., execução do poder e controlo) (Wolfe, Wekerle & Scott, 1997). Por sua vez, os rapazes têm uma maior tendência em atribuir às causas da violência fatores externos como o consumo de álcool, drogas, pobreza, a violação da privacidade da relação, atribuindo muitas vezes a culpa as mulheres por determinados comportamentos (Caridade & Machado, 2006; Machado, Matos & Moreira, 2003).

Por sua vez, as raparigas, percebem a violência exercida pelos seus namorados como modo de intimidação e, ao mesmo tempo, como prova de amor e fidelidade explicada pelos ciúmes e pela forte dependência emocional que sentem (Caridade & Machado, 2006; Johnson et al., 2005, Machado, 2010; Wolfe, Wekerle & Scott, 1997). Neste sentido, Nascimento e Cordeiro (2011) referem que, frequentemente, os jovens acreditam que com o tempo a relação abusiva deixará de o ser, sobretudo se aplicarem esforços para agradar o parceiro (e.g., aguentar insultos, desrespeitos, estalos), pois no fundo revelam-se como formas de amor e cuidado. Atualmente verifica-se que muitos jovens recorrem a comportamentos violentos na “brincadeira”. O estudo realizado por Fernández-González e colaboradores (2013) revela que 48.8% das raparigas e 50% dos rapazes que recorrem a violência física fazem-no atribuindo o sentido de brincadeira. De igual modo, o estudo realizado por Ribeiro e Sani (2008) revela que 23.4% dos jovens que integram a amostra consideram a violência entre crianças ou jovens atos de diversão.

A análise das crenças que os jovens possuem acerca das motivações que podem levar ao comportamento violento assumem elevada importância em torno das relações íntimas juvenis (Machado, 2010). Os jovens que acreditam na eficácia do comportamento violento como forma de controlo, poder e posse sobre o parceiro tendem a recorrer, com frequência, a este tipo de comportamentos como modo de resolução de conflitos, enquanto os jovens que rejeitam as práticas abusivas têm uma menor probabilidade de se envolverem em comportamentos violentos (Machado, 2010).

Conclui-se assim que a adolescência é um bom período para pôr em prática métodos de prevenção da violência no namoro, com vista a diminuir e/ou evitar futuras relações violentas (Caridade & Machado, 2006; Martsolf et al., 2012; Saavedra, 2011).

Por último, os fatores situacionais associados às abordagens socioculturais revelam-se importantes no sentido de abordarem a associação entre o consumo de substâncias e a violência na intimidade juvenil, sendo corroborados por diversas investigações empíricas (Buzy et al., 2004; Caridade, 2011; Cleveland et al., 2003; Lavoie et al., 2000; Roberts et al., 2003; Spriggs et al., 2009; Yan et al., 2010).

Inicialmente, os estudos começaram por dar ênfase à relação entre o consumo de substâncias por parte dos rapazes e às potencialidades de agressão face as parceiras (Testa et al., 2003). Posteriormente, outros estudos começaram a focar a sua atenção no consumo de álcool ou drogas por parte das jovens e a sua relação com comportamentos de vitimização, devido ao facto do álcool funcionar como desinibidor comportamental (Malik et al., 1997). Deste modo, alguns autores sugerem que o consumo de álcool ou drogas pelas jovens adolescentes poderá torna-las mais vulneráveis à vitimização (Roberts & Klein, 2003). Por outro lado, autores como Foshee e colaboradores (2001) referem que o consumo de substâncias em adolescentes do sexo feminino poderá também colocá-las em risco de perpetuação de violência.

Embora a inconsistência presente em vários estudos, sabe-se que o consumo de substâncias é um dos fatores de risco amplamente associado aos comportamentos de violência na intimidade (Buzy et al., 2004).

4. Consequências da violência no namoro

Segundo Caridade e Machado (2006), a violência na intimidade juvenil e os seus efeitos são mais evidentes quando existe uma história prévia de violência familiar.

As consequências resultantes de violência nas relações de intimidade apontam para o impacto a nível físico, psicológico e sexual a curto e longo prazo (Leitão et al., 2013; Krug et al., 2002).

A nível físico podemos encontrar lesões que requeiram tratamento hospitalar como traumatismos crânio-encefálicos, fraturas, hematomas, concussões e equimoses, podendo levar em casos extremos a situações de incapacidades permanentes ou à morte (Leitão et al., 2013; McCauley et al., 1998). Ainda, segundo Campbell e Boyd (2000), as queixas somáticas e as alterações a nível funcional provocam um enorme mal-estar, podendo causar doenças como síndromes de dor crónica, fibromialgia, alterações do aparelho digestivo, entre outras (Krug et al., 2002; McCauley et al., 1998). Podem também verificar-se sequelas a nível neurológico como dores de cabeça, falta de concentração e capacidade de visão e audição diminuídas (McCauley et al., 1998; Stets & Straus, 1990).

A nível psicológico podem ser observados problemas do foro emocional como a depressão, ansiedade, medo, sentimentos de raiva e culpa, alterações do sono e do comportamento alimentar (Amar & Alexy, 2005; Krug et al., 2002). O consumo de álcool e drogas, a depressão, os comportamentos sexuais de risco, os problemas alimentares, as automutilações, o baixo suporte social, os pobres relacionamentos interpessoais, a gravidez indesejada, as ideações suicidas, a vitimação secundária e a desordem de stress pós-traumático poderão estar presentes (Ackard & Neumar-Sztainer, 2002; Banyard & Cross, 2008; Brown et al., 2009; Chase et al., 2002; Chiodo et al., 2012; Coker et al., 2000; Ellis, Crooks & Wolfe, 2009; Exner-Cortens et al., 2013; García-Moreno et al., 2005; Kaura & Lohman, 2007; Krug et al., 2002; Silverman et al., 2001; Swahn et al., 2010; Temple, Shorey, Fite, Stuart & Le, 2013; Teten et al., 2009; Ullman & Breklin, 2002; WHO, 2013). As consequências da vitimação são também evidentes no desempenho escolar do jovem, podendo surgir o insucesso escolar através de problemas como falta de concentração, notas baixas, problemas disciplinares, entre outros (Barriga & Gibbs, 1996; Chiodo et al., 2012; Ellis, Crooks & Wolfe, 2009; Exner-Cortens et al., 2013; Temple, Shorey, Fite, Stuart & Le, 2013).

A nível sexual as consequências traduzem-se em alterações ginecológicas, doenças inflamatórias ao nível da pélvis, disfunções sexuais e doenças sexualmente transmissíveis (García-Moreno et al., 2005; Krug et al., 2002; WHO, 2013).

Sabemos que a violência pode afetar homens e mulheres de qualquer idade. Contudo, no âmbito da violência no namoro, as evidências tendem a focar-se nas consequências resultantes para as mulheres, tendo em conta que estas se encontram mais vulneráveis a sofrer violência grave por parte dos parceiros e que os rapazes tendem a apresentar menor sintomatologia do que as raparigas (Callahan, Tolman & Saunders, 2003).

Para além disso, segundo o MMWR (2008), as consequências da violência no namoro passado alguns anos poderão assumir a forma de problemas de saúde como doenças cardiovasculares, asma, doenças sexualmente transmissíveis, consumo excessivo de álcool e tabaco encontradas, com maior frequência, em mulheres que foram vitimizadas pelos seus companheiros e que denunciaram a violência, comparativamente com as que não denunciaram. Do mesmo modo, quando comparadas as mulheres que foram alvo de vitimização, com as que

não foram, verifica-se que as mais vitimizadas apresentam com maior frequência queixas somáticas, lesões físicas graves, dores pélvicas, consultas médicas recorrentes, situações de aborto, suicídio e morte (WHO, 2013).

5. Diferenças de género

A literatura referente à violência no namoro tem, nas últimas décadas, levantado inúmeras controvérsias acerca da simetria ou assimetria de género entre os casais de jovens (Casimiro, 2008; Dias & Machado, 2008; Neves, 2014).

As discussões científicas acerca de quem poderá ser mais violento, o homem ou a mulher, são diversas e dependem, em grande medida, das metodologias utilizadas, da população analisada e das luzes teóricas sobre as quais o problema é abordado (Casimiro, 2008; Martsofl et al., 2012).

Contudo, a ideia de que a mutualidade da violência nas relações de namoro é frequente está, cada vez mais, a assumir uma certa consonância no discurso científico embora os motivos causais e contextuais que estão na génese desta questão ainda não sejam completamente conhecidos (Casimiro, 2008; Neves, 2014).

Melton e Belknap (2003) referem que as investigações científicas estão, cada vez mais, a focar excessivamente as raparigas como agressoras, aludindo à simetria entre ambos os sexos e à frequência do abuso, desvalorizando mecanismos de poder e controlo e as motivações relacionadas com as práticas violentas (Giordano et al., 2010; Molidor & Tolman, 1998). Na verdade, as divergências de género entre ambos os sexos assumem uma elevada importância, comparativamente com a frequência do abuso, quando o terror psicológico e o sentimento de ameaça e insegurança que as mulheres sentem por parte do parceiro são tidos em consideração (Coker et al., 2000). De facto, os sentimentos de medo e insegurança, bem como os danos causados pelas mulheres, quando devidamente comparados e escrutinados com os danos causados pelos homens, percebemos que existem importantes diferenças a que se devem atender nas relações de intimidade violentas (Neves, 2014).

Na opinião de O'Keefe (1997 as cited in Neves, 2014), as características intrínsecas a esta questão merecem pois uma análise cuidadosa que não induza em erro as questões relacionadas com as causas, o tipo de práticas e as

consequências que da mesma resultam (Neves, 2014), uma vez que os estudos realizados no âmbito das relações de namoro com casais heterossexuais, que revelam não existir diferenças de gênero, continuam a ignorar as questões relacionadas com o mesmo e focam-se, apenas, nas diferenças comportamentais entre ambos os sexos (O’Keefe, 1997 as cited in Neves, 2014).

A preocupação acerca da mutualidade da violência no contexto das relações de namoro acresce quando os resultados obtidos através de estudos e de estatísticas oficiais acerca da violência conjugal, continuam a revelar a mulher como principal vítima nas relações de intimidade (Dias, 2004; Dobash & Dobash, 2004; Neves, 2008, 2014). Neste sentido, Straus (2011) refere que os estudos que caracterizam as mulheres como agressoras contradizem a explicação teórica dominante do terrorismo patriarcal e as estatísticas oficiais em que, 80% a 90% dos casos de agressão, os homens apresentam-se como perpetradores.

As diversas abordagens teóricas, os diferentes processos metodológicos, as várias definições, as populações estudadas e o próprio tratamento de recolha e análise dos dados acerca da violência no namoro têm gerado diferentes compreensões acerca do fenómeno (Casimiro, 2008; Neves, 2014). Neste sentido, não são claras as razões que podem levar os homens a ser tão ou mais suscetíveis do que as mulheres a sofrerem violência na intimidade, tendo em conta que as metodologias empregues para medir a violência impossibilitam a distinção dos significados da mesma para ambos os sexos (Coker et al., 2000).

O recurso à metodologia quantitativa para avaliar a violência na intimidade, nomeadamente as Conflict Tactics Scales (CTS), tem sido o método mais utilizado por vários investigadores para estudar a frequência dos meios utilizados, tanto por homens como por mulheres, na tentativa de resolução de conflitos (Casimiro, 2008). Contudo, na opinião de DeKeseredy e colaboradores (1997), este tipo de escalas não distingue a violência agressiva da violência autodefensiva, o que poderá propiciar falsas interpretações no modo como a violência é distribuída pelos sexos, sem atender às consequências resultantes e ao contexto onde as mesmas acontecem (Dobash et al., 1992).

Segundo Casimiro (2008), as diversas investigações científicas que salientam as mulheres como principais vítimas de violência nas relações de intimidade focam-se em abordagens teóricas feministas e, em metodologias qualitativas, sendo os dados recolhidos em casas de abrigo, tribunais, relatórios policiais e/ou hospitalares ou, inclusive, através de processos terapêuticos. Pelo contrário, os estudos que apresentam as mulheres como tão ou mais agressoras do que os homens são baseados em abordagens sociológicas que salientam a violência como recurso que pode ser usado por ambos os sexos e recorrem a amostras da população em geral ou, aos agressores que se encontram em processos terapêuticos (Archer, 2000; Casimiro, 2008; Johnson, 1995). Todavia, no âmbito das relações de namoro, as amostras utilizadas nos estudos têm sido principalmente compostas por jovens estudantes do ensino secundário e superior (Neves, 2014).

Na verdade, os resultados obtidos nos diversos estudos realizados sobre a violência no namoro apontam para proporções significativas de mutualidade e bi-direcionalidade da violência, o que significa que tanto mulheres como homens podem ser vítimas ou agressores (Caridade, 2011; Giordano et al., 2010; Machado et al., 2003; Machado et al., 2010; Paiva & Figueiredo, 2004; Saavedra, 2011; Sears et al., 2007; Straus, 2004). Contudo, segundo Hines e Saudino (2003), as taxas de prevalência continuam a ser discrepantes entre os sexos apesar de não se encontrarem diferenças significativas de género na perpetração dos diferentes tipos de violência, com exceção da violência sexual que parece continuar a ser praticada, maioritariamente, pelos rapazes contra as raparigas (Molidor & Tolman, 1998).

Assim, apesar de estar associado aos rapazes um maior risco de sofrer violência moderada (e.g., estalos, bofetadas, arranhões, pontapés), a probabilidade de sofrerem violência física severa é diminuída (Arriaga & Foshee, 2004). Porém, um estudo realizado por Dobash e Dobash (2004) revela que a violência na intimidade é um fator assimétrico por ser praticado maioritariamente pelos homens contra as mulheres. Neves (2014) refere ainda que na interpretação dos resultados, quando são considerados os motivos, a frequência e as consequências da violência praticada pelas raparigas, encontram-se diferenças amplamente significativas.

Atendendo aos motivos que poderão estar na base do comportamento violento nas raparigas, vários autores enunciam os sentimentos de mágoa, raiva, ciúme

e frustração, não descuidando o facto de muitas vezes agirem em autodefesa (Caldwell et al., 2009; Giordano et al., 2010; O’Leary et al., 2008; Shorey et al., 2008). Um estudo desenvolvido por Van Camp e colaboradores (2014) revela que 64.9% das raparigas considera legítimo bater no namorado quando ele inicia a violência e 61.8% dos casos quando existe traição. Ainda, Melton e Belknap (2003) e Miller (2005) referem que a violência física e psicológica praticada pelas raparigas, comparativamente aos rapazes, advém de motivos completamente distintos, não sendo portanto uma estratégia de resolução de conflitos ou uma tentativa de dominação do parceiro (Gagne & Lavoie, 1993).

Na tentativa dos jovens avaliarem os comportamentos abusivos, o sexo masculino tende a focar a sua atenção nos motivos que poderão ter dado origem a tal comportamento, ou seja, diferenciam se o comportamento foi propositado ou accidental, enquanto as raparigas se preocupam muito mais nas consequências desses comportamentos, nos sentimentos que lhes possam causar (e.g., raiva, medo, frustração) e nas sequelas físicas (Neves, 2014). Os estudantes universitários tendem a atribuir à prática de violência pelas raparigas fatores de pressão (e.g., envolvimento sexual) ou fatores de autodefesa (e.g., violência iniciada inicialmente pelo rapaz). Por sua vez, os rapazes tendem à atribuir as causas da violência o consumo de álcool, na tentativa de diminuir a sua responsabilidade, e o desejo de dominação e submissão da parceira (Gagne & Lavoie, 1993).

A meta análise realizada por Archer (2000) revela que apesar das raparigas recorrerem frequentemente à violência física comparativamente com os rapazes, estas também sofrem consequências mais severas quando os rapazes praticam violência física contra as mesmas. Esta evidência é também corroborada pelo estudo de Molidor e Tolman (1998), no qual 90% dos rapazes referem não sofrer de consequências severas quando a violência é praticada pelas suas parceiras evidenciando, pelo contrário, uma atitude de desvalorização face à violência sofrida, demonstrando, conseqüentemente, o baixo ou nulo impacto da mesma.

O estudo de Molidor e Tolman (1998) faz referência ao facto de 17% dos rapazes terem sofrido agressões físicas por pressionar a parceira a ter relações sexuais e 37% das raparigas posicionam-se no papel de vítimas de violência física, por terem recusado manter contacto sexual com o parceiro. Neste mesmo estudo, 21% dos rapazes refere ter partido para a violência pelos

ciúmes sentidos pela parceira, enquanto apenas 10% das raparigas identificam o ciúme como fator responsável pela agressão contra o parceiro. Ainda, em 55% dos casos em que ambos os parceiros estão alcoolizados, os rapazes têm um risco acrescido de serem vítimas de agressão por parte da namorada (Molidor & Tolman, 1998).

Vários estudos têm assim corroborado que as mulheres tendem a iniciar a violência entre 30% e 73% dos casos (Desebery et al., 1997; Saunders, 1986; Straus, 2005).

Um estudo realizado recentemente em Madrid revela que em 42.2% dos casos as raparigas são fisicamente mais violentas que os rapazes (32.9%). Este mesmo estudo evidencia que os rapazes continuam a ser maioritariamente os perpetradores de violência sexual em 10% dos casos, sendo as raparigas uma minoria com 2.8% dos casos (Fernández-González, O'Leary & Muñoz-Rivas, 2013). Em termos de agressão psicológica, as raparigas assumem-se como perpetradoras em 94.2% das situações e os homens em 90% das mesmas (Fernández-González, O'Leary & Muñoz-Rivas, 2013). O estudo desenvolvido por Van Camp e colaboradores (2014) apresenta resultados, em termos de vitimação sexual, muito similares ao estudo anteriormente referido, no qual 10% das raparigas e 4% dos rapazes sofrem de agressão sexual por parte do parceiro.

Um estudo realizado com 453 casais jovens verificou que a prevalência da violência perpetrada pelos homens (29%) e pelas mulheres (30%) revela alguma simetria entre ambos os sexos (Karl & O'Leary, 2010).

Um outro estudo realizado nos EUA com 409 estudantes do sexo feminino, evidencia que 95% das jovens praticaram pelo menos um ato de violência emocional contra o seu parceiro (Leisring, 2013). Este mesmo estudo refere que 59% dos casos relacionam-se com difamação, 35% com atos de controlo e intimidação, 30.5% com agressões físicas e 6% com agressões físicas graves. Porém, 24% das raparigas da amostra referem ter sido vítimas de agressão física por parte dos namorados, sendo que 5% das agressões foram graves, embora 38.7% revele não ter sofrido nenhum tipo de abuso por parte do parceiro (Leisring, 2013).

Um estudo conduzido por Boivin, Lavoie, Hébert e Gagné (2012), revela que as raparigas (26.2%) são significativamente mais propensas a praticarem atos de

violência física contra os rapazes (10.8%), pelo menos nos cinco meses antecedentes à realização do estudo. Neste mesmo estudo, as raparigas apresentam maior facilidade em atirar objetos aos seus parceiros (6%), empurrá-los (15.6%) e bater-lhes (15.7%). Pelo contrário, 1.6% dos rapazes assumem atirar objetos às suas parceiras, 5.7% empurrá-las e 1.8% bater-lhes. Segundo a mesma investigação, as raparigas que experimentaram violência no namoro, sobretudo violência sexual, apresentam um grande nível de hostilidade e violência contra os parceiros (Boivin, Lavoie, Hébert & Gagné, 2012).

Assim, sob o ponto de vista de Sears e colaboradores (2006), as diferentes formas como os comportamentos abusivos são percebidos por ambos os sexos mostram, de certo ponto, os contornos da violência perpetuada.

Neste sentido, Howard e colaboradores (2008) fazem notar que os rapazes recorrem a simultâneas formas de violência, o que não acontece no caso das jovens raparigas. Estes autores referem ainda que quando os jovens evidenciam uma certa tendência para envolver-se em lutas físicas, quando recorrem ao uso de instrumentos (e.g., armas de fogo) e apresentam um historial prévio de depressão e ideação suicida, tendem a praticar maior número de vezes violência no namoro. Pelo contrário, as jovens adolescentes parecem não associar-se com tanta frequência a comportamentos anti-sociais como os rapazes, pelo que muitas vezes o padrão de violência passa a ser específico da fase da adolescência (Elliott et al., 1989; Silverthorn & Frick, 1999). Deste modo, algumas investigações têm demonstrado que o uso da violência no namoro pelas raparigas parece ser mais um ato isolado, associado a um único parceiro, enquanto os rapazes tendem a recorrer à violência não apenas num relacionamento amoroso, mas sim em vários (Lane & Gwartney-Gibbs, 1985) sendo estes dados corroborados pelos estudos conduzidos por Chase e colaboradores (2002), Chiodo e colaboradores (2009), Martsolf e colaboradores (2012) e Whitaker, Le e Niolan (2010).

5.1. Perfis das raparigas agressoras

Associada às explicações que vários autores sugerem relativamente à violência física e psicológica praticada pelas raparigas nas relações de intimidade juvenil, têm surgido algumas considerações que se relacionam com os possíveis perfis de agressão (Neves, 2014).

Straus (1980) elaborou dois perfis de raparigas agressoras sendo o primeiro referente às agressoras circunstanciais e, o segundo, às agressoras persistentes. O primeiro perfil elaborado por Straus em (1980) caracteriza as agressoras como vítimas prévias dos seus parceiros, isto é, sendo já vítimas dos seus parceiros adotam práticas violentas na tentativa de se defenderem dos mesmos (Neves, 2014). Segundo Lewis e Fremouw (2001), estas raparigas recorrem à violência porque também são agredidas, sendo o seu mecanismo de defesa o recurso à violência. Os mesmos autores referem que num contexto de relacionamento íntimo, onde a prática de violência é mútua, as probabilidades de uma vítima se tornar agressora são elevadas, pelo que a dinâmica do relacionamento concretiza-se através do recurso a práticas abusivas (Straus,1980). Neste sentido, o estudo realizado por Molidor e Tolman (1998) refere que em 70% dos casos são os rapazes que iniciam o abuso, sendo apenas em 27% dos casos as raparigas a inicia-los. Por sua vez, este mesmo estudo evidencia que 36% das raparigas adotam práticas abusivas na tentativa de se protegerem da agressão sofrida previamente pelos parceiros.

Por outro lado, o segundo perfil elaborado por Straus (1980) caracteriza as agressoras como persistentes, isto é, por recorrerem à violência em variados contextos, não se limitando apenas ao espaço íntimo ou privado, mas também às restantes esferas sociais (Neves, 2014). Nesta tipologia, Chiodo e colaboradores (2012) associam ao perfil de agressoras persistentes determinados fatores de risco relacionados com a delinquência juvenil, diminuto uso de preservativo e ideação suicida.

Para além do estudo de Straus (1980), o estudo realizado por Lewis e colaboradores (2002) evidencia que 16% das raparigas assumem-se como agressoras bidirecionais, 8% assumem-se como unicamente vítimas e 7% unicamente como agressoras. Neste sentido, encontramos três tipologias que podem ser enquadradas no perfil das raparigas agressoras no contexto das relações de namoro (Lewis et al., 2002). Os mesmos autores referem que as raparigas que se assumem como perpetradoras de violência mútua, são mais propensas a terem presenciado violência na família enquanto crianças e terem uma baixa auto-estima (O'Keefe, 1998). Ainda, este estudo revela que as raparigas que se assumem como agressoras no contexto das relações de

namoro demonstram uma forma de relacionamento interpessoal narcisista (Lewis et al., 2002).

De facto, apesar de não serem completamente claras as razões que levam as raparigas a recorrer com frequência à violência no seio das suas relações de intimidade, sabe-se que as motivações inerentes a esta prática têm significados diferentes para ambos os sexos (Caridade, 2011; Neves, 2014). Porém, tendo em conta que a maioria dos estudos empíricos realizados nesta área são quantitativos, surge a necessidade de proceder a estudos qualitativos que nos permitam interpretar, de forma compreensiva, as motivações inerentes aos comportamentos das jovens adolescentes (Caridade, 2011; Neves, 2014), pelo que no capítulo seguinte iremos apresentar um estudo qualitativo realizado junto de raparigas portuguesas.

II Parte

Capítulo III – Método

Introdução

Após a elaboração do enquadramento teórico do presente estudo, a segunda parte será dedicada à parte metodológica. Num primeiro momento serão apresentados os objetivos gerais e específicos que pretendemos ver respondidos na presente investigação. Para além de apresentarmos as questões de partida, iremos proceder à caracterização sociodemográfica das participantes bem como a descrição dos procedimentos, técnicas de recolha e análise de dados e aos respetivos resultados.

O presente estudo surge na sequência do projeto Violências no Namoro (2011–2014), desenvolvido por um grupo de investigadores/as do Instituto Universitário da Maia, que teve como objetivos gerais:

- a) mapear o fenómeno da violência no namoro entre os jovens autóctones e estrangeiros/as, a nível nacional, caracterizando as suas dinâmicas;
- b) analisar as práticas de violência no namoro considerando as múltiplas pertenças identitárias dos agressores e das vítimas e os contextos sociais envolventes; e
- c) identificar necessidades de intervenção, especialmente no que respeita à prevenção da violência no namoro em contexto escolar.

1. Objetivo geral

O grande objetivo desta investigação é caracterizar as relações íntimas juvenis e as dinâmicas de violência que nelas possam estar envolvidas, a partir dos discursos de jovens raparigas estudantes portuguesas.

2. Objetivos específicos

Os objetivos específicos desta investigação são:

- Explorar as conceções deste grupo sobre as especificidades das relações sociais de género (e.g., feminilidade, masculinidade);

- Compreender a natureza e o enquadramento das relações íntimas juvenis, à luz de uma perspectiva de género;
- Identificar as práticas e as crenças associadas à violência no namoro;
- Identificar as causas explicativas da violência no namoro em geral;
- Esclarecer a frequência com que a violência no namoro ocorre, bem como as consequências que da mesma resultam;
- Identificar as perceções sobre os agressores e sobre as vítimas.

3. Problema de investigação e questões de partida

A presente investigação procura complementar os diversos estudos que apontam no sentido da prática da violência estar associada a rapazes e raparigas, simultaneamente como vítimas e agressores, o que contrasta, inequivocamente, com os resultados e/ou estatísticas oficiais que continuam a apontar as mulheres como principais vítimas nas relações de intimidade adulta. Sabemos que a compreensão do fenómeno da violência no namoro depende das diversas abordagens teóricas, dos diferentes processos metodológicos, das próprias definições e conceitos, das populações alvo estudadas e do próprio tratamento de recolha e análise dos dados (Casimiro, 2008; Neves, 2014). Neste sentido, e tendo em conta que a maioria dos estudos realizados recorre à metodologia quantitativa e aponta para proporções significativas de mutualidade e/ou reciprocidade de violência nas relações de intimidade juvenil (Caridade, 2011; Casimiro, 2008; Giordano et al., 2010; Machado et al., 2003; Machado et al., 2010; Paiva & Figueiredo, 2004; Saavedra, 2011; Sears et al., 2007; Straus, 2004), no presente estudo consideramos pertinente recorrer a uma metodologia qualitativa, que nos permita esclarecer as motivações associadas ao crescente uso de violência por parte das jovens raparigas e que têm gerado inúmeras controvérsias nos meios científicos e académicos (Dias & Machado, 2008; Neves, 2014).

Deste modo as questões de partida que propomos para o presente estudo são as seguintes:

- No contexto das relações de intimidade juvenil, serão as raparigas efetivamente tão violentas quanto os rapazes?

- Se sim, como se caracteriza esta violência e quais as razões que lhe estão subjacentes?

4. Caracterização das participantes

A amostra foi constituída por 107 jovens do sexo feminino com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos de idade ($M=13.38$, $SD=1.48$), de nacionalidade portuguesa, sendo que apenas uma das participantes é de nacionalidade brasileira. Trata-se de uma amostra intencional tendo como critérios de inclusão o sexo (feminino) e o ano de escolaridade (7º, 8º e 9º ano). Da amostra total, 40 das jovens estavam a frequentar o 7º ano, 43 jovens o 8º ano e 24 jovens o 9º ano de escolaridade. Num total de 107 raparigas apenas 24 namoravam. O tempo médio de namoro era de 9 semanas, sendo a idade média dos namorados de 14.5. Todos eram de nacionalidade portuguesa. A maioria dos namorados das jovens frequentava a mesma escola (15) enquanto os restantes pertenciam a uma escola diferente (9), frequentando maioritariamente o 9º ano de escolaridade.

5. Técnica de recolha de dados

De modo a responder aos objetivos estipulados na presente investigação, optamos pela técnica do *focus group*, considerada a partir da década de 80 como importante estratégia de pesquisa no âmbito das ciências sociais (Galego & Gomes, 2005).

Privilegiamos a presente técnica por permitir-nos desenvolver questões e/ou discussões semiestruturadas, em torno de um conjunto de temas específicos que possibilitam, por sua vez, aproximarmo-nos da realidade do grupo entrevistado (Oliveira & Freitas, 1998; Tong, Sainsbury & Craig, 2007; Wilkinson, 1998, 1999).

Esta técnica de pesquisa e de recolha de dados, de natureza qualitativa, possibilita que determinados fenómenos sociais sejam compreendidos de forma amplamente descritiva, sempre que associados a uma estratégia indutiva de investigação (Galego & Gomes, 2005).

O *focus group* aplica-se a grupos compostos por 4 a 12 elementos e conta com a presença de um moderador, encarregue de conduzir a sessão, no sentido de promover o debate em torno das questões que se pretendem ver

respondidas (Galego & Gomes, 2005; Morgan, 1997; Suter, 2000; Tong, Sainsbury & Craig, 2007).

O moderador, encarregue de lançar questões abertas e/ou semiabertas, facilita a dinâmica de interação entre os vários participantes, permitindo que os mesmos formulem e/ou partilhem ideias e/ou pensamentos de valor crítico e reflexivo (Galego & Gomes, 2005; Tong, Sainsbury & Craig, 2007).

Por outro lado, o *focus group*, como técnica de carácter exploratório, possibilita a observação direta de uma variedade de emoções, reações e perspetivas num determinado contexto social (Galego & Gomes, 2005; Morgan, 1997; Suter, 2000; Tong, Sainsbury & Craig, 2007). Porém, a riqueza dos dados obtidos através desta técnica também exige uma grande objetividade por parte do investigador, de forma que as informações geradas por determinado grupo sejam corretamente aproveitadas. (Galego & Gomes, 2005).

A técnica do *focus group* tem sido utilizada em vários estudos sobre a violência no namoro (Baker & Helm, 2010; Fredland et al., 2005; Ismail, 2007; Lavoie et al., 2000; McCauley et al., 1998; Mendes et al., 2013; Morgan & Korobov, 2012; Póo & Vizcarra, 2008; Reeves & Orpinas, 2012; Rodríguez et al., 2009; Sears et al., 2006; Silva et al., 2013; Silverman et al., 2006; Torres, 2014) e apresenta inúmeras vantagens que passaremos, de seguida, a descrever.

Em primeiro lugar, o *focus group* pode ser considerado um método flexível em termos de formato e, rápido em termos de recolha de dados, comparativamente a outras técnicas. Por outro lado, é uma técnica que acarreta baixos custos e permite a conjugação com outros modelos de investigação (e.g., método quantitativo), possibilitando que a análise e/ou interpretação dos dados seja feita de forma clara, completa e aprofundada (Galego & Gomes, 2005; Morgan, 1997). Todavia, assume-se como rentável por dar acesso, não só a um maior número de participantes, mas também a um maior volume de informação (Galego & Gomes, 2005).

Para além de este método contribuir na geração de hipóteses para futuras pesquisas, é considerado gerador de conhecimento em áreas e/ou matérias desconhecidas (Galego & Gomes, 2005; Morgan, 1997). Segundo Saumure (2001), o *focus group* facilita a compreensão de causas e/ou efeitos de

determinados fenómenos, esclarece resultados considerados invulgares e adjuva na verificação de conjecturas (as cited in Galego & Gomes, 2005).

Todavia, Wilkinson (1999) considera que o *focus group* apresenta inúmeras vantagens por ser uma técnica naturalística, que propicia o desenvolvimento social e interativo em determinado grupo e que evita a descontextualização do fenómeno a abordar. Por outro lado, apesar de uma das limitações desta técnica estar associada à interferência do investigador, vários autores consideram que as relações de poder exercidas pelo mesmo são diminutas, quando utilizado o *focus group*, comparativamente a outros métodos de investigação (Galego & Gomes, 2005; Wilkinson, 1999).

No presente estudo os *focus group* foram dinamizados a partir de cinco questões abertas, a saber:

- 1) De um modo geral, como se caracterizam as relações sociais entre os/as jovens atualmente?
- 2) Como se caracterizam, em particular, as relações de namoro entre os/as jovens da vossa idade?
- 3) A existir, como se caracteriza a violência nas relações de namoro entre os/as jovens?
- 4) Do vosso ponto de vista, quem pratica e quem sofre mais de violência nas relações de namoro juvenil?
- 5) Na vossa opinião o que motiva a violência no namoro?

6. Procedimentos

Fruto de outros trabalhos prévios de investigação, foram estabelecidos, num primeiro momento, contactos por meio escrito e presencial com duas escolas secundárias do distrito do Porto, mais especificamente no Concelho da Maia, a fim de ser solicitada a autorização para a realização do estudo. Depois de devidamente informados os conselhos diretivos sobre os objetivos do mesmo.

Procedeu-se à distribuição dos consentimentos informados (cf. Anexo 1) aos respetivos encarregados de educação com a colaboração das escolas. Uma das escolas disponibilizou três turmas, entre as quais duas correspondem ao 9º ano e uma ao 8º ano. A segunda escola disponibilizou 10 turmas, entre as quais cinco corresponde ao 7º ano, quatro ao 8º ano e uma ao 9º ano. Em ambas as escolas, duas das turmas do 9º ano correspondem ao curso de

especialização tecnológica profissional. Os 107 elementos foram divididos em doze grupos compostos por oito pessoas e um grupo composto por onze pessoas, o que perfaz no total treze *focus group*. A recolha dos dados foi iniciada no ano lectivo de 2014/2015, iniciando-se em Outubro de 2014 e terminando em Dezembro de 2014.

As dinamizações dos *focus group* ficaram a cargo de duas pessoas, ocorreram nas respetivas escolas, nomeadamente em contexto de sala de aula, tiveram a duração de uma hora e foram gravadas em áudio para a sua posterior transcrição.

7. Técnicas de tratamento e análise de dados

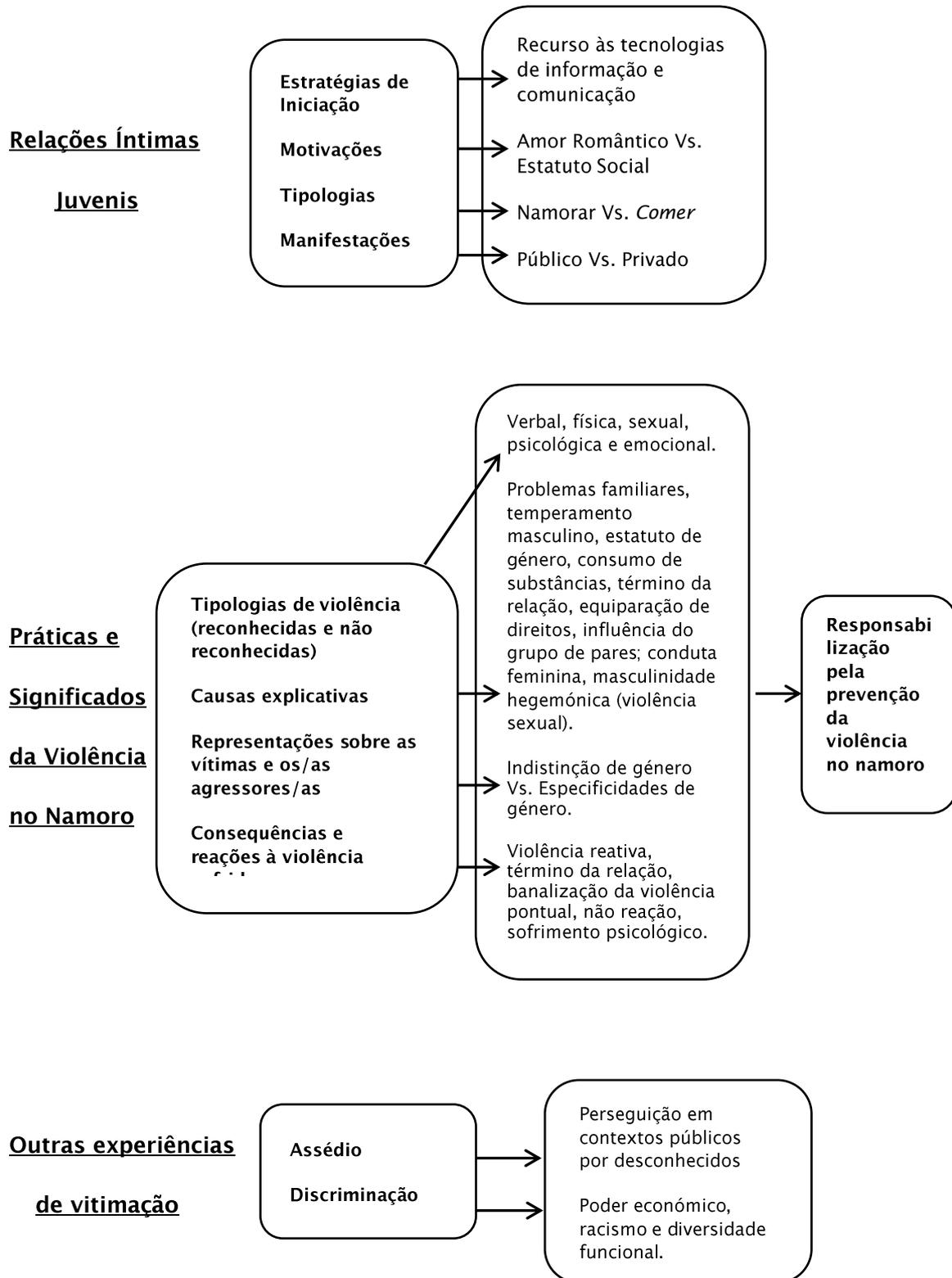
A análise dos dados foi feita através da análise de conteúdo temática que, segundo Bardin (2009), corresponde a um conjunto de técnicas que permitem explorar comunicações e/ou informações ricas em conteúdo, através de um conjunto de procedimentos metódicos e objetivos. Este tipo de análise compreensiva permite-nos produzir inferências e relacioná-las com vários aspetos da vida social dos indivíduos, que contemplam a interação do indivíduo com a própria sociedade, com o seu conjunto de experiências e com a própria ciência (Guerra, 2006). Neste sentido, a análise de conteúdo temática permite a “desestruturação da estruturação do discurso singular” (Demazière & Dubar, 1997 as cited in Guerra, 2006, p. 29), através da identificação dos temas e da elaboração de uma grelha de análise, que possibilite a realização de uma análise pormenorizada de toda a informação (Guerra, 2006).

Nesta investigação, a tipologia das categorias foi definida a *posteriori*. O *corpus de análise* foi constituído pela totalidade das entrevistas e a unidade de registo foi a sequência pergunta-respostas.

A categorização das entrevistas foi, numa primeira fase, realizada por três pessoas de modo independente. Depois desta análise individual, os dados foram discutidos, revistos e (re)categorizados em conjunto, por forma a definir-se o esquema final de categorização que consta da figura 1.

Figura 1.

Esquema dos resultados



8. Resultados

Os resultados serão apresentados em função das categorias centrais, a saber: as relações íntimas juvenis, as práticas e significados da violência e, por último, outras experiências de vitimação.

A primeira categoria, referente às relações íntimas juvenis, engloba as questões relacionadas com o recurso às tecnologias de informação e comunicação, que caracterizam a manutenção de contacto entre os jovens, explora ainda os tipos de relacionamentos mais comuns, namorar e *comer*, as motivações a elas associadas, amor romântico e estatuto social e, por último, os contextos públicos e privados onde comumente se verificam as manifestações amorosas entre jovens.

A segunda categoria distingue-se por abordar os diferentes tipos de práticas e significados em torno dos relacionamentos amorosos juvenis. Num primeiro momento serão descritas as tipologias da violência que caracterizam os relacionamentos juvenis abusivos, indicando a sua frequência, bem como o seu respetivo reconhecimento e/ou não reconhecimento, como comportamento abusivo, por parte das jovens. Posteriormente serão apresentadas as principais causas explicativas da violência no namoro, apontadas pelas jovens como práticas a evitar de forma a prevenir a violência no mesmo. De seguida, serão abordadas as questões relacionadas com as representações sobre as vítimas e os/as agressores/as, que pretendem elucidar-nos acerca da indistinção e/ou especificidades de género. Por último, abordar-se-á os aspetos relacionados com as consequências e reações à violência sofrida.

A terceira e última categoria pretende abordar as questões relacionadas com outras experiências de vitimação que integram, aspetos relacionados com o assédio e /ou perseguição por desconhecidos em lugares públicos e, ainda, com situações de discriminação em termos de poder económico, raça e diversidade funcional.

Na apresentação dos resultados, os relatos serão identificados por três siglas, sendo a primeira letra correspondente as escolas, seguida do ano de escolaridade e da respetiva turma.

1. Relações íntimas juvenis

As relações íntimas juvenis e as práticas relacionais assumem elevada importância na presente investigação. Deste modo, serão apresentadas de seguida as estratégias de iniciação e/ou manutenção de contacto, as motivações subjacentes, os diferentes tipos de relações e as diversas manifestações do universo juvenil.

1.1. Estratégias de Iniciação

1.1.1. Recurso às tecnologias de informação e comunicação

Torna-se evidente que o contacto através das redes sociais tem aumentado exponencialmente a interação entre a população juvenil. Na verdade, a maioria dos jovens começa por estabelecer e/ou manter contacto através das tecnologias, atribuindo, conseqüentemente, menor importância aos contactos pessoais.

“Acho que os jovens já não convivem muito pessoalmente, é mais por redes sociais...também encontram-se, raramente, mas de resto acho que estão sempre colados ao telemóvel ou computador” A.7E.

As jovens referem que as redes mais utilizadas são o *facebook* e/ou *twitter* e que muitos jovens aderem às mesmas porque lhes permite obter uma certa notoriedade social (e.g., serem conhecidos), através da colocação de fotografias e obtenção de *likes* nas mesmas.

“As pessoas vão muito pela parte dos *likes* no *facebook*...é serem sociais, imagine, se uma pessoa for social, a outra pessoa vai logo a correr a falar com ela para tentar ganhar fama, para tentar alguma coisa com ela...para ficar conhecida também...há muita gente que é assim” B. 9A.

Esta crescente popularidade social, adquirida através das redes sociais, parece incrementar e/ ou propiciar o desenvolvimento de novas amizades e relações amorosas, sobretudo quando não existe um contacto primeiramente pessoal.

“Acho que há mais amizades e namoros que começam no *facebook*. Às vezes há pessoas que começam por a pessoa ser popular digamos assim...outras é porque já o viram por exemplo cá na escola e querem-no conhecer, mas não têm coragem de falar com ele pessoalmente e então tentam começar uma relação com eles no *facebook*...também há pessoas que ligam muito aos *likes* das fotos, são obcecadas... só querem ter *likes* para dizerem que são muito populares” A.8A.

1.2. Motivações

1.2.1. Amor romântico Vs. Estatuto social

As questões relacionadas com o namoro (e.g., amor, afeto, compreensão e preocupação) e com a própria estabilidade das relações são constantemente valorizadas, ao longo dos relatos, pelas jovens raparigas.

“As raparigas apegam-se mais aos rapazes, os rapazes não acham tão importante e nós ficamos tristes...têm medo de que acabe” B.8F.

“Uma relação a sério acho que é não gostarmos só do aspeto físico da pessoa, mas também gostarmos da forma de ser da pessoa, de dar carinho, de preocupar-se com a pessoa, de a defender nos momentos complicados, de estar ao lado dela...mas as raparigas são mais ligadas ao sentimentalismo...” A.8A.

“As raparigas são muito diferentes dos rapazes, enquanto as raparigas são paixonetas, gostam mesmo deles, os rapazes já não ligam tanto, gostam mas não gostam ao mesmo tempo, é uma coisa complicada...as raparigas estão a espera que seja sempre o rapaz a dar o primeiro passo por mais que gostem dele...” A.7A.

As jovens reconhecem-se como diferentes, comparativamente aos rapazes, no sentido de gostarem de fazer coisas que eles não gostam e/ou para as quais não estão preparados (e.g., passear de mãos dadas, conversar, confiarem um no outro, dar carinho e atenção, entre outros).

“Os rapazes, como são mais imaturos, não querem fazer as mesmas coisas que as raparigas...tipo... as raparigas já começam a gostar dos rapazes de outra maneira do que os rapazes” A.7B.

“Namorar não é só fazer sexo, não é andar ai aos apalpões...também podem ser tipo melhores amigos, falam de tudo e mais alguma coisa, passeiam juntos, estão com os amigos, apoiam-se uns aos outros, conhecem a família um do outro...” A.9F.

Por outro lado, aos rapazes associa-se frequentemente o estatuto de popularidade e o conceito de *player*. Segundo as jovens, a palavra *player* é utilizada para caracterizar o rapaz que mantém vários relacionamentos amorosos e/ou ocasionais ao mesmo tempo. Aparentemente, o uso de esta terminologia é muito comum entre os adolescentes e, segundo as jovens, é percebida pelos rapazes como um prémio e/ou conquista.

“É para ter fama “eu ando com muitas” ou “eu ando com todas e tu não andas com nenhuma” A. 8D.

“Um rapaz *player* é um rapaz que tem muitas raparigas, quer namorar com todas... Numa semana tem uma, na próxima já tem outra e diz que gosta muito delas... os rapazes quando andam com muitas raparigas, quando andam a comer todas acham que são os reis, que são muito fixos e tal...e se lhes dissermos isso não ficam afetados, ficam todos orgulhosos e pensam que são os melhores”. B.9.

Conforme os relatos das jovens, os rapazes *sociais* ou *players* atribuem grande importância à notoriedade social que adquirem ao longo dos vários relacionamentos amorosos, tornando-os motivo de distinção em determinado grupo social. Neste sentido, as jovens relatam o consecutivo envolvimento dos rapazes em relacionamentos que, sob o ponto de vista das mesmas, são isentos de sentimentos.

“Eu acho que os rapazes, principalmente aqueles mais sociais, eles gostam de se armar mais e mostrar aos amigos que são os melhores do que eles e conseguem fazer muito mais...” A.7A.

“Acho que a maior parte dos rapazes da nossa idade só querem ter uma namorada para dizerem que têm uma e não por gostarem mesmo dela...é só mesmo para brincar com os sentimentos dela...para dizerem aos amigos que tem uma namorada, que uma pessoa gosta dele...” A.8A.

Parece ainda ser evidente que esta notoriedade social junto do grupo de pares aumenta quando os jovens relatam acontecimentos da sua vida privada com a parceira.

“Às vezes, há rapazes quando depois de acabarem um relacionamento com a rapariga dizem aos amigos...gabam-se praí “olha comi aquela, pinei aquela” mesmo assim...põem-se a dizer que aquela rapariga é puta e isso” A.8B.

1.3. Tipologias

1.3.1. Namorar Vs. *Comer*

Ao longo dos relatos percebemos que as jovens idealizam o namoro como uma relação estável. Contudo, reconhecem que nestas idades é difícil manter um relacionamento amoroso que dure mais do que algumas semanas. Segundo as jovens, a dificuldade em manter algum tipo de relacionamento está relacionada com o facto dos rapazes não se interessarem em manter uma relação sentimental, mas sim uma relação passageira e/ou ocasional que envolva algum tipo de contacto físico.

“Eu acho que os namoros já não duram muito...passam para aquela fase dos beijos na boca e depois termina, perde-se logo o interesse” A.7E.

As jovens justificam a atitude dos rapazes afirmando que estes não reconhecem o verdadeiro significado do amor, que atribuem pouca importância aos sentimentos e/ou emoções, demonstrando, em contrapartida, uma crescente preocupação face ao estatuto social que podem facilmente adquirir ao envolverem-se num relacionamento.

“Eu acho que as pessoas começam a namorar e acabam logo passado uma semana porque nesta idade as pessoas não gostam tanto assim umas das outras como se tivessem mais idade...não ligam tanto aos sentimentos um do outro...namoram só para dizer que têm namorada” A.7B.

Conforme os relatos, aos rapazes estão associadas questões relacionadas com a dimensão mais sexualizada das relações. As jovens referem que o significado de namoro, para os rapazes, tem uma conotação completamente diferente comparativamente às raparigas.

“Eu quando estou aqui na escola vejo muitos casos que eles não namoram...quer dizer... namoram, mas eles não estão propriamente a namorar muito normal...estão-se ali a comer! O namoro normal é andar de mãos dadas, dar uns beijinhos...mas eles aqui, muitas vezes, nem aos beijinhos estão...estão sim aos apalpanços e a meter a mão onde não devem...dentro das calças...é isso que se vê” A.7C.

Todavia, as jovens afirmam que atualmente a maioria dos namoros serve apenas para explorar as questões ligadas à sexualidade e não para manter uma relação estável, levando, conseqüentemente, a que as mesmas sejam frequentemente enganadas pelas motivações dos rapazes.

“Os namoros de hoje em dia é come e deita fora...aproveita-se e vai para outra, uma semana uma e uma semana outra...há raparigas assim também, cambada de badalhocas... não há namoro... hoje em dia é uns beijinhos ali, uma caminha ali...por num relacionamento no *facebook* e depois já está feito, para a semana já há outra à espera” B.9A.

“Também, às vezes, é enganar a pessoa, só quer tipo uma curte por causa dela ser bonita ou por ter...a maior parte dos rapazes cá na escola é por causa de ter o corpo, o traseiro das raparigas não é... começam tipo a aproximar-se, a falar, mas não querem mais nada do que aquilo e enganam-nos a nós” A. 8D.

1.4. Manifestações

1.4.1. Público Vs. Privado

Os discursos das jovens têm também chamado a atenção para o facto das manifestações entre casais de namorados ocorrerem, frequentemente, em locais públicos. As jovens parecem ficar incomodadas e/ou constrangidas com as demonstrações de cariz íntimo (e.g., apalpanços) feitas por outros jovens e/ou colegas em locais considerados públicos (e.g., na rua e/ou escola) e com as quais sentem-se, conseqüentemente, desconfortáveis. Ainda neste sentido, os relatos das jovens apelam para uma maior consciencialização, por parte da população juvenil, no sentido de respeitarem o espaço que é partilhado por terceiros e que não se revela adequado à prática de determinados atos, considerados sob o ponto de vista das mesmas, como pessoais e/ou privados.

“Às vezes quando nós estamos na rua ou assim... na escola... tamos tipo a olhar para um lado mas, de repente, olhamos para outro e tão eles ali tipo naquelas coisas deles...mas é muito, muito constrangedor. Nós não sabemos mais o que fazer, ficamos constrangidos, não sabemos se devemos olhar ou não. Eu acho que na nossa idade para muitos é normal estar aos apalpanços, para outros não, eu acho que há muitos que gostam de fazer certas coisas, mas só eles... não à frente de ninguém...não à frente de muita gente...acho que as pessoas, só por elas, devem pensar que estão num sítio público com mais pessoas...porque o mundo não é propriamente deles, se calhar é uma falta de respeito estar a fazer isso a frente das pessoas, eu não concordo, não era capaz de fazer...” A.7C.

2. Práticas e significados da violência no namoro

2.1. Tipologias de violência (reconhecidas e não reconhecidas)

As tipologias de violência no namoro são várias (e.g., física, sexual, psicológica e/ou emocional). Ao longo dos discursos tivemos oportunidade de constatar que os vários tipos de violência podem ser consideradas reconhecidas e/ou não reconhecidas. Neste sentido, e segundo o ponto de vista das jovens, os tipos de violência reconhecida são interpretados como comportamentos abusivos e/ou inadequados, enquanto os tipos de violência não reconhecida são frequentemente considerados como provas de amor e/ou fidelidade e, em determinadas circunstâncias, como comportamentos de diversão e/ou entretenimento. De seguida, serão apresentadas e descritas as tipologias de violência que sobressaem de forma contínua ao longo dos discursos, bem

como o seu respetivo reconhecimento e/ou não reconhecimento como comportamento abusivo ou não abusivo por parte das jovens entrevistadas.

2.1.1. Violência verbal

Dentro das tipologias de violência nas relações de namoro, a violência verbal ou psicológica é bastante recorrente nos relatos das jovens e, conseqüentemente, interpretada pelas mesmas como comportamento inadequado e/ou abusivo. Os insultos e as difamações feitas por parte dos rapazes parecem afetar recorrentemente as jovens que, por sua vez, assumem-se como frágeis emocionalmente.

“Na nossa idade há violência psicológica em que se insulta... chamam nomes que podem magoar os sentimentos das raparigas” A.7A.

“A mim custa-me mais ouvir algumas palavras do que me batam...”B.8F.

Na verdade, as jovens relatam vários casos de abusos verbais durante as relações ou aquando do término das mesmas.

“Quando uma rapariga quer acabar a relação ele pode dizer...pode começar a insultar a namorada, a dizer que é feia, gorda, que não vai conseguir encontrar ninguém e que vai ficar sozinha” B.9.

“Às vezes aquilo que eles dizem também nos pode afetar imenso e magoar-nos...e nós ficamos com uma auto-estima muito baixa...há raparigas que sentem-se mal consigo próprias...sentem-se gordas e chegam ao ponto de fazer dieta e depois ficam doentes por causa dos rapazes chamarem-lhe gordas...deviam ter atenção a isso” A.9F.

“Os rapazes falam com as raparigas de uma forma que as faz sentir mal, rebaixam, dizem “não sei como é que me apaixonei por ti”...” A.7B.

2.1.2. Violência física

Para além da violência verbal, a violência física foi relatada pelas jovens de forma contínua ao longo das entrevistas. Constatamos que os abusos mais frequentes são os estalos, pontapés, socos e murros.

“Na nossa idade...juventude...é mesmo chapadas para aqui e para ali e mesmo socos... o caso da minha irmã foi esse...ele deu-lhe mesmo dois altos estalos, isso passou-se às duas da tarde, ela chegou a casa às oito da noite e ainda tinha a cara marcada, ele magoou-lhe mesmo...foi mesmo... há violências mesmo a sério que magoam” A.8B.

“Ainda no outro dia no parque estava lá um casal de namorados e ele olhou para umas raparias e eu vi a namorada a dar-lhe um estalo e deu-lhe um pontapé no meio das pernas e perguntou-lhe o que é que ele estava a fazer...eu não acho isso correto” B.8F.

As jovens reconhecem que, atualmente, este tipo de violência para além de ocorrer entre casais de namorados, também ocorre no grupo de pares de forma espontânea e sem justificação.

“Foi no dia em que ele estava a bater em basicamente todas as raparigas...ele batia-nos do nada, quando lhe dava na cabeça, mas isto com muita frequência, quase todos os dias...um dia estávamos aqui na escola e ele bateu-me e deu-me três murros e eu fiquei com o braço inchado com hematoma...” A.7A.

Neste sentido, torna-se evidente que, apesar da maioria das jovens reconhecerem os estalos, murros, empurrões e puxar de cabelos como formas de violência física, continua a existir uma percentagem considerável a interpretar os abusos como interações normais e/ou formas de brincadeira e/ou divertimento, sempre que as vontades das jovens não são correspondidas por parte dos rapazes.

“As raparigas têm tendência a dar um estalo ao rapaz, puxar-lhe os cabelos...empurrá-los ou esmurrá-los na parede até eles pedirem desculpa...quando eles não fazem aquilo que nós queremos...mas sempre na brincadeira...nós enervamo-nos e batemos-lhes, mas é tudo na brincadeira” A.7B.

“Eu acho que os rapazes só levam estalos porque são muito orgulhosos e não querem pedir desculpa as raparigas pelas coisas que eles fazem... então levam um estalo...e mesmo assim eles não apreendem...eu por exemplo tenho de obrigar o meu namorado a pedir desculpa porque se não, ele não pede e deixa-me de falar sem eu saber porquê. E eu digo-lhe assim “não vais pedir desculpa?”, ele se quiser pede, se não pedir eu dou-lhe um estalo...ele depois fica parado a pensar e eu vou-me embora” A.7B.

“Há um rapaz muito violento na nossa turma, ele bate nas raparigas e depois sai a correr mas como eu interajo mais com os rapazes eu sei que eles fazem isso as raparigas que não gostam...depois as raparigas levam a mal porque não sabem bem...não conhecem bem a personalidade do rapaz...eu, por exemplo, quando eles fazem isso, não levo a mal de querer matar o rapaz...como conheço a personalidade do rapaz sei que aquilo é brincadeira...além dos insultos, bate as raparigas...nós sabemos que eles fazem isso a brincar, mas nós também vamos atrás deles e damos-lhe um chuto ou assim...” A.7A.

Torna-se fulcral ressaltar o facto de, em certas ocasiões, os abusos interpretados como brincadeiras por partes das jovens, corresponderem a comportamentos agressivos considerados graves (e.g., apertar o pescoço).

“Eu tenho uma colega que o namorado quase que uma vez a esganava na brincadeira” A.7D.

2.1.3. Violência sexual

Ao longo dos relatos foi possível identificar vários tipos de abusos sexuais dos quais as jovens raparigas são alvo (e.g., assédio, *sexting*, exposição à pornografia e violência durante o ato sexual) e determinados fatores que, sob o ponto de vista das próprias jovens, propiciam e/ou estimulam a ocorrência de tais abusos (e.g., vestuário, perfil de *sheilas* e *players* e a pressão social no sentido de perder a virgindade).

O assédio praticado por parte dos rapazes contra as raparigas (e.g., apalpar, apertar e mostrar órgãos genitais), parece assumir alguma frequência nas camadas juvenis e evidencia o desconforto e incómodo que as jovens sentem perante estas situações.

“Ontem mandei um rapaz ir para o caralho, ele veio atrás de mim e apertou-me o clítoris, eu estava com *leggings* e como são fininhas aperta-se bem... ele apertou-me e doeu-me tótil, eu estava ali a pedir ajuda...mas ele continuou! Estava ali gente mas ninguém fazia nada, e eu com as lágrimas nos olhos, a chorar...” A.8B.

“Alguns rapazes são atrevidos, às vezes apalpam-nos o rabo outros até fazem coisas piores...que vergonha...um colega mostrou a pila...” A.7D.

“O rapaz vai apalpando, vai avançando e às vezes há alguns que avançam mais rápido e as raparigas dizem para parar e eles forçam muito, mesmo muito...eu já vi” B.9.

Se na verdade uma percentagem considerável de jovens interpreta o assédio como abuso, todavia, existe uma percentagem de jovens que considera os apalpanços como meras brincadeiras e/ou formas de interação naturais.

“Eu acho que quando as raparigas apalpam os rapazes é mais na brincadeira” A.8A.

“Eu acho que na nossa idade os apalpões são bastante frequentes, mas é na brincadeira...eles querem brincar connosco, conviver, é uma coisa natural...” A.8A.

A par do assédio sexual referido anteriormente, o *sexting* continua a ser um dos tipos de violência sexual mais comum e reconhecido entre os jovens,

afetando maioritariamente o sexo feminino. Segundo os discursos das jovens, a exposição de imagens de nudez é conseguida por meio de redes sociais como o *skype*, através das quais os rapazes intimidam com ameaças e chantagens às raparigas que, não sabendo o que fazer, acabam por ceder, sendo posteriormente as imagens divulgadas em outras redes sociais (e.g., *facebook*).

“Eu acho que às vezes os rapazes ameaçam as namoradas com...por exemplo...diz “ou mostras as mamas ou mandas uma foto das mamas ou então acabo contigo”, normalmente há muitas relações assim, depois há muitas fotos no *facebook* de pessoas na *web*...os rapazes fazem *print* e metem em todas as redes sociais” A.8A.

Apesar do *sexting* ser uma prática continuamente relatada pelas jovens, torna-se importante chamar à atenção para o facto de, pela primeira vez, ter sido referido em um dos relatos que este tipo de violência pode ocorrer com o intuito de se obter algum tipo de benefício monetário.

“Por exemplo, no *skype* e no *facebook* se o rapaz souber alguma coisa sobre a rapariga ameaça contar se ela não fizer o que ele quer...normalmente é despir-se à frente dele, ele depois fica com as imagens guardadas e se ela quiser acabar com ele, ele ameaça mostrar essas imagens...acontece na nossa idade mas com rapazes mais velhos...também há aquelas situações em que a rapariga quer qualquer coisa mas não tem dinheiro e os pais não lhe dão....e então o rapaz diz “se te despires eu dou-te este dinheiro” e então a rapariga despe-se...uma foto é uma arma...” B.8F.

A exposição à pornografia, apesar de ser pouco relatada pelas jovens, é reconhecida como comportamento abusivo e parece ser outro tipo de violência sexual praticado por parte dos rapazes que, indubitavelmente, é sentido com grande desconforto pelas raparigas.

“No sexto, quinto e sétimo ano quando estávamos a ter aulas eles acediam à internet e punham vídeos pornográficos e depois obrigavam as pessoa a ouvir, eles depois punham-nos à frente da cara e depois ficávamos chocadas...eu ficava assim um bocadinho... eles diziam-nos “dou-te um euro se vires isto”, nós dizíamos que não, mas eles espetavam-nos o telemóvel na cara” B.9.

Por outro lado, a violência durante o ato sexual que aparece de forma regular nos discursos das jovens, é considerada pelas mesmas como forma de violência não reconhecida, isto é, é frequentemente interpretada como uma prática de intimidade normal que visa a obtenção de prazer.

“Às vezes há mesmo nas relações sexuais...quando um rapaz e uma rapariga estão mesmo a ter relações sexuais, os rapazes e as raparigas sentem-se bem, excitam-se mais depressa batendo e arranhando-se um ao outro” A.8B.

“Eu acho que a violência sexual na hora do sexo não é uma violência má! Porque há homens, às vezes que batem nas mulheres para elas... porque não querem fazer uma posição que eles querem e isso... mas se for feito com aquele amor e paixão há sempre aqueles arranhões...as raparigas arranham as costas aos rapazes e isso... e eles aqueles puxões de cabelo...mas não acho violência, acho bem” A.8B.

“Também há violência sexual no ato da sexualidade...como hei de explicar...os dois querem mas há violência...eu acho que é das hormonas que falam mais alto e então há violência. Se calhar eles próprios combinam isso, quando está muito quente...sei lá...estas a ter relações sexuais só que quanto mais quente fica mais as hormonas estão alteradas e mais violência há” B.9A.

Todavia, não podemos deixar de analisar os fatores que, segundo o ponto de vista das jovens, parecem contribuir para a ocorrência dos abusos anteriormente referidos. Assim sendo, e de acordo com os discursos das mesmas, o uso de determinado vestuário parece ser responsável pelos abusos sofridos no âmbito da sexualidade. As jovens apontam como causas explicativas da violência sexual o uso de determinadas roupas (e.g., calções, saias, vestidos curtos, tops, entre outros) que referem ser roupas mais ousadas e provocatórias.

Note-se que existe uma constante responsabilização face ao vestuário utilizado pelas jovens o que as deixa, desde o ponto de vista das mesmas, mais vulneráveis a abusos sexuais por parte de terceiros, os quais são interpretados como merecidos dentro da própria população juvenil. A forma como as raparigas se vestem parece ser indicativa de uma postura menos adequada em determinadas situações.

“Muitas raparigas dizem “ah, eu não sou puta” mas são porque elas andam vestidas por exemplo com umas cuecas de ganga, com tops...é como se andassem só de cuecas e soutien na escola e depois não querem que os rapazes sejam porcos, é mesmo assim que se diz! Depois não querem que lhes metam as mãos por dentro das calças ou dos calções...elas provocam bastante por causa de andarem com essas roupas...usam calças com fio dental de várias cores e depois nota-se...e depois os rapazes...pronto...ficam atrevidos” A.7C.

Todavia, na análise dos vários discursos as jovens fizeram referência a dois perfis de raparigas muito frequentes nos dias de hoje. Os perfis apontados pelas jovens (e.g., *Sheilas* e *Players*) caracterizam determinadas condutas e situações.

Na verdade, muitas jovens são identificadas através destes sobrenomes que têm uma forte conotação social no meio juvenil. O adjetivo de *Sheila* refere-se às raparigas que se vestem de uma forma diferente, quiçá mais ousada, vista como pouco adequada pelas próprias jovens, tendo por intuito atrair a atenção dos rapazes. Assim sendo, os relatos das próprias jovens apelam à possibilidade de as mesmas assumirem uma postura mais conservadora e menos provocatória, no sentido de diminuir a probabilidade dos abusos ocorrerem.

“As raparigas são mais provocadoras, elas agora gostam mais de provocar...os rapazes são capazes de estar na deles e elas andam aí...a passear-se não sei quantas vezes por eles para as verem...é para se mostrarem, mostrar o corpo delas...muitas vezes estão com altos decotes e ainda se colocam em certas posições para se mostrarem mais” A.8E.

“As que andam mais despidas são umas *Sheilas*...usam aqueles calções a mostrar as bochechas, usam tudo curtinho e decotado só para os rapazes olharem, algumas usam algodão nas mamas...” B.8F.

“Acho que as raparigas deviam ter mais postura e travar os rapazes...” A.7C.

Para além do perfil anteriormente mencionado, surge também outro perfil catalogado pelas jovens como *Player*, que se refere à iniciação de relações amorosas ocasionais com vários parceiros. As jovens assumem assim que uma rapariga *Player* é considerada pouco séria por não manter apenas um relacionamento amoroso, mas sim vários, num curto espaço de tempo, sendo portanto também comparadas com os rapazes que adotam esta mesma postura.

“Também há muitas raparigas que são piores que os rapazes...aproximam-se de um e depois aproximam-se de outro...para a semana estão com um e para a outra já esta com outro...é tipo rapariga mas em *player*...não aguenta na mesma paragem” A.8D.

“Eu tenho uma amiga que teve relações sexuais com o namorado e depois acabou e já ia ter com outro... as raparigas também não são santas...” A.7A.

Por último, através dos discursos das jovens podemos verificar que, cada vez mais, os jovens atribuem maior importância às práticas sexuais precoces. Assistimos nos dias de hoje a uma crescente pressão social, exercida pelo grupo de pares, no sentido de se perder a virgindade o mais cedo possível. Na realidade, verifica-se que a comparação entre quem é virgem ou não é frequente nestas faixas etárias e está a levar, cada vez mais, à banalização das práticas sexuais e a possibilidade de ocorrência de abusos.

“Eu acho que tanto as raparigas como os rapazes, por exemplo...se uma amiga chegasse a minha beira e disse-se “eu já perdi a virgindade, foi isto e foi aquilo” uma pessoa começa a pensar “ela tem a mesma idade que eu ou é um ano mais nova e eu ainda sou virgem”...eu acho que as raparigas ou rapazes sentem-se inferiores por não terem perdido a virgindade àquela idade” A.8E.

“As vezes é muita pressão dos amigos e isso...há rapazes que as vezes estão num grupo de amigos e todos já não são virgens e o rapaz com a pressão começa a tentar ou a obrigar a namorada a ter relações...é a reputação” B.9A.

Apesar das práticas sexuais precoces serem associadas maioritariamente aos rapazes, na verdade, as raparigas parecem estar a acompanhar esta tendência, considerada pelas mesmas como *normal* e/ou *natural* nestas idades.

“As raparigas têm que dar o peso do sexo aos rapazes, eles não se importam de fazer em qualquer sítio e elas as vezes como andam...há raparigas que as vezes estão desesperadas para perderem a virgindade. Eu conheço um caso que uma rapariga estava mortinha para perder a virgindade e pediu ao rapaz para lhe tirar...tanto implorou que ele tirou-lhe a virgindade e foi atrás de um pavilhão da escola... mas tanto raparigas como rapazes pensam em sexo, eu acho que hoje em dia é a coisa mais normal, as raparigas começam a perder a virgindade aos doze, dez, treze anos, porque só pensam mesmo no sexo, eu acho que é a coisa mais normal” A.8B.

“Uma amiga, por o namorado não lhe ter dado sexo, o amigo deu-lhe o sexo e ela ficou toda contente, terminou o relacionamento com o rapaz e começou a namorar com o amigo, isso tudo numa semana, só por o namorado não lhe ter dado sexo” A.8B.

2.1.4. Violência psicológica e emocional

As questões relacionadas com o ciúme e controlo assumiram ao longo dos relatos elevada importância, não só pela sua frequência mas também pelo significado que as jovens atribuem a este tipo de questões.

Apesar das jovens raparigas se assumirem como controladoras por natureza, conseguem fazer a distinção entre aquilo que é ou não saudável e, o que se adequa ou não em determinadas circunstâncias, reconhecendo que a proibição de contacto com terceiros e o controlo dos lugares frequentados pelos namorados são completamente inadequados.

“Eu acho que no namoro uma pessoa controlar tudo o que o acompanhante faz...acho que é um bocadinho...como é que hei de dizer...chato! Porque acho que isso já é a natureza de nós raparigas, elas gostam muito de ver o que o rapaz faz, se está com amigos ou amigas, isso é da nossa natureza...mas agora estar a competir, a controlar cada passo que ele dá, já é um pouco chato” A.8A.

“Nas amizades, principalmente naquelas que são verdadeiras, não as devemos deixar por um namoro...porque não sabemos se vai acabar mais tarde...não é justo nós deixar-mos os nossos amigos pelo nosso namorado...acho que não devemos deixar” A.9F.

“Nós, as vezes queremos sair e não podemos, queremos estar com os nossos amigos e não podemos... porque eles não deixam, proibem de fazer isto ou aquilo...dizem que acabam connosco...é uma ameaça...porque nós gostamos mesmo deles e não queremos que eles acabem” A.9F.

Por outro lado, as questões relacionadas com a cedência de credenciais de acesso às redes sociais e/ou do telemóvel, foram referenciadas de forma contínua no decorrer das entrevistas. É notória a consciencialização que as jovens possuem acerca da partilha das credenciais de acesso como perda de privacidade e falta de confiança no parceiro e, conseqüentemente, como forma de violência.

“Acho muito estúpido dar a palavra passe do *facebook* ao namorado, isso é a mesma coisa que eu dar ao meu pai ou à minha mãe...isso é não ter confiança numa pessoa porque dar a palavra passe é tirar a privacidade, não são os nossos donos, nós fazemos o que quisermos... Se o meu namorado me pedisse para ver as mensagens do telemóvel eu não dava” A.8D.

“Também há casos no *facebook* em que a namorada ou o namorado sabem a senha e vão lá cuscar as mensagens, os amigos, e depois até mandam mensagens às outras pessoas para não se meterem com o rapaz ou com a rapariga. Nós temos um amigo que houve uma fase que ele nos mandava mensagens no *facebook* tipo “não fales comigo” ou “para de falar comigo” porque era a namorada que mandava” B.9.

Sobressai, de igual modo, a crescente consciencialização por parte das jovens relativamente à proibição do uso de determinadas roupas por parte dos namorados.

“Não acho normal eles pedirem para não vestirmos certas roupas...eu não vou deixar de me arranjar só porque ele diz “não faças isto ou aquilo” até pelo contrário... mas eu conheço casos em que ela já aceitou não vestir *leggings* por amor...Eu conheço uma situação em que uma rapariga foi a uma festa e o namorado não queria que ela levasse calções e ela não levou para não se chatearem, também conhecemos muitas situações em que elas deixam os amigos ou amigas porque ele não gosta” A.8D.

Porém, apesar da maioria das jovens reconhecerem a violência psicológica e emocional como forma de abuso, ao longo dos relatos deparámo-nos com algumas situações entre as quais este tipo de violência é interpretada como prova de amor e/ou fidelidade.

“É bom discutir de vez em quando, se não há discussão não há amor minha amiga...” A.8E.

A proibição de contacto com terceiros, dos lugares frequentados e da própria indumentária parecem ser interpretados pelas jovens com uma certa naturalidade.

“Vou dar um exemplo, eu não gosto que o meu namorado olhe para outra, não tem que falar com outra, não tem que fazer nada...andar direitinho, é mesmo assim! Se eu não gostar dela, ele não tem que falar para ela” A.8E.

“Nós somos capazes de deixar de fazer coisas para eles não se chatearem...se ele me dizer para eu não sair, para ficarmos a falar ao telemóvel, eu não saio de casa e fico a falar com ele ao telemóvel” A.8E.

“O meu namorado proibiu-me de andar com a barriga à mostra, de usar certos tops, também certos tipos de calças, proibiu-me de falar com um rapaz que era meu amigo e disse que se voltasse a falar com ele acabava comigo...mas eu não me sinto mal com esta situação porque preferia abdicar da amizade do que abdicar do meu namoro” A.9F.

“Eu ontem tive uma conversa com o meu namorado...e eu perguntei se ele falava com alguma rapariga ou isso e ele negou-me...já nem com a melhor amiga fala, ela se mandar mensagem ele não atende e não responde...não o proibi de falar com ninguém, mas acho que é um facto de respeito por mim também...tal como eu tenho por ele, se eu tenho por ele, ele também tem de ter por mim...” A.9F.

2.2. Causas explicativas da violência no namoro

De seguida, serão abordadas as causas explicativas da violência no contexto das relações de namoro, as quais assumem elevada importância na análise e compreensão dos dados.

2.2.1. Problemas Familiares

Os problemas familiares aparecem frequentemente relacionados às práticas violentas no contexto das relações de intimidade juvenil. Nos seus discursos, as jovens atribuem uma certa responsabilidade às situações de violência doméstica que se fazem sentir em algumas famílias portuguesas, como causas que propiciam ou facilitam o recurso à violência por parte dos jovens. As questões relacionadas com a educação e o respeito são identificadas pelas jovens, em determinadas situações, como possíveis fatores precedentes de violência.

“Acho que agora os mais novos e também os mais velhos ficam mais agressivos na nossa idade porque vêm o pai a bater na mãe e a mandá-la a certos sítios com palavrões... portanto eles ficam mal-educados e não têm respeito por ninguém...” A.8A.

“Eu soube de um caso que se passou cá na escola em que um casal de namorados, ele batia nela porque desde pequenino ele teve problemas e os pais abandonaram-no...então ele tinha muito medo de ser abandonado e deixado...eu acho que o passado reflete-se um bocado nas atitudes das pessoas no presente ou no futuro...” A.7C.

A ideia da transmissão intergeracional da violência encontra-se presente nos discursos das jovens. Segundo as mesmas, a história prévia de violência familiar, sobretudo entre os progenitores, pode afetar o comportamento do jovem e facilitar a reprodução de comportamentos abusivos numa relação amorosa juvenil, visto os mesmos terem sido modelados no seio familiar e, por isso, considerados por muitos jovens como mecanismo de resposta adequado em determinadas situações.

“Pode ser o passado...tipo os pais baterem nas mães e eles sofrerem com isso e em vez de corrigirem fazerem o mesmo com as namoradas, acho que é mais isso...” B.9A.

2.2.2. Temperamento masculino

As questões relacionadas com o ciúme e controlo apresentam-se, segundo as jovens, como um dos mais significativos percursos de violência na

intimidade juvenil. Na verdade, todos os relatos, nos diferentes grupos, o sugerem.

“A violência também acontece um bocado por parte dos ciúmes... acho que os ciúmes são o maior motivo que existe na violência doméstica e entre namorados...é o ciúme...as discussões...há pessoas que são demasiado possessivas...” A.7C.

Através dos vários relatos analisados, percebemos que raparigas e rapazes assumem uma posição autoritária e de controlo nas relações amorosas.

“Há um exemplo de uma amiga minha...ela tornou-se um bocado...o rapaz quer estar com os amigos e não quer estar sempre com ela...e ela começa a fazer filmes porque pensa que a esta a trair...as vezes não o deixa tipo ir jogar futebol ou dar voltas à escola com os rapazes só para estar com ela...ela as vezes vem à nossa beira perguntar “viram-no?”, “onde é que ele está?” acho que ela está a ser controladora por querer sempre saber dele e não o deixar estar a beira de outros rapazes ou raparigas” A.7B.

As questões da proibição de contacto com terceiros e a vigilância dos horários e sítios frequentados, são justificados pelos ciúmes sentidos, pelo medo da infidelidade ou término da relação.

“Há aqueles rapazes que proíbem as raparigas de estar com os amigos, proíbem mesmo de tudo, controlam-nas, vêm a que hora ela entra na escola, mandam-lhe sempre mensagem a perguntar onde estão, controlam totalmente a rapariga”. A.8B.

“Nós temos medo que eles comecem a gostar de outra pessoa...por isso é que temos ataques de ciúmes...temos medo que eles nos troquem...é complicado... as raparigas têm tendência a obriga-los a deixar que eles falem com outras raparigas...” B.8F.

Segundo os discursos das jovens, os sentimentos de insegurança e pertença face à relação provocam, grande parte das vezes, situações de violência física e verbal contra o parceiro ou contra terceiros. Neste sentido, e de acordo com a opinião das jovens, a violência provocada pressupõe demonstrar a dominância e/ou submissão de um dos parceiros face ao outro.

“Os rapazes às vezes querem que elas façam tudo, que eles é que mandam e elas têm de fazer o que eles mandam...têm de ser como eles querem, às vezes por falarem com outros rapazes, por exemplo amigos, têm de se afastar por causa do namorado que é violento...às vezes discute, pode armar problemas com o amigo dela e essas coisas, pode chegar a bater na rapariga, há muitos casos assim, tenho uma amiga minha que já passou por isso” A.7E.

“Nós falávamos com um rapaz e ele mandava mensagens à namorada a dizer “esta falou comigo” e depois a namorada disse que me queria bater, ameaçou, por eu ter falado com ele...” B.9.

“As raparigas às vezes pensam tipo “ele é meu, ninguém vai tocar nele, ninguém vai ficar com ele” e se o vir próximo de outra rapariga pensa que o traiu a falar com ela...porque são tão ciumentas...depois chegam e prontos traíste-me agora toma...” B.9.

A ansiedade parece, de igual modo, estar relacionada com as causas explicativas da violência no namoro. A ideia da perda do controlo surge nos relatos das jovens, associada ao recurso da violência a nível físico (e.g., empurrar) e/ou verbal (e.g., insultar), quando há discussões ou quando um dos parceiros não gosta da atitude e/ou comportamento do outro.

“Enquanto os rapazes estão enervados batem nas raparigas...”A.7D.

“Quando o nosso namorado está nervoso ou estamos numa discussão pode haver violência por causa dos nervos...um estalo ou empurrar e assim...” A.9F.

“Alguns namorados às vezes...imagina... estou a falar com um rapaz e como o namorado sente ciúmes diz à rapariga que é um *Sheila*, insulta, e depois exalta-se e bate nela” B.9.

Apesar do nervosismo ser associado com maior frequência aos rapazes, na verdade, as raparigas também parecem associar-se a situações de impulsividade e descontrolo que as levam, conseqüentemente, a praticar violência.

“Eu própria já andei à porrada com uma rapariga e com um rapaz... eu quando me enervo, todas as minhas pessoas dizem que sou muito impulsiva, digo tudo na hora, enervo-me e naquela hora não tenho medo de quem está....tipo...podia estar a polícia que eu digo na mesma...então por exemplo, se me enervar posso dizer um palavrão ou qualquer coisa assim, qualquer pessoa diz... ou também de bater quando me enervo...quando bato em alguém....já andei à porrada!” A.7E.

2.2.3. Estatuto de Género

O estatuto de género adquirido pelos homens ao longo dos tempos, continua a ser associado às práticas de violência nas relações de intimidade, sendo a sua frequência bastante elevada ao longo dos relatos analisados.

“Nos tempos antigos isso acontecia...eram os homens que mandavam nas mulheres...” A.7D.

“Às vezes tem a ver com a mentalidade de anos atrás não é... em que o homem é que mandava na família, podiam ter muitas mulheres, ser os reis e a mulher não...” A.8D.

As jovens reconhecem os estereótipos de género associados ao sexo feminino, afirmando que hoje em dia alguns desses estereótipos se fazem sentir e prejudicam a autonomia e liberdade das mulheres.

“Os homens acham-se... porque antigamente eram o centro do mundo, as mulheres eram sempre abaixo deles... e acho que eles ainda pensam assim, que eles têm sempre prioridade das mulheres, que as mulheres só servem mesmo para o sexo, para o trabalho, para lhes dar dinheiro e isso...e filhos” A.8B.

“Os homens ao casarem pensam que como a mulher está casada com eles têm que fazer tudo o que ele manda...só nos querem conquistar para levar ao casamento e depois de casar pensam “és minha, és minha e sou eu que mando”...tanto os que casam como os que estão a viver juntos...depois somos nós que temos que ir buscar as coisas para ele enquanto no namoro querem-nos agradar” A.8E.

2.2.4. Consumo de substâncias

O consumo de drogas e álcool tem sido reconhecido frequentemente pelas jovens, como um dos fatores precipitantes e/ou geradores de agressão. A associação que o grupo de jovens faz relativamente ao consumo de substâncias e à violência, não se restringe apenas as relações amorosas mas também às relações sociais, nomeadamente, ao grupo de pares.

“Os homens têm mais vícios... vícios de beber e fumar...depois chegam a casa assim e basta dizer qualquer coisinha que...”A.8E.

“Quando começam a beber muito começam a ficar mais agressivos, não só com as namoradas mas com os restantes...” A.8A.

“Às vezes por estarem em drogas, metidos em...a fumar, em drogas...assim há violência...”A.7D.

2.2.5. Término das relações

O fim dos relacionamentos amorosos tem sido identificado, efetivamente, como fator de risco para ocorrência de violência. O término das relações foi referido ao longo dos relatos com muita frequência e, tivemos oportunidade de

constatar que, em determinadas situações, nomeadamente quando começa a surgir algum tipo de violência no relacionamento amoroso, o término da relação pode ser uma decisão difícil de tomar por parte da vítima. Percebemos também que a dificuldade de toma desta decisão (e.g., por fim ao relacionamento abusivo) é justificada pelo sentimento de medo, associado, por sua vez, à possibilidade do abuso sofrido (e.g., quer físico, quer psicológico) aumentar em termos de frequência e intensidade.

“Conheço um caso que a rapariga depois de começar a namorar, começou a ver como é que o namorado era, o lado mau, ele começou a mostrar a parte verdadeira dele e ela queria acabar com ele, mas ele não a deixava. Ela tentava fugir dele mas ele agarrava-a pelo braço e depois começava a bater-lhe a dizer que tinha que ficar com ela...isso acontecia frequentemente...” B.9.

2.2.6. Equiparação de direitos

A violência reativa, sobretudo por parte das raparigas, tem sido percecionada como mecanismo de equiparação de direitos comparativamente aos rapazes. Através dos discursos das jovens percebemos que o recurso à violência é uma tendência que esta, cada vez mais, a aumentar. Neste sentido, as jovens parecem demonstrar um enorme desejo em serem consideradas e/ou reconhecidas como detentoras dos mesmos direitos e deveres que os rapazes, em todas as esferas sociais, sobretudo no âmbito das relações amorosas, nas quais consideram existir uma falsa igualdade de género.

“As raparigas têm que se mostrar...que não são nenhuma...ficam sempre quietas! Porque antigamente também era que as raparigas não faziam nada, que as raparigas também eram só tipo objeto e isso...e acho que as raparigas têm que mostrar que não são só isso, que são muito mais do que os rapazes pensam...Há alguns rapazes que pensam que só servem para algumas coisas, acho que os rapazes acham muito que só servem como objeto, para namorar, para mostrar aos amigos, quando elas têm que mostrar que são superiores a essas coisas todas” B.9A.

A violência reativa por parte das jovens raparigas parece associar-se à crescente intolerância das práticas abusivas desempenhadas pelos rapazes. Verifica-se que as jovens pretendem travar uma luta, embora nem sempre da forma mais adequada, face à conquista de direitos e deveres que consideram não serem igualitários nas relações de namoro.

“Eu acho que as raparigas agora estão a ficar mais violentas porque até há pouco tempo os rapazes eram sempre aqueles que eram considerados os maiores e nós tínhamos, as raparigas, tinham de ter medo deles...elas começaram a ficar fartas e quiseram também começar a impor respeito e fazer com que a sua imagem de tímidas e de que os rapazes podem fazer tudo o que querem com elas deixe de existir...que elas também sejam consideradas como seres humanos e não como bonecos que posso brincar agora e se quiser deixo e pronto...ainda existem rapazes assim!” A.8A.

2.2.7. Influência do grupo de pares

A influência do grupo de pares tem sido percebida pelas raparigas como fator estimulante de agressão por parte dos rapazes. Algumas das jovens entrevistadas referem, com frequência, que os jovens que se encontram na companhia de colegas ou amigos apresentam maior probabilidade de praticarem abusos em termos físicos e/ou verbais, por lhes ser atribuída a conotação de homem valente e/ou corajoso.

“Eu acho que os rapazes são mais simpáticos quando estão sozinhos do que quando estão com outros rapazes...eu acho que eles são simpáticos se não andarem a pregar partidas, a insultar e a bater nas raparigas e é frequente fazerem isso quando estão com outros rapazes...porque gostam de mostrar aos amigos que são fixes porque batem nas raparigas...e os que não batem nas raparigas não são fixes...dizem que como os outros rapazes não batem nas raparigas não são corajosos...” A.7A.

“Se o amigo fez alguma coisa ele também tem de fazer que é para não se sentir menos homem que o amigo...a maioria dos rapazes são assim” A.8E.

Para além da influência de pares estar associada a um maior abuso nas relações de namoro, esta influência parece também ser frequente no término das relações de namoro ou quando existem discussões entre os casais, fazendo com que o grupo de pares se afaste e deixem de manter contacto com a rapariga, a qual tem tendência a ficar isolada.

“Eles, quando nós acabamos, ficam chateados...eles costumam ir ter com os nossos amigos e dizem que nós não fomos boas na relação, com nomes e tudo, e depois essas pessoas deixam-se levar pelo que eles dizem e afastam-se de nós” B.8F.

“As vezes os rapazes de repente inventam uma cena qualquer e toda a gente fica a saber...depois a rapariga fica com fama de alguma cena. Isso é muito normal acontecer, hoje em dia os rapazes têm uma rapariga e se ela se chateia com ele destrói-a mais...inventa uma cena mesmo chungá... e depois fica aí com a fama, fica triste...mais ninguém fala com ela, é pá...fica renegada” B.9A.

2.2.8. Conduta feminina

A conduta feminina, frequentemente associada à indumentária e ao tipo de postura adotada é, em determinadas circunstâncias, percebida pelas jovens como responsável pelo surgimento de violência em torno das relações de namoro.

Segundo as mesmas, o vestuário utilizado por determinadas jovens que mantêm um relacionamento amoroso é responsável pelos ciúmes despoletados no companheiro e, pelos comportamentos abusivos praticados, conseqüentemente, pelo mesmo.

“A forma de elas se vestirem, é verdade, têm razão...porque às vezes se estiver assim com um decote já é maneira de eles ficarem ciumentos...” A.7E.

“Há raparigas que se vestem a provocar...e muito...a maneira como se vestem são provocadoras, saia curta, vestido curto, tops, calções no inverno...” A.7D.

Por outro lado, a postura mais desinibida por parte de algumas jovens, associada ao perfil de *Sheila* contribui, aparentemente, para a ocorrência de alguns abusos (e.g., relações sexuais forçadas, apalpões, entre outros).

“O problema é das raparigas, porque tipo as raparigas deixam, se o rapaz lhe quer apalpar o cú elas deixam, se um rapaz quer comer atrás da bolsa elas deixam, se o rapaz...sei lá...quer fazer qualquer coisa de mal, elas deixam, a culpa também é das raparigas...” A.8B.

Contudo, note-se que a maior parte das jovens considera que os abusos ocorridos em determinadas situações não podem ser classificados como tal, devido à postura adotada pelas restantes jovens (e.g., perfil de *Sheilas*).

“Às vezes também as raparigas deixam-se apalpar porque querem, elas dizem “ai, ele apalpou-me ou obrigou-me a fazer isto” mas é mentira! Ela faz porque quer...fazem porque querem” A.9F.

“As raparigas são umas badalhocas, hoje em dia...só querem coiso e mais coiso...” B.9A.

Por outro lado, a forma mais descontraída como as jovens encaram os relacionamentos amorosos, parece também ser alvo de crítica e responsabilização face à violência sofrida em determinadas situações. Conforme indicam os relatos, a indecisão, a variedade de relacionamentos e a

curta duração dos mesmos são associados ao perfil de raparigas *players* que apenas procuram diversão.

“Há raparigas...tipo...eu conheço...que não sabem o que querem, se querem um rapaz ou se querem dois...estão sempre indecisas...ou acaba com um e anda com outro...isto é muito frequente nas raparigas...” A.9F.

2.2.9. Masculinidade hegemónica

Muitas jovens consideram que a violência em torno das relações amorosas, sobretudo a violência sexual, ocorre pela necessidade *natural* que os rapazes sentem em iniciar ou manter a vida sexual.

As raparigas reconhecem que os rapazes sentem maior necessidade, pela sua condição masculina, comparativamente às mulheres, em ter uma vida sexual ativa, o que poderá despoletar abusos sexuais em determinadas situações, nomeadamente, quando as raparigas negam manter esse tipo de contacto.

“Eu acho que isso acontece por causa dos rapazes, porque as raparigas não costumam estar prontas ao mesmo tempo...eles costumam estar preparados antes que as raparigas e costumam incentivá-las a fazer porque querem...mas elas não...se gostassem da rapariga não estariam a força-la a fazer uma coisa que ela não quer...só por um gosto dele” A.7B.

Algumas jovens referem, constantemente, que a necessidade por parte dos rapazes em manter a vida sexual ativa, propicia que se envolvam e/ou iniciem relacionamentos amorosos, pois estes facilitam a possibilidade de manterem um contacto sexual regular.

“Os rapazes hoje em dia só pensam em beijos, sexo, beijos, sexo” A.8B.

“Os rapazes iludem muito, dizem que nos amam muito...a maioria dos rapazes quando lhe das aquilo que ele quer já dizem “vai lá à tua vida, já não te amo, o amor já passou” A.8E.

2.3. Responsabilidade pela prevenção

Neste sentido, as causas explicativas da violência no namoro elencadas anteriormente, são consideradas pelas próprias jovens práticas e/ou atitudes a evitar por forma a prevenir a violência nos relacionamentos amorosos juvenis.

2.4. Representações sobre as vítimas e os/as agressores/as

As representações sobre as vítimas e os/as agressores/as assumem elevada importância na análise dos dados e pretendem elucidar-nos acerca das questões relacionadas com as especificidades de género, com os tipos de violência adotados por ambos os sexos e, todavia, acerca do papel representado pelos media, como veículo de transmissão e de informação sobre a presente temática.

2.4.1. Indistinção de género

Ao longo dos vários discursos, a ideia da mutualidade da violência foi relatada de forma frequente, pelo que não existem dúvidas de que raparigas e rapazes praticam violência no seio das relações de intimidade.

“Eu acho que varia de pessoas, há rapazes muito antiquados que a mínima coisa que a rapariga faça ou não faça é logo chapada. E há raparigas que são tipo como eu, que a violência é que resolve tudo...e se for preciso dá-se sem medos a ninguém!” B.9A.

“Eu acho que é os dois...porque já vi mulheres mesmo a bater nos homens, já vi homens mesmo palitos a levar no focinho das mulheres...”A.7D.

2.4.2. Especificidades de género

2.4.2.1. Severidade da violência praticada por rapazes mais velhos

Ao longo dos relatos percebermos que as raparigas identificam os rapazes mais velhos como responsáveis pela violência severa nas relações de intimidade juvenil. Verificamos assim uma forte associação entre a ideia da severidade da violência e a força física praticada pelos jovens mais velhos, sendo que esta mesma associação diminui quando se equipara à violência praticada por jovens mais novos.

“Eu acho que há violência quando a rapariga ou o rapaz namoram com uma pessoa mais velha, porque estão mais habituados a ver essas coisas fora da escola...normalmente quando têm a mesma idade tratam-se igual...quando estão por exemplo nos 18, 19, 20 anos...acho que com as namoradas eles ficam agressivos quando ela nega perder a virgindade com a pessoa...fica mais agressivo, começa a bater para ver se ela fica, há rapazes que ficam obcecados então quando a rapariga acaba vão atrás da rapariga para a espancar, para a agredir” A.8A.

2.4.2.2. Violência psicológica praticada por raparigas

Se por um lado a severidade da violência física é atribuída aos rapazes, a violência psicológica parece ser fortemente praticada pelas raparigas. Apesar da violência física poder ser praticada por ambos os sexos, do ponto de vista das jovens, a intensidade da força aplicada e a severidade dos danos causados pelos rapazes, não podem ser comparados e/ou equiparados aos danos causados pelas raparigas.

“A rapariga defende-se mais com as palavras, dizem o que os rapazes não gostam de ouvir mesmo, e não é dar um estalo, porque um estalo nosso às vezes para eles é uma cócega, o que lhes toca mais é aquelas palavras que eles não gostam de ouvir” A.8B.

“A rapariga até pode dar uma chapada, mas acho que atinge mais o rapaz verbalmente do que fisicamente” A.8A.

As raparigas assumem-se como inteligentes e perspicazes comparativamente aos rapazes, no sentido de saberem utilizar as ferramentas que têm ao seu dispor para se defender da violência sofrida pelos mesmos.

“Se um rapaz é forte, vai usar a força, se uma rapariga tiver aquele poder “vou conseguir insultar, eu sou inteligente e ele não”, insulta-o e ele cala-se... tem que se jogar com o que tem, com o que pode” B.9.

2.4.3. Reforço dos *media* relativamente à pertença de género dos agressores

O discurso das jovens tem-nos chamado sucessivamente à atenção, acerca do papel desempenhado pelos meios de comunicação e informação relativamente aos casos de violência nas relações de intimidade.

Os *media*, como veículos de transmissão de informação e entretenimento, têm contribuído para o reforço da pertença de género dos agressores, sendo claro neste sentido que as jovens parecem identificar, reiteradamente, os homens como maioritariamente agressores comparativamente às mulheres.

“Eu não acho que as raparigas sejam mais violentas que os rapazes porque na televisão, nos programas, dão mais exemplos dos rapazes que mataram as mulheres e não há...é raro ver casos de violência doméstica que seja ao contrário, raparigas contra rapazes, em princípio nunca vi uma rapariga a matar um rapaz...digamos assim...” A.7B.

“Eu vejo nas novelas que os homens são mais violentos...” A.7D.

“No fim-de-semana, no telejornal, falaram da Inglaterra, um gajo que matou a namorada, eram adolescentes...matou a namorada e depois suicidou-se porque tinha muitos ciúmes dela então matou-a...” B.9A.

2.5. Consequências e reações à violência sofrida

2.5.1. Violência reativa

Ao longo dos relatos é comum as raparigas afirmarem praticar violência física contra os rapazes como mecanismo de defesa e/ou proteção face à violência sofrida primeiramente pelos mesmos.

“Nós batemos nos rapazes porque eles nos batem primeiro...” A.7A.

“Normalmente, alguns casos que o rapaz bate à rapariga, as raparigas também têm aquela tendência de se protegerem...então também prontos, batem aos rapazes...se o meu namorado está-me a bater e eu quero-me proteger então também lhe bato para me defender” B.9.

De facto, as jovens adolescentes estão, cada vez mais, a mostrar-se intolerantes à violência causada pelos parceiros. Neste sentido, as jovens parecem reagir e/ou responder de forma violenta contra os rapazes, não só com o intuito de se protegerem, mas também de demonstrar que todos merecem ser respeitados.

“Se ele me batesse a mim eu também me virava a ele...eu acho que nem tinha tempo, o rapaz, de me por a mão em cima...Se eles querem que nós tenhamos respeito por eles, eles também têm de ter respeito por nós” A.8E.

2.5.2. Término da relação

Uma outra forma de reação à violência sofrida passa pelo término da relação. Ao longo dos relatos tivemos oportunidade de constatar que, a sensibilização acerca da importância de pôr fim aos relacionamentos abusivos, começa a ser notória na camada juvenil. Neste sentido, parece-nos evidente que esta maior consciencialização por parte das jovens, tem por base questões ligadas à educação e, conseqüentemente, ao respeito, que na opinião das mesmas, todos devem preservar.

“Eu acho que quando se levanta a mão ou damos um estalo acho que é melhor acabar ali com a relação...já não há respeito, perde-se logo o respeito todo” A.8E.

“Se eu tivesse um namorado eu não batia nele e nem queria que ele me batesse, porque se ele me batesse eu também batia nele...eu não ia deixar que me batesse e eu ficar a olhar para ele...eu acabava logo com ele e não falava mais com ele e não tinha medo mesmo que ele me ameaçasse...todos somos humanos e devemos ser respeitados...se não há respeito então acabou por ali...” A.7C.

2.5.3. Banalização da violência pontual

Ao longo dos discursos tivemos oportunidade de constatar que nem todas as jovens se encontram sensibilizadas para o término da relação quando ocorre violência. Através dos relatos das jovens verificamos que a ideia de banalização da violência, em determinadas circunstâncias, continua a ser bastante comum.

“É assim...quando é violência física, se for uma zanga a rapariga vai pensar “pronto, bateu uma vez, estava exaltado, com ciúmes, não se soube controlar”...prontos...também é uma oportunidade, não é só por dar uma estalo...toda a gente se passa não é...as raparigas pensam “ele estava exaltado é normal ele passar-se”... uma vez passa, a segunda ainda vá lá, à terceira...” A.8D.

“Depende da situação...pode ser uma tristeza que o rapaz tenha lá dentro, que a discutir com a rapariga o envolve com aquilo que ele sente lá dentro, então aquilo tudo pode revoltar uma violência, depois o rapaz pede desculpa...é normal!” B.9A.

Porém, note-se que ao longo dos relatos sobressai a ideia de que a violência praticada pelas raparigas é meramente pontual, ao contrário do que acontece com os rapazes. Neste sentido, o discurso das jovens aponta para o facto de os rapazes recorrerem, constantemente, a práticas violentas em diferentes relacionamentos.

“Quando uma rapariga pode dar um estalo ao rapaz...prontos...fiz mal, não volto a fazer. Mas um rapaz bater numa rapariga é completamente diferente porque a rapariga vai começar a pensar que ele vai ficar sempre assim e normalmente quando ele bate a primeira vez quer dizer que vai bater mais...acho totalmente diferente...os rapazes são mais violentos” A.7B.

2.5.4. Não reação

Por último, embora pouco comum, outra das formas relatadas pelas jovens no sentido de lidarem com a violência sofrida passa pela não reação. Esta forma específica de reação e/ou de resposta por parte das jovens é justificada pelo

medo que sentem, dada a probabilidade da violência aumentar, em termos de frequência e intensidade, ser maior do que a própria vontade de reagir.

“Eu acho que namoro e violência...por exemplo, um rapaz dá uma chapada a uma rapariga, eu acho que se fosse comigo, eu acho que não conseguia ter assim muita coragem para reagir porque acho que ia ter um pouco de medo...acho que é isso que se sentem quando se sofre de violência no namoro, acho que quem é agredido fica com medo, e ser pior... e acho que faz tudo o que a pessoa que a agride quer” A.8A.

2.5.5. Sofrimento psicológico

O sofrimento psicológico relatado pelas jovens ao longo das entrevistas dá-nos conta dos vários tipos de sintomatologia depressiva (e.g., automutilação, choro e isolamento), relacionados com situações de abuso e/ou rejeição pelo par amoroso e que passaremos, de seguida, a descrever.

2.5.5.1. Automutilação

Uma das estratégias frequentemente relata pelas jovens, como forma de lidar com o sofrimento psicológico, passa pela automutilação, mais especificamente, pelo corte dos pulsos. Este tipo de prática parece estar a ser muito recorrente nas jovens que são rejeitadas pelo par amoroso. O sentimento de medo, mágoa e frustração descrito pelas mesmas, parece ser superior à dor produzida pelos cortes, pelo que através desta prática parecem encontrar um certo alívio emocional.

“Vejo raparigas que se cortam por causa dos rapazes...algumas por estupidez outras por mesmo amor...por aquilo que elas sentem e o corte não é tão fundo como a dor que supostamente elas sentem...” A.8B.

“Ainda ontem escrevi um texto para um rapaz...primeiro disse que o amava depois já disse que não ia dar porque não queria ser outra vez magoada e voltar a cortar-me como fiz num antigo relacionamento” A.8B.

De acordo com os relatos das jovens, para além do alívio emocional obtido através dos cortes, este tipo de prática funciona, sob o ponto de vista das mesmas, como tentativa de chamar à atenção da pessoa amada, na esperança e/ou com o intuito de que lhe seja retribuída uma resposta que acabe com o sofrimento.

“Eu tinha uma menina da nossa turma antiga...ela agora mudou-se de turma, ela gosta de um rapaz...e ela, não quer dizer que passa a vida, mas ela costuma pegar no xizato

e cortar os pulsos por causa dele...ela continua a fazer isso porque pensa que com isso ganha alguma coisa. E também havia outra rapariga que se andava a cortar pelo mesmo rapaz e essas coisas acontecem cá na escola” A.7B.

2.5.5.2. Sintomatologia depressiva

Para além das automutilações, outros tipos de sintomatologia depressiva (e.g., choro e isolamento), foram relatadas pelas jovens como formas e/ou consequências resultantes da rejeição e do abuso físico e/ou psicológico praticado pelo parceiro.

“Muitas raparigas até se escondem, choram, às vezes não vêm à escola, cortam-se e voltam-se a cortar por serem digamos discriminadas...por não serem aquilo que são, por se terem entregado a alguém que amavam e essa pessoa depois de ter aquilo que queria as ter deixado” A.8B.

“Cá na escola houve um caso...o rapaz estava a bater na namorada...e ela depois estava cheia de medo, estava a chorar...coitadinha, tive pena mesmo” B.9A.

“Eu acho que as raparigas são mais frágeis de sentimento...quando os rapazes batem, insultam, acho que elas ficam ainda mais fechadas, mais frágeis e a chorar muito” A.7B.

3. Outras experiências de vitimação

As experiências de vitimação no contexto das relações de intimidade juvenil parecem não ser as únicas vivências relatadas pelas jovens. No decorrer das entrevistas surgiram outros tipos e/ou experiências de vitimação que merecem, de igual modo, a nossa atenção, pelo que as passaremos a descrever de seguida.

3.1. Assédio

3.1.1. Perseguição em contextos públicos

O assédio e as perseguições sofridas e/ou praticadas em contextos públicos por desconhecidos, assumiram bastante regularidade nos relatos das jovens. Neste sentido, os discursos das jovens tem-nos chamado à atenção para o facto de este tipo de acontecimentos se verificarem, inclusive, ao pé da escola.

As diferentes tentativas de persuasão, exercidas por indivíduos desconhecidos em contextos públicos (e.g., tentar convencê-las de uma suposta relação de proximidade com os pais, oferecer boleia e/ou perseguição), são interpretadas

pelos jovens como tentativas de manipulação que podem colocar em risco a sua segurança e constituem, notoriamente, motivo de preocupação para as mesmas.

“Já me aconteceu... eu tava a ir para o meu pai e depois ele perguntou, passou um homem, disse que conhecia o meu pai, e disse se eu queria boleia e eu disse que não, que podia andar a pé que não me importava...Mas ele estava a insistir que queria-me levar e começou a inventar que conhecia o meu pai e depois eu disse que não...Então ele seguiu-me até a porta da casa da minha colega, quando eu saí da casa da minha colega ele tava lá parado...quando eu estava a andar ele arrancou o carro e seguiu-me até a minha casa e depois foi-se embora...já me aconteceu muitas vezes isso...” A.7E.

“Também há muitos homens por ai que tentam fazer-nos qualquer coisa, por exemplo, ainda agora anda uma carrinha a seguir-me a mim e aos meus amigos, talvez para nos raptar...a minha colega até estava a chorar por causa disso... já aconteceu comigo estar a passar na rua e estar um homem dentro de um carro ou nos chamar ou apitar o carro, ou a abrir a porta e nos convidar para nos dar boleia...” A.7E.

3.2. Discriminação

Ao longo dos discursos tivemos oportunidade de constatar que as interações na camada juvenil podem ser afetadas por diferentes formas de discriminação, ligadas às questões do poder económico, racismo e diversidade funcional.

3.2.1. Poder económico

De acordo com o discurso das jovens, o estatuto económico parece ser um dos fatores mais aliantes de envolvimento em relacionamentos amorosos. As mesmas referem que o interesse em obter bens materiais, monetários e/ou alimentares, adquiridos a partir do momento que estabelecem um relacionamento com alguém, cuja situação económica é mais favorável que a sua, é uma realidade bastante frequente. Todavia, sob o ponto de vista das jovens, estes relacionamentos podem ser considerados pouco corretos por envolverem falsos interesses e sentimentos.

“Acho que às vezes as pessoas namoram só por causa do dinheiro...acho que há relações dessas com a nossa idade...que as pessoas que têm dinheiro compram roupas boas e então começam a dar-se bem com essa pessoa só pelo dinheiro...porque ou compram umas air force, umas sapatilhas boas, camisolas de marca boas...e começam a andar com essa pessoa porque ou ela dá sempre dinheiro para lanchar aqui na escola, traz muito dinheiro para carregar o cartão e começam a dar-se com essas

peessoas mas...como é que se diz...são materialistas estas pessoas. Pode ter um material muito caro e às vezes “ah, dás-me isto?” porque são coisas boas que duram muito tempo e abusam dessa pessoa que se calhar são pessoas generosas que se calhar até têm pena dessa pessoa que não tem quase nada... há aqui por exemplo uma moça na escola que tem um namorado que dizem que ele tem muito dinheiro, ele tem roupas de marca, tem tudo de marca e ela não gosta dele, já admitiu isso a uma colega...só que ele gosta muito dela... e então da outra vez, acho que foi a semana passada, ele deu-lhe um tablet e muitas vezes dá-lhe roupa...isto o que me dá a entender é que ela namora por interesse, já lhe deu muita coisa...” A.7E.

“Há muitas pessoas hoje em dia, nos tempos em que estamos, ligam muito a bens materiais e esse tipo de coisas e eu acho isso extremamente incorreto...as pessoas namoram por aquilo que vêm e não por aquilo que sentem...é muito frequente...acontece a maior parte das vezes...” A.7C.

3.2.2. Racismo

Por outro lado, o poder económico parece não ser o único fator de discriminação do qual os jovens são alvo. Desde o ponto de vista das jovens, as interações juvenis podem ser afetadas pelo grande preconceito que ainda se faz sentir, relativamente à cor da pele das pessoas.

“Há muito preconceito não só pelas pessoas serem ricas ou pobres...às vezes até há racismo por serem pretos...” B.9A.

3.2.3. Diversidade funcional

Por último, e apesar de ser pouco comum, a diversidade funcional (vulgo deficiência) é considerada pelas jovens como fator discriminatório. Neste sentido, as jovens relatam situações de exclusão de jovens portadores de deficiência em determinados grupos de pares. Todavia, revelam uma certa sensibilização perante este assunto, no sentido de considerarem este tipo de vitimação inadequada.

“As pessoas com deficiências...muita gente não fala com elas, porque têm deficiências...enquanto se calhar um dia pode ter um filho ou até se apaixonar por alguém assim...” B. 9A.

9. Discussão dos resultados

Num primeiro momento, a análise dos resultados permite-nos identificar de forma preocupante a crescente banalização das práticas abusivas nas relações juvenis, quer no geral, quer no contexto da intimidade.

Foi notório ao longo da análise dos discursos que as relações íntimas juvenis são marcadas por formas específicas de contacto feitas, maioritariamente, pelo recurso às tecnologias de informação e comunicação. As estratégias preferenciais de iniciação e/ou manutenção de contacto entre os jovens envolvem redes sociais como o *Twitter* e/ou *Facebook* que, para além de funcionarem como meios de comunicação, podem ser consideradas sob o nosso ponto de vista, veículos propícios à manifestação de violência entre os mesmos (e.g., insultos, discussões, controlo do parceiro).

Por outro lado, às relações íntimas juvenis estão associadas diferentes tipos de motivações e manifestações, que parecem ser responsáveis pela qualidade e tipos de relacionamentos. Parece-nos evidente que as jovens continuam ligadas às questões relacionadas com o romantismo, enquanto os jovens parecem estar mais ligados à fugacidade das relações. Neste sentido, raparigas e rapazes parecem valorizar tipos de relacionamentos distintos. O namoro é valorizado pelas jovens raparigas, por ser um relacionamento que envolve um certo grau de compromisso, enquanto os rapazes valorizam o *comer*, tido como relacionamento ocasional, por estar associado à dimensão sexualizada das relações e ao ganho de estatuto social que, de algum modo, lhes permite incluir-se em determinado grupo social (Ellis & Wolfe, 2014). Por último, constatamos que as manifestações públicas de afeto nem sempre se afiguram adequadas devido à componente sexual que acarretam e ao espaço onde são praticadas.

Verificamos também que as práticas e significados da violência no namoro são vários. Os tipos de violência identificados ao longo dos discursos remetem-nos para a ocorrência de violência verbal, física, sexual, psicológica e/ou emocional. Todavia, importa ressaltar o facto de alguns tipos de violência serem naturalizados pela população juvenil, os quais tendem a interpretá-los como provas de amor, fidelidade (e.g., poder e controlo) e, inclusive, como estratégias de interação (e.g., apalpar, dar estalos, puxar os cabelos e violência durante o ato sexual).

As principais causas explicativas da violência no namoro (e.g., problemas familiares, temperamento masculino, estatuto de género, consumo de substâncias, término das relações, equiparação de direitos, influência exercida pelo grupo de pares, conduta feminina e masculinidade hegemónica) são interpretadas pelas jovens como práticas a evitar, de forma a prevenir a violência nas relações de intimidade. De facto, a violência na família de origem, o temperamento masculino, muito associado à ansiedade e estados depressivos, a influência exercida pelo grupo de pares e o consumo de substâncias são apontados pela literatura científica como fatores de risco para ocorrência de violência nas relações de intimidade juvenil (Arriaga & Foshee, 2004; Bandura, 1971; Buzy et al., 2004; Caridade, 2011; Foshee et al., 2011,2013; Giordano et al., 2010; Howard et al., 2003; Luthra & Gidycz, 2006; Maas et al., 2010; Making-Byrd et al., 2013; Morgan & Korobov, 2012; Rulison et al., 2013; Straus, Gelles & Steinmetz, 1980; Testa et al., 2003 Yan et al., 2010).

Porém, a responsabilização face à prevenção da violência no namoro, sobretudo pela violência sexual, esta profundamente associada, segundo o relato das jovens, à conduta feminina e à masculinidade hegemónica. Neste sentido, percebemos que as mesmas culpabilizam as restantes jovens pela postura e/ou conduta adotada em determinadas circunstâncias (e.g., perfil de *sheilas* e *players*), as quais são interpretadas como provocações, o que leva, sob o ponto de vista das mesmas, a sofrerem abusos.

Os dados da presente investigação permitem corroborar diversos estudos, nos quais a ideia da mutualidade da violência parece ser constante nos relacionamentos de intimidade juvenil (Adorno et al., 1999; Caridade, 2011; Giordano et al., 2010; Guimarães & Campos, 2007; Machado et al., 2003; Machado et al., 2010; O’Leary et al., 2008; Paiva & Figueiredo, 2004; Saavedra, 2011; Sears et al., 2007; Straus, 2004; Van Camp et al., 2014). Neste sentido, percebemos que rapazes e raparigas desempenham, simultaneamente, o papel de vítimas e agressores nos seus relacionamentos. Porém, as representações acerca das vítimas e dos/as agressores/as também nos permitem revelar importantes especificidades de género às quais devemos atender.

Na interpretação dos resultados foram evidentes as consequências provocadas no desenvolvimento pessoal das jovens (e.g., auto-estima e identidade) devido aos abusos verbais praticados pelos parceiros. Contudo, as raparigas

continuam a assumir-se como perpetradoras maioritárias da violência psicológica, apontando os rapazes como principais perpetradores da violência física e sexual. Neste sentido, passamos a corroborar os dados pertencentes aos estudos realizados por Caridade (2011), Machado, Caridade e Martins (2010) e Machado, Matos e Moreira (2003), no sentido de apontarem as raparigas como perpetradoras maioritárias dos abusos verbais e/ou psicológicos. Embora os relatos evidenciem situações de violência física praticada pelas jovens (e.g., estalos, arranhões, puxar de cabelos), percebemos que tal violência está muito longe de se equiparar aos abusos físicos praticados por rapazes e às consequências gravosas que da mesma possam resultar, o que nos permite corroborar estudos nos quais as jovens continuam a permanecer numa posição desfavorável, comparativamente aos rapazes (Archer, 2000; Arriaga & Foshee, 2004; Molidor & Tolman, 1998). Nos relatos, tivemos oportunidade de constatar situações nas quais as raparigas foram agredidas violentamente, através de murros e apertos de pescoço, dos quais resultaram lesões visíveis (e.g., hematomas). Segundo Callahan, Tolman e Saunders (2003), para além dos homens terem tendência a desvalorizar as consequências da violência praticada pelas mulheres, apresentam, significativamente, menor sintomatologia que as mesmas, visto não se encontrarem tão suscetíveis de sofrer violência grave e/ou severa por parte das parceiras a nível físico, psicológico e/ou sexual. Neste sentido, os resultados obtidos na presente investigação permitem-nos corroborar a informação fornecida por Callahan e colaboradores (2003), uma vez que a sintomatologia depressiva relatada pelas jovens (e.g., choro, isolamento e automutilações) parece verificar-se de forma constante.

Ainda neste sentido, percebemos que os rapazes recorrerem a simultâneas formas de violência (e.g., física, psicológica e sexual), ao contrário do que acontece com as raparigas (e.g. física e psicológica) (Howard et al., 2008). As jovens continuam a identificar os homens como maioritariamente responsáveis pela violência ocorrida no seio das relações de intimidade e reconhecem que esta ideia é constantemente reforçada pelos meios de comunicação social. Neste sentido, podemos corroborar a ideia transmitida por Marin e Russo (1999) defendendo que as crenças associadas ao sexo masculino e feminino acabam por refletir-se nas estruturas legais e socioeconómicas, constantemente reforçadas pelos *media*.

A prática de *sexting* e a exposição à pornografia, relatadas de forma constante pelas jovens, são provas de que os rapazes recorrem frequentemente a várias formas de violência.

Os resultados obtidos na presente investigação permitem-nos corroborar outros estudos, nos quais a exposição de imagens de nudez acontece, maioritariamente, em relações de namoro e/ou do tipo ocasional, acarretando comportamentos sexuais de risco (e.g., múltiplos parceiros sexuais) (AP-MTV, 2009; Cox Communications, 2009; Martinez-Prather & Vandiver, 2014; Mitchell et al., 2012; Temple et al., 2012). Neste sentido, importa todavia ressaltar que a partilha de imagens de nudez em troca de bens monetários constitui um fator devesas preocupante que não se encontra identificado nos estudos até agora realizados.

Atendendo as reações à violência sofrida, percebemos que as jovens assumem-se como agressoras quando sofrem de violência prévia por parte do parceiro. Neste sentido, entendemos que a violência praticada pelas mesmas é mais um mecanismo reativo, de defesa e proteção, no sentido de tentar travar a violência exercida primeiramente pelos companheiros (Caldwell et al., 2009; Shorey et al., 2008). Apesar de ser uma violência de tipo reativo, a verdade é que não deixa de ser uma estratégia de resolução de conflitos muito preocupante, devido à probabilidade da mesma aumentar em termos de gravidade e intensidade ao longo do tempo (Arriaga & Foshee, 2004; Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000).

Porém, se as motivações das raparigas relativamente ao uso da violência associam-se frequentemente à autodefesa, torna-se também evidente que as motivações associadas aos rapazes ainda se encontram muito ligadas as questões do poder, controlo e ao desempenho dos papéis de género tradicionais. Na interpretação dos resultados, embora as jovens se assumam como controladoras por natureza, a verdade é que apontam maioritariamente os rapazes como controladores, no sentido de pretenderem exercer, de forma constante, dominância e obter submissão por parte das parceiras (Caridade & Machado, 2006; Chase et al., 2002; Ellis & Wolfe, 2014; Glass et al., 2003; Machado & Dias, 2010; Neves, 2008; O'Keefe, 2005; Wolfe, Wekerle & Scott, 1997).

Por outro lado, entendemos também que os significados associados à violência praticada e sofrida para ambos os sexos são distintos. Foi notório ao longo da realização das entrevistas e na análise dos discursos que algumas jovens permanecem, todavia, ligadas à ideia de tolerância do comportamento abusivo. A tolerância face a determinados comportamentos parece ser justificada pelas jovens como forma de sacrifício pela relação, associada à esperança de mudança (e.g., aguentar maltratos) e à ideia de prova de amor e/ou fidelidade para com o parceiro (e.g., poder e controlo), permitindo-nos corroborar resultados de estudos anteriores (Antunes & Machado, 2012; Caridade & Machado, 2006; Cate et al., 1982; Gorrotxategi & Haro, 1999; Johnson et al., 2005; Machado, 2010; Nascimento & Cordeiro, 2011; Wolfe, Wekerle & Scott, 1997). Todavia, o sentimento de medo e/ou insegurança face à probabilidade da violência aumentar, em termos de gravidade e/ou intensidade, constitui um dos motivos para a não reação à violência sofrida (Coker et al., 2000).

Porém, apesar da tolerância continuar associada à manutenção de comportamentos abusivos, foi evidente para nós que existe uma maior consciencialização acerca dos direitos das mulheres, fortemente influenciados pelos esforços praticados pelos meios científicos e académicos (Busch & Valentine, 2000; Cunha, 2012; Neves, 2008; Price et al., 1999; Ribeiro, 2008; Scott, 1986).

Se por um lado os significados associados à violência praticada e sofrida estão relacionados com a tolerância face ao comportamento abusivo, a banalização dos mesmos também assume elevada importância. Nesta ótica, foi possível constatar que existem inúmeros comportamentos abusivos que continuam a ser minimizados (e.g. bofetadas, puxar de cabelos, empurrões, pontapés, violência durante o ato sexual, proibição de contacto com terceiros, dos lugares frequentados e da indumentária utilizada), sendo conseqüentemente interiorizados como formas naturais de interação, o que nos chama inevitavelmente à atenção para a gravidade e extensão do problema (Fernández-González et al., 2013; Guimarães & Campos, 2007; Machado, 2010; Machado, Macieira & Carreiras, 2010; Machado, Matos & Moreira, 2003; Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000; Ribeiro & Sani, 2008). Se por um lado certos comportamentos abusivos são interpretados como brincadeiras, quer por parte dos rapazes, quer por parte das raparigas, na verdade, verificamos que existe uma maior tendência dos comportamentos abusivos praticados pelas raparigas

serem desvalorizados comparativamente aos praticados pelos rapazes. A ideia de banalização da violência praticada pelas raparigas encontra-se amplamente associada à frequência e intensidade do abuso.

Constatámos que apesar das raparigas recorrerem à violência maioritariamente quando são agredidas pelos parceiros, estas fazem-nos de uma forma pontual, normalmente em um único relacionamento, o que nos remete para o perfil de agressoras circunstâncias elaborado por Straus em (1980). Por outro lado, é possível verificar conforme os relatos das jovens e através das várias evidências empíricas, que os rapazes praticam abusos com uma frequência acrescida, em vários relacionamentos amorosos, pelo que aos mesmos está associada uma maior reincidência de práticas violentas nas relações de namoro e de associação a comportamentos desviantes e/ou anti-sociais (e.g., envolvimento em lutas, uso de armas, consumo de substâncias, entre outros) (Buzy et al., 2004; Caridade, 2011; Chase et al., 2002; Chiodo et al., 2009; Ellis & Wolfe, 2014; Foshee et al., 2001; Guimarães & Campos, 2007; Howard et al., 2008; Lane & Gwartney-Gibbs, 1985; Lin & Gordon, 1998; Martsolf et al., 2012; Roberts et al., 2003; Testa et al., 2003; Whitaker, Le & Niolan, 2010).

Por último, na análise dos resultados constatámos que as experiências de vitimação das jovens não se restringem às relações de intimidade juvenil. A existência de outros tipos de vitimação (e.g., assédio e/ou perseguição por desconhecidos) constituem fatores de preocupação para as mesmas. Por outro lado, deparamo-nos com um aspeto bastante positivo, tendo em conta que ao longo das entrevistas as jovens demonstraram uma grande sensibilização relativamente às diferentes formas de discriminação (e.g., estatuto socioeconómico, racismo e diversidade funcional) que se fazem sentir nos relacionamentos juvenis.

Parte III

Capítulo IV – Conclusões

A presente investigação propôs-se caracterizar as relações íntimas juvenis e as dinâmicas de violência que nelas pudessem estar envolvidas, a partir dos discursos de jovens raparigas estudantes portuguesas.

Após a análise e discussão dos resultados, as questões centrais da presente investigação parecem estar mais esclarecidas.

De facto, não restam dúvidas de que as relações de intimidade juvenil são marcadas pela reciprocidade da violência e que determinadas práticas abusivas continuam a ser minimizadas. Porém, os resultados do presente estudo não nos permitem concordar com a premissa defendida por outras investigações, sobretudo de teor quantitativo, as quais caracterizam, de forma excessiva, as raparigas como maioritariamente agressoras e defendem uma aparente dupla igualdade de género. Não podemos negar o facto das raparigas reagirem, face aos parceiros, com violência. Porém, podemos afirmar que as circunstâncias e os motivos inerentes ao recurso de violência por parte das mesmas são completamente distintos quando comparados com os dos rapazes.

Na análise dos resultados verificamos que o recurso à violência por parte das jovens raparigas caracteriza-se por ser uma violência pontual e circunstancial, no sentido de recorrem à mesma na tentativa de se defenderem dos abusos sofridos pelos parceiros. O contrário parece acontecer com os rapazes, pois segundo as jovens, os mesmos recorrem à violência na tentativa de manter o controlo sob as mesmas. As raparigas parecem demonstrar uma crescente intolerância face aos abusos sofridos por parte dos rapazes. Esta crescente intolerância encontra-se, de certo modo, associada as assimetrias sociais de género que, ainda no século XXI, se fazem sentir. As jovens referem ainda que os estereótipos de género, muito associados à superioridade e/ou dominância exercida pelo homem e, à inferioridade e/ou submissão da mulher, em suma, aos papéis de masculinidade e feminilidade, despoletam, em determinadas situações, respostas agressivas por parte das mesmas. Todavia, não devemos esquecer o facto das consequências resultantes da violência praticadas pelas raparigas, em termos de saúde física e mental, serem mínimas quando

comparadas à violência praticada pelos rapazes, pelo que podemos continuar a afirmar que as mesmas se encontram numa posição indubitavelmente desfavorecida.

Tendo em conta que o contexto social e desenvolvimental no qual os jovens se inserem é fortemente marcado por várias formas de violência, seria importante apostar em estratégias de prevenção educativas. Atendendo à gravidade e extensão do problema, consideramos relevante complementar as campanhas de sensibilização com estratégias de índole educativa. Sob o nosso ponto de vista, a violência no namoro, para além de ser considerada um fenómeno social e de saúde pública, é também um problema de índole político e educativo. Neste sentido, a implementação de matérias de igualdade de género nos programas educativos escolares, a partir do primeiro ciclo, afigurava-se uma mais-valia, tendo em conta que a violência nas relações de namoro constitui um forte preditor de violência nas relações íntimas adultas e, que os esforços até agora aplicados têm-se revelado insuficientes. Todavia, consideramos pertinente sensibilizar as escolas e os próprios jovens acerca da possível existência de outros tipos de vitimação (e.g., assédio e/ou perseguição por desconhecidos), cuja ocorrência seja próxima da instituição de ensino e incentivá-los a reportar tais situações.

A principal limitação da presente investigação relaciona-se com a impossibilidade de tê-la alargado a outras escolas e, conseqüentemente, a um maior número de jovens. A morosidade relativamente aos pedidos de autorização junto das escolas e aos consentimentos informados junto dos encarregados de educação fez com que o processo se tornasse bastante demorado.

A nível de investigações futuras seria importante alargar a presente investigação a um maior número de jovens e, por outro lado, incluir jovens do sexo masculino. Por outro lado, seria importante desenvolver outras investigações que permitam compreender o porquê, de na idade adulta, não se verificar com tanta frequência a bi-direcionalidade da violência, como se verifica nas faixas etárias mais precoces. Por fim, consideramos ainda pertinente explorar as questões associadas à aparente naturalidade com que os jovens encaram a violência durante as relações sexuais.

Referências

Ackard, D. M., & Neumark-Sztainer, D. (2002). Date violence and date rape among adolescents: Associations with disordered eating behaviors and psychological health. *Child Abuse Negl*, 26 (5), 455-473. doi: 10.1016/S0145-2134(02)00322-8.

Adorno, S., Bordini, E. B. T., & Lima, R. S. (1999). O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. *São Paulo em Perspectiva*, 13 (4), 62-74. doi: 10.1590/S0102-88391999000400007.

Agustina, J., & Gomez-Duran, J. (2012). Sexting: Research criteria of a globalized social phenomenon. *Archives of Sexual Behavior*, 41 (6), 1325-1328. doi: 10.1007/s10508-012-0038-0.

Almeida, A. N. (1999). Ciências Sociais e universos femininos em Portugal: Contributos para a mudança. *Educação, Sociedade e Culturas*, 11, 109-131. Retrieved from <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC11/11-5-almeida.pdf>

Almeida, P. C. (2007) *Código Penal*. Coimbra: Almedina.

Amar, A., & Alexy, E. (2005). "Dissed" by dating violence. *Perspectives in Psychiatric Care*, 41 (4), 162-171. doi: 10.1111/j.1744-6163.2005.00032.x.

Anderson, S. A., & Schlossberg, M. C. (1999). Systems perspectives on battering: the importance of context and pattern. In. M. Harway & J. M. O'Neil (Eds.), *What causes men's violence against women?* (pp. 137-152). Thousand Oaks: Sage. Retrieved from https://books.google.pt/books?id=2AdzAwAAQBAJ&pg=PA137&lpg=PA137&q=Systems+perspectives+on+battering:+the+importance+of+context+and+pattern.&source=bl&ots=9ggZG43GFn&sig=UpzNLSE5NVfVlhEBRmwdk4c_ITc&hl=pt-PT&sa=X&ei=PsD6VM-ZNonwUq7ag7AP&ved=0CCwQ6AEwAQ#v=onepage&q=Systems%20perspecti

es%20on%20battering%3A%20the%20importance%20of%20context%20and%20p
attern.&f=false.

Antle, B. A., Sullivan, D. J., Dryden, A., Karam, E. A., & Barbee, A. P. (2011). Healthy relationship education for dating violence prevention among high-risk youth. *Children and Youth Services Review, 33* (1), 173–179. doi: 10.1016/j.childyouth.2010.08.031.

Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica XXX*, (1-2), 93–107. Retrieved from <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a09.pdf>

APAV. (2014). *Estatísticas APAV. Relatório Anual 2014*. Portugal: Associação de Apoio à Vítima. Retrieved from http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2014.pdf

AP-MTV. (2009). *Digital abuse survey*. U.S.: Knowledge networks. Retrieved from http://surveys.ap.org/data%5CKnowledgeNetworks%5CAP_Digital_Abuse_Topline_092209.pdf

Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 26* (5), 651– 680. doi: 10.1037//0033-2909.126.5.651.

Arriaga, X. B., & Foshee, V. A. (2004). Adolescent dating violence. Do adolescents follow in their friends or their parents', footsteps?. *Journal of Interpersonal Violence, 19* (2), 162–184. doi: 10.1177/0886260503260247.

Ashley, O. S., & Foshee, V. A. (2005). Adolescent help-seeking for dating violence: prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. *Journal of Adolescent Health, 36* (1), 25–31. doi: 10.1016/j.adohealth.2003.12.014.

Avery-Leaf, S., Cascardi, M., O'Leary, K. D., & Cano, A. (1997). Efficacy of a dating violence prevention program on attitudes justifying aggression. *Journal of Adolescent Health, 21*, 11-17. doi: 10.1016/S1054-139X(96)00309-6.

Baker, K. C., & Helm, S. (2010). Pacific Youth and Shifting Thresholds: Understanding teen dating violence in Hawai'i. *Journal of School Violence, 9*, 154-173. doi: 10.1080/15388220903585879

Bandura, A. (1971). *Social Learning Theory*. Stanford University: General Learning Press. Retrieved from http://www.esludwig.com/uploads/2/6/1/0/26105457/bandura_sociallearningtheory.pdf

Banyard, V. L., & Cross, C. (2008). Consequences of teen dating violence: Understanding intervening variables in ecological context. *Violence Against Women, 14* (9), 998-1013. doi: 10.1177/1077801208322058.

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barnett, O. W., Perrin, C. L. M., & Perrin, R. D. (1997). *Family Violence Across the Lifespan*. Thousand Oaks: Sage. Retrieved from http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=y1FTxOXyUQwC&oi=fnd&pg=PR1&dq=family+violence+across+the+lifespan&ots=TBW3TI-Y84&sig=IN7JEFHXFEL17UZC9eZDDRK7I9s&redir_esc=y#v=onepage&q=family%20violence%20across%20the%20lifespan&f=false

Barrick, K., Krebs, C. P., & Lindquist, C. H. (2013). Intimate partner violence victimization among undergraduate women at historically black colleges and universities (HBCUs). *Violence Against Women, 19* (8), 1014-1033. doi: 10.1177/1077801213499243.

Barriga, A., & Gibbs, J. (1996). Measuring Cognitive Distortion in Antisocial Youth: Development and Preliminary Validation of the "How I Think" Questionnaire. *Aggressive Behaviour, 22* (5), 333-343. doi: 10.1002/(SICI)1098-2337(1996)22:5<333::AID-AB2>3.0.CO;2-K.

Belsky, J. (1993). Etiology of Child Maltreatment: A developmental–ecological analysis. *Psychological Bulletin*, *114* (3), 413–434. doi: 10.1037/0033-2909.114.3.413.

Berns, N. (2001). Degendering the problem and gendering the blame. Political discourse on women and violence. *Gender and Society*, *15* (2), 262–281. doi: 10.1177/089124301015002006.

Boivin, S., Lavoie, F., Hébert, M., & Gagné, M. H. (2012). Past Victimizations and Dating Violence Perpetration in Adolescence: The Mediating Role of Emotional Distress and Hostility. *Journal of Interpersonal Violence*, *27* (4), 662–684. doi: 10.1177/0886260511423245.

Brown, A., Cosgrave, E., Killackey, E., Purcell, R., Buckby, J., & Yung, A. R. (2009). The longitudinal association of adolescent dating violence with psychiatric disorders and functioning. *Journal of Interpersonal Violence*, *24* (12), 1964–1979. doi: 10.1177/0886260508327700.

Busch, B. N., & Valentine, D. (2000). Empowerment Practice: A Focus on Battered Women. *Affilia*, *15* (1), 82–95. doi: 10.1177/08861090022093840.

Buzy, W. M., Jouriles, R. M. E. N., Swank, P. R., Rosenfield, D., Shimek, J. S., & Corbitt-Shindler, D. (2004). Adolescent girls' alcohol use as a risk factor for relationship violence. *Journal of Research on Adolescence*, *14* (4), 449–470. doi: 10.1111/j.1532-7795.2004.00082.x.

Caldwell, J. E., Swan, S. C., Allen, C. T., Sullivan, T. P., & Snow, D. L. (2009). Why I hit him: Women's reasons for intimate partner violence. *Journal of Aggression, Maltreatment, and Trauma*, *18* (7), 672–697. doi: 10.1080/10926770903231783.

Callahan, M. R., Tolman, R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, *18* (6), 664–681. doi: 10.1177/0743558403254784.

Campbell, C. J., & Boyd, D. (2000). Violence Against Women: Synthesis of Research for health care professionals. *NCJ*, 1-32. Retrieved from <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/199761.pdf>

Cárdenas, F. P., Gonzáles, B. Z., Rodríguez, G. H., Hernández-Gonzáles, M. L., Martínez, J. I. V., & Sierra, V. P. (2013). Violencia en el noviazgo en una muestra de jóvenes mexicanos. *Revista Costarricense de Psicología*, 32 (1), 27-40. Retrieved from <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4836509>

Caridade, S. (2011). *Vivências violentas. Uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.

Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24 (4), 485-493. Retrieved from <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v24n4/v24n4a04.pdf>

Caridade, S., & Machado, C. (2012). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, investigação, e da prática. *Psicologia*, XXVII (1), 91-113. Retrieved from <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v27n1/v27n1a06.pdf>

Caridade, S., Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Práticas de Prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: orientações gerais. *Análise Psicológica*, XXX, 131-142. Retrieved from <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a11.pdf>

Carlson, B.E. (1999). Student judgments about dating violence: a factorial vignette analysis. *Research in Higher Education*, 40 (2), 201-218. Retrieved from <http://link.springer.com/article/10.1023/A%3A1018786614194>

Carr, J. L., & VanDeusen, K. M. (2002). The relationships between family of origin violence and dating violence in college men. *Journal of Interpersonal Violence*, 17 (6), 630-646. doi: 10.1177/0886260502017006003.

Casimiro, C. (2008). Violências na conjugalidade: a questão da simetria do género. *Análise Social*, *XLIII* (3), 579–601. Retrieved from <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1222271301F5hRl2yz1Oz55WJ0.pdf>

Castro, R., & Ruíz, A. (2004). Prevalencia y severidad de la violencia contra mujeres embarazadas. *Revista Saúde Pública*, *38* (1), 62–70. doi: 10.1590/S0034-89102004000100009.

Cate, R. M., Henton, J. M., Christopher, F. S., & Lloyd, S. (1982). Premarital abuse. A social psychological perspective. *Journal of Family Issues*, *3* (1), 79–90. doi: 10.1177/019251382003001006.

Chase, K. A., Treboux, D., O’Leary, K. D. (2002). Characteristics of high-risk adolescents’ dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, *17* (1), 33–49. doi: 10.1177/0886260502017001003.

Chiodo, D., Crooks, C. V., Wolfe, D. A., Mclsaac, C., Huges, R., & Jaffe, P. G. (2012). Longitudinal prediction and concurrent functioning of adolescent girls demonstrating various profiles of dating violence and victimization. *Prevention Science*, *13* (4), 350–359. doi: 10.1007/s11121-011-0236-3.

Chiodo, D., Wolfe, D. A., Crooks, C., Hughes, R., & Jaffe, P. (2009). Impact of sexual harassment victimization by peers on subsequent adolescent victimization and adjustment: A longitudinal study. *Journal of Adolescent Health*, *45* (3), 246–252. doi: 10.1016/j.jadohealth.2009.01.006.

Cleveland, H., Herrera, V. M., & Stuewig, J. (2003). Abusive males and abused females in adolescent relationships: risk factor similarity and dissimilarity and the role of relationship seriousness. *Journal of Family Violence*, *18* (6), 325–339.

Coker, A. L., McKeown, R.E., Sanderson, M., Davis, K. E., Valois, R. F., & Huebner, E. S. (2000). Severe dating violence and quality of life among South Carolina high school students. *Am J Prev Med*, *19* (4), 220–227. doi: 10.1016/S0749-3797(00)00227-0.

Connolly, J., & Josephson, W. (2007). Aggression in Adolescent Dating Relationships: Predictors and Prevention. *The Prevention Researcher*, 14, 3–5. Retrieved from <http://eric.ed.gov/?id=EJ793966>

Copenhaver, M. (1998). *Testing a social-cognitive model of intimate abusiveness among substance dependent males* (Dissertação de Doutorado em Psicologia). Faculdade do Virginia Polytechnic Institute e State University: EUA. Retrieved from <http://scholar.lib.vt.edu/theses/available/etd-42298-144412/unrestricted/micopenh.pdf>

CoxCommunications. (2009). *Teen online & wireless safety survey: Cyberbullying, sexting, and parental controls*. Atlanta, GA: Cox Communications, National Center for Missing & Exploited Children. Retrieved from http://www.cox.com/wcm/en/aboutus/datasheet/takecharge/2009-teen-survey.pdf?campcode=takecharge-research-link_2009-teen-survey_0511.

Crawford, M., & Marecek, J. (1989). Psychology Reconstructs the Female. *Psychology of Women Quarterly*, 13, 147–165. doi: 10.1111/j.1471-6402.1989.tb00993.x

Cunha, A. (2012). *Violência doméstica: significados em torno da intervenção em grupo com mulheres vítimas* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade do Minho: Braga. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24283>

Dekeseredy, W. S., Saunders, D. G., Schwartz, M. D., & Shahid, A. (1997). The meanings and motives for women's use of violence in Canadian college dating relationships: Results from a National Survey. *Sociological Spectrum*, 17 (2), 199–222. doi: 10.1080/02732173.1997.9982160.

Desmarais, S. L., Reeves, K. A., Nicholls, T. L., Telford, R. P., & Fiebert, M. S. (2012). Prevalence of physical violence in intimate relationships, Part 2: Rates of male and female perpetration. *Partner Abuse*, 3 (2), 170–198. doi: 10.1891/1946-6560.3.2.e2.

De Welde, K. (2003). Getting physical. Subverting gender through self-defence. *Journal of Contemporary Ethnography*, 32 (3), 247–278. doi: 10.1177/0891241603252104

Dias, I. (2004). *Violência na Família. Uma abordagem Sociológica*. Porto: Afrontamento.

Dias, I. (2010). Violência doméstica e justiça: respostas e desafios. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, XX, 245–262. Retrieved from <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8796.pdf>

Dias, A., & Machado, C. (2008). Género e violência conjugal – uma relação cultural. *Análise Psicológica*, 4 (XXVI), 571–586. Retrieved from <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v26n4/v26n4a04.pdf>

Dietz, C. A. (2000). Responding to Oppression and Abused: A feminist challenge to clinical social work. *Affilia*, 15 (3), 369–389. doi: 10.1177/08861090022094001.

Dobash, R. P., & Dobash, R. E. (2004). Women's violence to men in intimate relationships. *Brit. J. Criminol.*, 44, 324–349. doi: 10.1093/bjc/azh026.

Dobash, R. P., Dobash, R. E., Wilson, M., & Daly, M. (1992). The Myth of Sexual Symmetry in Marital Violence. *Social Problems*, 39 (1), 71–91. Retrieved from <http://www.jstor.org/discover/10.2307/3096914?sid=21105559553691&uid=3&uid=67&uid=387195851&uid=3738880&uid=2&uid=62&uid=2129&uid=387196241&uid=70>.

Duarte, A. P., & Lima., M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portuguesas. *Psychologica*, 43, 105–124. Retrieved from http://www.researchgate.net/profile/Ana_Duarte12/publication/260157691_P_revalncia_da_violncia_fsica_e_psicolgica_nas_relaes_de_namoro_de_jovens_estudantes_portugueses/links/00b4952fcb36d7c69000000.pdf

Eckhardt, C. I., & Dye, M. L. (2000). The cognitive characteristics of martially violent men: Theory and evidence. *Cognitive Therapy and Research*, 24 (2), 139–158. doi: 10.1177/0886260514540330.

Ellis, W., Crooks, C., & Wolfe, D. (2009). Relational aggression in peer and dating relationships: Links to psychological and behavioral adjustment. *Social Development*, 18 (2), 253–269. doi: 10.1111/j.1467–9507.2008.00468.x.

Elliot, D., Huizinga, D., & Menard, S. (1989). *Multiple problem youth: Delinquency, substance use, and mental health problems*. Nova Iorque: Springer-Verlag. Retrieved from <http://link.springer.com/book/10.1007%2F978-1-4613-9637-6>

Ellis, W. E., & Wolfe, D. A. (2014). Bullying Predicts Reported Dating Violence and Observed Qualities in Adolescent Dating Relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–22. doi: 10.1177/0886260514554428.

Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rothman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics*, 13 (1), 71–78. doi: 10.1542/peds.2012–1029.

Feiring, C., Deblinger, E., Hoch-Espada, A., & Haworth, T. (2002). Romantic relationship aggression and attitudes in high school students: the role of gender, grade, and attachment and emotional styles. *Journal of Youth and Adolescence*, 31(5), 373–385. doi: 10.1023/A:1015680625391.

Felson, R. B. (2000). The normative Protection of women from violence. *Sociological Forum*, 15 (1), 91–116. Retrieved from <http://link.springer.com/article/10.1023/A%3A1007598204631>

Fernández, J. (1998). *Género y Sociedad*. Madrid: Psicología Pirámide.

Fernández-González, L., O’Leary, D., & Muñoz-Rivas, M. J. (2013). We Are Not Joking: Need for Controls in Reports of Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 28 (3), 602–620. doi: 10.1177/0886260512455518.

Foshee, V. A., Bauman, K. E., & Linder, G. F. (1999). Family Violence and the perpetration of adolescent dating violence: examining social learning and social control processes. *Journal of the Marriage and the Family*, *61*, 331–342. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/353752>

Foshee, V.A., Benefield, T.S., Ennett, S.T., Bauman, K.E., & Schindran, C. (2004). Longitudinal predictors of serious physical and sexual dating violence victimization during adolescence. *Preventive Medicine*, *39* (5), 1007–1016. doi: 10.1016/j.ypmed.2004.04.014.

Foshee, V. A., Benefield, T. S., Mc Naughton Reyes, H. L., Ennett, S. T., Faris, R., Chang, L. Y., . . . Suchindran, C. M. (2013). The Peer Context and the Development of the Perpetration of Adolescent Dating Violence. *J Youth Adolescence*, *42* (4), 471–486. doi: 10.1007/s10964-013-9915-7.

Foshee, V. A., Ennett, S. T., Bauman, K. E., Benefield, T., & Suchindran, C. (2005). The association between family violence and adolescent dating violence onset. Does it vary by race, socioeconomic status and family structure?. *Journal of Early Adolescence*, *25* (3), 317–344. doi: 10.1177/0272431605277307.

Foshee, V. A., Karriker-Jaffe, K., Reyes, H. L. M., Ennett, S. T., Suchindran, C., Bauman, K. E., & Benefield, T. S. M. S. (2008). What accounts for demographic differences in trajectories of adolescent dating violence? An examination of intrapersonal and contextual mediators. *Journal of Adolescent Health*, *42* (6), 596–604. doi: 10.1016/j.adohealth.2007.11.005.

Foshee, V. A., Linder, F., MacDougall, J. E., & Bangdiwala, S. (2001). Gender differences in the longitudinal predictors of adolescent dating violence. *Preventive Medicine*, *32* (2), 128–141. doi: 10.1006/pmed.2000.0793.

Foshee, V. A., Reyes, H. L. M., Ennett, S. T., Suchindran, C., Mathias, J. P., Karriker-Jaffe, K., . . . Benefield, T. S. (2011). Risk and protective factors distinguishing profiles of adolescent peer and dating violence perpetration. *Journal of Adolescent Health*, *48* (4), 344–350. doi: 10.1016/j.adohealth.2010.07.030.

FRA. (2014). Violence against women: an EU-wide survey. Austria: FRA – European Union Agency for Fundamental Rights. Retrieved from <http://fra.europa.eu/en/publication/2014/violence-against-women-eu-wide-survey-main-results-report>

Fredland, M. N., Ricardo, B. I., Campbell, C. J., Sharps, W. P., Kub, K. J., & Yonas, M. (2005). The Meaning of Dating Violence in the Lives of Middle School Adolescents. *Journal of School Violence*, 4 (2), 95–114. doi: 10.1300/J202v04n02_06

Gagne, M. H., & Lavoie, F. (1993). Young people's views on the cause of violence in adolescent relationships. *Canada's Mental Health*, 41,11–15. Retrieved from <http://psycnet.apa.org/psycinfo/1994-30010-001>

Galego, C., & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Investigação*, 5, 173–184. Retrieved from <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1012>

Garbarino, J. (1993). Childhood: what do we need to know?. *Childhood*, 1, 3–10. Retrieved from <http://chd.sagepub.com/content/1/1/3.abstract>

García-Moreno, C., Jansen, H. A. F. M., Ellsberg, M., Heise, L., & Watts, C. (2005). *WHO Multi-country Study on Women's Health and Domestic Violence against Women Initial results on prevalence, health outcomes and women's responses*. Geneva: World Health Organization. Retrieved from http://www.who.int/gender/violence/who_multicountry_study/en/.

Gelles, R.J., & Straus, M. (1979). Determinants of violence in the family: toward a theoretical integration. In Wesley R. Burr, Reuben Hill, F., Ivan Nye, and Ira L. Reiss (Eds.), *Contemporary Theories about the Family* (pp.549–581). New York: The Free Press. Retrieved from <http://fermat.unh.edu/~mas2/v10r.pdf>

Giordano, P. C., Soto, D. A., Manning, W. D., & Longmore, M. A. (2010). The characteristics of romantic relationships associated with teen dating violence.

Social Science Research, 39 (6), 863–874. doi: 10.1016/j.ssresearch.2010.03.009.

Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: prevalence, risk factors, health outcomes, and implications for clinical practice. *Journal of Obstetric, Gynecologic & Neonatal Nursing*, 32 (2), 227–238. doi: 10.1177/0884217503252033.

Gomes, P. N., Diniz, F. M. N., Araújo, S. A., & Coelho, T. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paul Enferm*, 20 (4), 504–508. doi: 10.1590/S0103-21002007000400020.

Gonçalves, M. (2013). *Namoro na adolescência: atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescente nos Açores* (Dissertação de mestrado em Psicologia da Educação) Universidade dos Açores: Açores. Retrieved from <http://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/2770>

Gonçalves, R., & Machado, C. (Coord.) (2002). *Violência e Vítimas de Crimes*. Vol 1, Adultos. Coimbra: Quarteto.

Gorrotxategi, M., & De Haro, I.M. (1999). *Materiales Didácticos para la Prevención de la Violencia de Género. Educación Secundaria*. Málaga: Consejería de Educación y Ciencia, Junta de Andalucía. Retrieved from http://www.pontevedra.gal/web2015/wp-content/uploads/2015/01/genero_secundaria.pdf

Gover, A.R., Kaukinen, C., & Fox, K.A. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23 (12), 1667–1693. doi: 10.1177/0886260508314330.

Greenspún, W. (2000). Embracing the controversy: a metasystemic approach to the treatment of domestic violence. In P.Papp (Ed.), *Couples on the fault line* (pp. 154–177). New York: The Guilford Press. Retrieved from <https://books.google.pt/books?id=ccVsBqHphsUC&pg=PA152&lpg=PA152&d>

q=embracing+the+controversy:+a+metasystemic+approach+to+the+treatment+of+domestic+violence.&source=bl&ots=UejU4YE_j1&sig=z9QMJTCabX1PWpmT2LguQl2CWi4&hl=pt-PT&sa=X&ei=UjvWVNLzD9ffauDfgpAP&ved=0CCEQ6AEwAA#v=onepage&q=embracing%20the%20controversy%3A%20a%20metasystemic%20approach%20to%20the%20treatment%20of%20domestic%20violence.&f=false

Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo - sentido e formas de abuso*. Estoril: Príncipia Editora, Lda.

Guimarães, S. P., & Campos, P. (2007). Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 188–196. doi: 10.1590/S0102-79722007000200003.

Hamby, S. (2014). Intimate Partner and Sexual Violence Research: Scientific Progress, Scientific Challenges, and Gender. *Trauma, Violence & Abuse*, 1–10. doi: 10.1177/1524838014520723.

Hare-Mustin, R., & Marecek, J. (1994). Asking the right questions: Feminist psychology ,and sex differences. *Feminism and Psychology*, 4 (4), 531– 537. doi: 10.1177/0959353594044007.

Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2003). Gender differences in psychological, physical, and sexual aggression among college students using the revised Conflict Tactics Scales. *Violence & Victims*, 18 (2), 197–217. Retrieved from https://www.clarku.edu/faculty/dhines/HINES%20&%20Saudino%202003_GENDER%20DIFFERENCES.pdf

Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010). Sexting. A brief guide for Educators and Parents. U.S.: Cyberbullying Research Center. Retrieved from <http://cyberbullying.us/>

Hollway, M. A. (1994). Beyond sex differences: A project for feminist psychology. *Feminism and Psychology*, 4 (4),538–546. doi: 10.1177/0959353594044008.

Holmes, M. (2000). Second-wave feminism and the politics of relationships. *Women's Studies International Forum*, 23 (2), 235–246. Retrieved from <http://www.brown.uk.com/brownlibrary/rel.pdf>

Holtzworth-Munroe, A., Smutzler, N., & Sandin, E. (1997). A brief review of the research on husband violence. Part II: The psychological effects of husband violence on battered women and their children. *Aggression and Violent Behavior*, 2, 179–213. doi: 10.1016/S1359-1789(96)00016-X

Howard, D., Qiu, Y., & Boekeloo, B. (2003). Personal and social contextual correlates of adolescent dating violence. *Journal of Adolescent Health*, 33 (1), 9–17. doi: 10.1016/S1054-139X(03)00061-2.

Howard, D., Qi Wang, M., & Yan, F. (2008). Psychosocial factors associated with reports of physical dating violence victimization among U.S. adolescent males. *Adolescence*, 43, 449–460. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19086663>.

Hydén, M. (1995). Verbal Aggression as Prehistory of Woman Battering. *Journal of Family Violence*, 10 (1), 55–71. doi: 10.1007/BF02110537.

Ismail, F., Berman, H., & Ward-Griffin, C. (2007). Dating violence and the health of young women: a feminist narrative study. *Health Care for Women International*, 28, 453–477. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17469000>.

Jankowski, M. K., Leitenberg, H., Henning, K., & Coffey, P. (1999). Intergenerational transmission of dating aggression as a function of witnessing only same sex parents vs. both parents as perpetrators of domestic violence. *Journal of Family Violence*, 14 (3), 267–279. doi: 10.1023/A:1022814416666.

Jezl, D. R., Molidor, C. E., & Wright, T. L. (1996). Physical, Sexual, and Psychological abuse in high school dating relationships: prevalence rates and self-esteem issues. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 13 (1), 69–87. doi: 10.1007/BF01876596.

Johnson, S. B., Frattaroli, S., Campbell, J., Wright, J., Pearson-Fields, A. S., & Cheng, T. L. (2005). "I Know What Love Means". Gender-Based Violence in the Lives of urban Adolescents. *Journal of Women's Health, 14* (2), 172-179. doi: 10.1089/jwh.2005.14.172.

Johnson, P. M. (1995). Patriarchal Terrorism and Common Couple Violence: Two Forms of violence against women. *Journal of Marriage and the Family, 57* (2), 283-294. Retrieved from <http://cooley.libarts.wsu.edu/schwartzj/pdf/johnsonDV.pdf>

Karl, H. L., & O'Leary, K. D. (2010). Gender symmetry or asymmetry in intimate partner victimization? Not an either/or answer. *Partner Abuse, 1* (2), 152-168. doi: 10.1891/1946-6560.1.2.152.

Kaukinen, C., Gover, A. R., & Hartman, J. (2012). College women's experiences of dating violence in casual and exclusive relationships both as victims and perpetrators. *American Journal of Criminal Justice, 37*, 146-162. doi: 10.1007/s12103-011-9113-7.

Kaura, S. A., & Allen, C. M. (2004). Dissatisfaction with relationship power and dating violence perpetration by men and women. *Journal of Interpersonal Violence, 19* (5), 576-588. doi: 10.1177/0886260504262966.

Kaura, S. A., & Lohman, B. J. (2007). Dating violence victimization, relationship satisfaction, mental health problems, and acceptability of violence: A comparison of men and women. *J Fam Violence, 22*, 367-381. doi: 10.1007/s10896-007-9092-0.

Kinsfogel, K., & Grych, J. H. (2004). Interparental conflict and adolescent dating relationships: Integrating cognitive, emotional, and peer influences. *Journal of Family Psychology, 18* (3), 505-515. doi: 10.1037/0893-3200.18.3.505.

Kreiter, S. R., Krowchuk, D. P., Woods, C. R., Sinal, S. H., Lawless, M. R., & DuRant, R. H. (1999). Gender Differences in Risk Behaviors Among Adolescents

Who Experience Date Fighting. *Pediatrics*, 104 (6), 1286–1292. doi: 10.1542/peds.104.6.1286.

Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A., & Lozano–Ascencio, R. (2002). *Rapport Mondial sur la Violence et la Santé*. Geneve: Organisation Mondiale de la Santé. Retrieved from http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_fr.pdf

Lane, K., & Gwartney–Gibbs, P. (1985). Violence in the context of dating and sex. *Journal of Family Issues*, 6 (1), 45–59. doi: 10.1177/019251385006001004.

Lavoie, F., Hébert, M., Tremblay, R., Vitaro, F., Vézina, L., & McDuff, P. (2002). History of family dysfunction and perpetration of dating violence by adolescent boys: a longitudinal study. *Journal of Adolescent Health*, 30 (5), 375–383. doi: 10.1016/S1054–139X(02)00347–6.

Lavoie, F., Robitaille, L., & Research Hébert, M. (2000). Teen dating relationships and aggression. An exploratory study. *Violence Against Women*, 6 (1), 6–36. doi: 10.1177/10778010022181688.

Lei nº 19/2013 de 21 de Fevereiro. (2013). *Estabelece o regime jurídico aplicável à prevenção da violência doméstica, à protecção e à assistência as suas vítimas* (1ª série – Nº 37). Portugal: Assembleia da República. Retrieved from http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1880&tabela=leis

Leisring, P. A. (2013). Physical and Emotional Abuse in Romantic Relationships: Motivation for Perpetration Among College Women. *Journal of Interpersonal Violence*, 28 (7), 1437–1454. doi: 10.1177/0886260512468236.

Leitão, M., Fernandes, M., Fabião, J., Alegre de Sá, M., Veríssimo, C., & Dixe, M. (2013). Prevenir a violência no namoro – N(amor)O (IM)perfeito – Fazer diferente para fazer a diferença (Série Monográfica Educação e Investigação em

Saúde N° 5.) Coimbra: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde – Enfermagem (UICISA-E). Retrieved from http://www.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=2399&id_revista=19&id_edicao=56

Lenhart, A. (2009). *Teens and sexting: How and why minor teens are sending sexually suggestive nude or nearly nude images via text messaging*. Washington, DC: Pew Internet & American Life Project. Retrieved from <http://pewresearch.org/files/old-assets/pdf/teens-and-sexting.pdf>

Lewis, S. F., & Fremouw, W. J. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review, 21*(1), 105–127. doi: 10.1016/S0272-7358(99)00042-2.

Lewis, S. F., Travea, L., & Fremouw, W. J. (2002). Characteristics of Female Perpetrators and Victims of Dating Violence. *Violence and Victims, 17* (5), 593–606. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12477100>

Lichter, E. K., & McCloskey, L. A. (2004). The effects of childhood exposure to marital violence on adolescent gender-role beliefs and dating violence. *Psychology of Women Quarterly, 28*, 344–357. doi: 10.1111/j.1471-6402.2004.00151.x.

Lounsbury, K., Mitchell, K., & Finkelhor, D. (2011). *The true prevalence of “sexting”*. University of New Hampshire: Crimes Against Children Research Center. Retrieved from http://www.unh.edu/ccrc/pdf/Sexting%20Fact%20Sheet%204_29_11.pdf

Lourenço, N., & Carvalho, M. J. L. (2001). Violência Doméstica: conceito e âmbito. Tipos e espaços de violência. *Separata Themis Revista da Faculdade de Direito da UNL, II* (3), 95–121. Retrieved from <http://repositorio-cientifico.uatlantica.pt/jspui/handle/10884/407>

Luthra, R., & Gidycz, C.A. (2006). Dating violence among college men and women: evaluation of a theoretical model. *Journal of Interpersonal Violence, 21*(6), 717–731. doi: 10.1177/0886260506287312.

Maas, C. D., Fleming, C. B., Herrenkohl, T. I., & Catalano, R. F. (2010). Childhood predictors of teen dating violence victimization. *Violence and Victims*, 25 (2), 131-149. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2880826/>

Makepeace, J. M. (1981). Courtship Violence among College Students. *Family Relations*, 30 (1), 97-102. Retrieved from: <http://www.jstor.org/stable/584242>

McCauley, J., Yurk, R. A., Jenckes, M. W., & Ford, D. E. (1998). Inside Pandora "Box". Abused Women's Experiences with Clinicians and Health Services. *J Gen Intern Med*, 13, 549-555. doi: 10.1046/j.1525-1497.1998.00166.x.

McConaghy, J. S., & Cottone, R. R. (1998). Clinical Issues Families Under Stress: Three Perspectives. The Systemic View of Violence: An Ethical Perspective. *Fam Proc*, 37, 51- 63. doi: 10.1111/j.1545-5300.1998.00051.x.

Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in Juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52. doi: 10.1007/s10896-009-9268-x.

Machado, C., & Dias, A. R. (2010). Abordagens culturais à vitimação: o caso da violência conjugal. In C. Machado (Coord.) & Ana Rita Dias, *Vitimologia: das novas abordagens teóricas às novas práticas de intervenção*. (pp. 15-44). Psiquilibrio Edições.

Machado, C., Gonçalves, M. M., Matos, M., & Dias, A. R. (2007). Child and partner maltreatment: Self-reported prevalence and attitudes in the North of Portugal. *Child Abuse and Neglect*, 31, 657-670. doi: 10.1016/j.chiabu.2006.11.002.

Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83. Retrieved from <https://www.fc.ul.pt/sites/default/files/fcul/institucional/gapsi/Malmequer1.pdf>

Machado, S. G. (2010). *Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal* (Dissertação de mestrado em Psicologia da Saúde). Universidade Fernando Pessoa: Porto.

Machado, T., Macieira, I., & Carreiras, M. (2010). Violência nas relações de namoro: influência de crenças e área de formação. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, XIV (2), 355–399.

Magalhães, T. (2010). *Violência e abuso. Respostas simples para questões complexas. Estado da Arte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Makin-Byrd, K., Bierman, K., & Conduct Problems Prevention Research Group. (2013). Individual and family predictors of the perpetration of dating violence and victimization in late adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42 (4), 536–550. doi: 10.1007/s10964-012-9810-7.

Malik, S., Sorenson, S. B., & Aneshensel, C. S. (1997). Community and dating violence among adolescents: perpetration and victimization. *Journal of Adolescent Health*, 2 (5), 291–302. doi: 10.1016/S1054-139X(97)00143-2.

Marin, A. J., & Russo, N. F. (1999). Feminist Perspectives on Male Violence against Women: Critiquing O'Neil and Harway's Model. In Harway, M., & O'Neil, J., *What Causes Men's Violence against Women?* (pp. 3–24). Thousand Oaks: Sage. Retrieved from <http://www.terapiafamiliar.cl/intranet/archivos/Feminist%20Perspectives%20on%20Male%20Violence%20against%20Women%20Critiquing%20O'Neil%20and%20Harways%20Model.pdf>

Martinez-Prather, K., & Vandiver, D. M. (2014). Sexting among Teenagers in the United States: A Retrospective Analysis of Identifying Motivating Factors, Potential Targets, and the Role of a Capable Guardian. *International Journal of Cyber Criminology*, 8 (1), 25–35. Retrieved from <http://www.cybercrimejournal.com/pratherVandiverijcc2014vol8issue1.pdf>

Martsolf, D. S., Draucker, C. B., Stephenson, P. L., Cook, C. B., & Heckman, T. A. (2012). Patterns of Dating Violence Across Adolescence. *Qualitative Health Research*, 22 (9), 1271–1283. doi: 10.1177/1049732312449388.

Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher* (Tese de Doutorado em Psicologia). Universidade do Minho: Braga.

Matos, M. (2003). Violência Conjugal. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coord.) *Violência e Vítimas de Crimes*. (pp. 81–129). Volume 1–Adultos. Coimbra: Quarteto Editora.

Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 8 (1), 55–76. Retrieved from <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1018>

Mears, D. P. (2003). Research and Interventions to Reduce Domestic Violence Revictimization. *Trauma, Violence & Abuse*, 4 (2), 127–147. doi: 10.1177/1524838002250764.

Melton, H. C., & Belknap, J. (2003). He Hits, She Hits. Assessing Gender Differences and Similarities in Officially Reported Intimate Partner Violence. *Criminal Justice and Behavior*, 30 (3), 328–348. doi: 10.1177/0093854803030003004.

Mendes, M. J., Duarte, M., Araújo, P., & Lopes, R. (2013). Violência e relações de intimidade no ensino superior em Portugal: representações e práticas. *Teoria & Sociedade*, 21 (1), 87–111. Retrieved from http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_Artigo_Teoria%20e%20Sociedade_30.01.pdf

Miller, S. (2005). *Victims as offenders: The paradox of women's violence in relationships*. New Brunswick: Rutgers University Press.

Milletich, R. J., Kelley, M. L., Doane, A. N., & Pearson, M. R. (2010). Exposure to interparental violence and childhood physical and emotional abuse as related to physical aggression in undergraduate dating relationships. *Journal of Family Violence*, 25, 627–637. doi: 10.1007/s10896-010-9319-3.

Mitchell, K. J., Finkelhor, D., Jones, L. M., & Wolak, J. (2012). Prevalence and Characteristics of youth sexting: a national study. *Pediatrics*, *129* (1), 13–20. doi: 10.1542/peds.2011-1730.

MMWR. (2008). Adverse health conditions and health risk behaviors associated with intimate partner violence—United States 2005. *Centers for Disease Control and Prevention*, *57* (5), 113–140. Retrieved from <http://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/mm5705a1.htm>

Molidor, C., & Tolman, R. M. (1998). Gender and contextual factors in adolescent dating violence. *Violence Against Women*, *4* (2), 180–194. doi: 10.1177/1077801298004002004.

Morgan, D. L. (1997). *Focus Groups as Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage.

Morgan, E., & Korobov, N. (2012). Interpersonal identity formation in conversation with close friends about dating relationships. *Journal of Adolescence*, *35* (6), 1471–1483. doi: 10.1016/j.adolescence.2011.09.005.

Mota-Ribeiro, S. (2005). *Retratos de mulher. Construções sociais e representações visuais do feminino*. Campo das Letras: Porto. Retrieved from <http://www.bocc.ubi.pt/pag/mota-ribeiro-silvana-retratos-de-mulher-um-estudo-das-imagens-visuais-e-sociais-do-feminino.pdf>

Muñoz-Rivas, M. J., Grana, J. L., O’Leary, K. D., & Gonzalez, M. P. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: Prevalence, justification, and health consequences. *Journal of Adolescent Health*, *40* (4), 298–304. doi: 10.1016/j.jadohealth.2006.11.137.

Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no Namoro para Jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, *23* (3), 516–525. doi: 10.1590/S0102-71822011000300009.

Neves, S., & Fávero, M. (2010). *Vitimologia Ciência e Activismo*. Almedina.

Neves, S. (2008). *Amor, poder e violências na intimidade: os caminhos entrecruzados do pessoal e do político*. Quarteto.

Neves, S. (2011). Gênero e Ciências Sociais...ou quando a ciência também é política. In S. Neves (Coord.) *Gênero e Ciências Sociais* (pp.15–24). Castelo da Maia: Edições ISMAI.

Neves, S. (2014). De vítimas a agressoras: A (aparente) dupla posição das raparigas na violência no namoro heterossexual. In V. Duarte & M. I. Cunha (Coord.) *Violências e Delinquências juvenis femininas: género e (in)visibilidades sociais* (pp. 63–76). Famalicão: Editora Húmus. 978–989–755–034–8

Neves, S., & Nogueira, C. (2003). A Psicologia Feminista e a Violência contra as Mulheres na Intimidade: A (re)Construção dos espaços terapêuticos. *Psicologia e Sociedade*, 15, 43–64. doi: 10.1590/S0102–71822003000200004

Neves, S., & Nogueira, C. (2005). Metodologias Feministas: A Reflexividade ao serviço da Investigação nas Ciências Sociais. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 18 (3), 408–412. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a15v18n3.pdf>

Nogueira, C. (2001). *Um novo olhar sobre as relações sociais de género: Feminismo e perspectivas críticas na psicologia social*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian.

Nogueira, C. (2001). Construcionismo social, Discurso e Género. *Psicologia*, XV (1), 43–65. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4039>

O’Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, 13 (1), 39–57. doi: 10.1023/A:1022860700118.

O’Keefe, M. (2005). Teen Dating Violence: A review of Risk Factors and Prevention Efforts. *National Online Resource Center on Violence Against*

Women, 1-14. Retrieved from http://vawnet.org/Assoc_Files_VAWnet/AR_TeenDatingViolence.pdf

O'Leary, K. D., Smith Slep, A. M., Avery-Leaf, S., & Cascardi, M. (2008). Gender differences in dating aggression among multiethnic High School Students. *Journal of Adolescent Health, 42*, 473-479. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.09.012.

Oliveira, M., & Freitas, H. M. R. (1998). Focus Group – pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. *Revista de Administração São Paulo, 33* (3), 83-91. Retrieved from http://www.rausp.usp.br/busca/artigo.asp?num_artigo=258

Oliveira, A., & Manita, C. (2003). Prostituição, Violência e Vitimação. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coord.) *Violência e Vítimas de Crimes*. (pp. 213-239) Volume 1-Adultos. Coimbra: Quarteto Editora.

Oliveira, M., & Sani, A. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 6*, 162-170. Retrieved from http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1325/1/162-170_FCHS06-6.pdf

ONU. (2005). *Combater a violência baseada em género: uma chave para alcançar os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio*. New York: Organização das Nações Unidas: Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA); Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM). Retrieved from http://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/siic-combating_gbv_por.pdf

Ozer, E. J., Tschann, J. M., Pasch, L. A., & Flores, E. (2004). Violence perpetration across peer and partner relationships: co-occurrence and longitudinal patterns among adolescents. *Journal of Adolescent Health, 34* (1), 64-71. doi: 10.1016/j.jadohealth.2002.12.001.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica, 36*, 75-107. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4211>

Pradubmook–Sherer, P. (2009). Prevalence and correlates of adolescent dating violence in Bangkok, Thailand. *Journal of Sociology & Social Welfare*, 36 (1), 9–37. Retrieved from http://heinonline.org/HOL/Page?handle=hein.journals/jrlsasw36&div=4&g_sen=1&collection=journals

Price, E. L., Byers, E. S., & Dating violence research team. (1999). The attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 4, 387–415. Retrieved from http://www.ncdsv.org/images/JFV_Attitudes-towards-dating-violence-scales-development-and-initial-validation_1999.pdf

Póo, M. A., & Vizcarra, B. M. (2008). Violencia de Pareja en Jóvenes Universitarios. *Terapia Psicológica*, 26 (1), 81–88. doi: 10.4067/S0718-48082008000100007

RASI. (2014). *Relatório Anual de Segurança Interna*. Sistema de Segurança Interna, Gabinete do Secretário Geral: Portugal. Retrieved from http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/RASI_2014.pdf

Reeves, M. P., & Orpinas, P. (2012). Dating Norms and Dating Violence Among Ninth Graders in Northeast Georgia: Reports from Student Surveys and Focus Groups. *Journal of Interpersonal Violence*, 27 (9), 1677–1698. doi: 10.1177/0886260511430386

Ribeiro, M. (2008). *Prevenção primária da violência. Construção, implementação e avaliação de um programa de intervenção em contexto escolar* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Fernando Pessoa: Porto.

Ribeiro, M. C. O., & Sani, A. I. (2008). As crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal. Universidade Fernando Pessoa: Porto. Retrieved from <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/909/1/176-186.pdf>

Rivera–Rivera, L., Allen, B., Rodríguez–Ortega, G., Chávez–Ayala, R., & Lazcano–Ponce, E. (2006). Violencia durante el noviazgo, depresión y conductas de riesgo en estudiantes femininas (12–24 anos). *Salud Pública de*

México, 48 (2), 288–296. Retrieved from http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0036-36342006000800009&script=sci_arttext

Rivera–Rivera, L., Allen–Leigh, B., Rodríguez–Ortega, G., Chávez–Ayala, R., & Lazcano–Ponce, E. (2007). Prevalence and correlates of adolescent dating violence: baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. *Preventive Medicine, 44* (6), 477–484. doi: 10.1016/j.ypmed.2007.02.020.

Roberts, T. A., Klein, J.D., & Fisher, S. (2003). Longitudinal effect of intimate partner abuse on high-risk behavior among adolescents. *Archives Pediatric Adolescent Medicine, 157* (9), 875–881. doi: 10.1001/archpedi.157.9.875.

Roberts, T. A., & Klein, J. (2003). Intimate partner abuse and high-risk behavior in adolescents. *Archives Pediatric Adolescent Medicine, 157* (4), 375–380. doi: 10.1001/archpedi.157.4.375.

Rodríguez, R. C. J., López, L. C. G., & González, P. J. F. (2009). Nuevas Generaciones, Nuevas Creencias? Violencia de Género y Jóvenes. *La Ventana 3* (29), 110–145. Retrieved from http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-94362009000100006&script=sci_arttext

Rulison, K., Gest, S., & Loken, E., 2013. Dynamic social networks and physical aggression: The moderating role of gender and social status among peers. *Journal of Research on Adolescence, 23* (3), 437–449. doi: 10.1111/jora.12044.

Russo, N. F., & Pirlott, A. (2006). Gender-based violence concepts, methods, and findings. *Annals New York Academy Sciences, 1087*, 178–205. doi: 10.1196/annals.1385.024.

Saavedra, R. (2011). *Prevenir antes de Remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis* (Dissertação de Doutorado em Psicologia). Universidade do Minho: Braga.

Saunders, D. G. (1986). When battered women use violence: Husband–abuse or selfdefense?. *Violence and Victims*, 1 (1), 47–60. Retrieved from <http://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/51467/When%20Battered%20Women%20Use%20ViolenceSaundersV%26V%20SEC.pdf?sequence=1>

Scott, Joan. (1986). Gender: a useful category of historical analysis. *The American Historical Review*. 91(5), 1053–1075. Retrieved from http://facultypages.morris.umn.edu/~deanej/UMM%20Home%20Page/2001/Readings/Gender/Scott_Useful%20Category.pdf

Sears, H., Byers, S. E., & Price, L. (2007). The co–occurrence of adolescent boys’ and girls’ use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviors in their dating relationships. *Journal of Adolescence*, 30 (3), 487–504. doi: 10.1016/j.adolescence.2006.05.002.

Sears, H., Byers, S. E., Whelan, J., Saint–Pierre, M., & The Dating Violence Research Team. (2006). If hurts you, then it is not a joke”. Adolescents’ ideas about girls’ and boys’ use and experience of abusive behavior in dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 21(9), 1191–1207. doi: 10.1177/0886260506290423.

Shorey, R. C., Cornelius, T. L., & Bell, K. M. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior*, 13, 185–194. doi: 10.1016/j.avb.2008.03.003.

Silva, L., Coelho, E., & Caponi, S. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 11 (21), 93–103. doi: 10.1590/S1414–32832007000100009.

Silva, L. T., Medrado, B., & Melo, P. S. D. (2013). Meninas e Meninos adolescentes construindo sentidos para o ciúme em suas relações afetivo–sexuais: violência disfarçada de amor?!. *Florianópolis*, 1–9. Retrieved from <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/site/anaiscomplementares>

Silverman, J. G., Decker, R. M., Reed, E., Rothman, F. E., Hathaway, E. J., Raj, A., & Miller, E. (2006). Social Norms and Beliefs Regarding Sexual Risk and Pregnancy Involvement among Adolescent Males Treated for Dating Violence Perpetration. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 83 (4), 723–735. doi: 10.1007/s11524-006-9056-3

Silverman, J. G., Raj, A., Mucci, L. A., & Hathaway, J. E. (2001). Dating violence against adolescent girls and associated substance use, unhealthy weight control, sexual risk behavior, pregnancy, and suicidality. *JAMA*, 286 (5), 572–279. doi: 10.1001/jama.286.5.572.

Silverthorn, P., & Frick, P. J. (1999). Developmental pathways to antisocial behavior: the delayed-onset pathway in girls. *Developmental and Psychopathology*, 11, 101–126. Retrieved from <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=43631>

Simonelli, C. J., Mullis, T., Elliot, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 17 (2), 103–121. doi: 10.1177/0886260502017002001.

Simons, R. L., Lin, K-H., & Gordon, L. C. (1998). Socialization in the family of origin male dating violence: a prospective study. *Journal of Marriage and the Family*, 60 (2), 467–478. doi: 10.2307/353862.

Spencer, G. A., & Bryant, S. (2000). Dating Violence: a comparison of rural, suburban, and urban teens. *Journal of Adolescent Health*, 27 (5), 302–305. doi: 10.1016/S1054-139X(00)00125-7.

Spriggs, A. L., Halpern, C. T., & Martin, S. L. (2009). Continuity of adolescent and early adult partner violence victimization: Association with witnessing violent crime in adolescence. *Journal of Epidemiologic Community Health*, 63 (9), 741–748. doi: 10.1136/jech.2008.078592.

Sousela, L. (2006). *Violência conjugal feminina: contextos, motivos e consequências* (Dissertação de Mestrado em Psicologia) Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: Porto.

Stets, J., & Straus, M. (1990). Gender differences in reporting marital violence and its medical and psychological consequences, In M. Straus e R. Gelles (Eds.), *Physical violence in American families: Risk factors and adaptation to violence in 8.145 families* (pp. 151-165). New Brunswick: Transaction Publishers. Retrieved from <http://gauss.unh.edu/~mas2/VB23.pdf>

Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women, 10* (7), 790-811. doi: 10.1177/1077801204265552.

Straus, M. A. (2005). Women's violence toward men is a serious social problem. In D. R. Loseke, R. J. Gelles, & M. M. Cavanaugh (Eds.), *Current controversies on family violence* (pp. 55-77). (2nd Ed.). Newbury Park: Sage Publications. Retrieved from <http://gauss.unh.edu/~mas2/VB33R%20Women's%20Violence%20Toward%20Men.pdf>

Straus, M. A. (2011). Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level partner violence: Empirical evidence and implications for prevention and treatment. *Aggression and Violent Behavior 16*, 279-288. doi: 10.1016/j.avb.2011.04.010.

Straus, M. A. (1980). Victims and aggressors in marital violence. *American Behavioral Scientist, 23* (5), 681-704. Retrieved from <http://fermat.unh.edu/~mas2/VA21.pdf>

Straus, M. A., Gelles, R. J., & Steinmetz, S. K. (1980). *Behind Closed Doors: Violence in American Family*. In a New Introduction to the Transaction Edition 2006, Transaction Publishers. Retrieved from <http://pubpages.unh.edu/~mas2/Behind%20Closed%20Doors%20-%20new-intro-06-Web.pdf>

Straus, M. A., & Hotaling, G. T. (1980). *The Social Causes of Husband-Wife Violence*. University of Minnesota Press: Minneapolis. Retrieved from <http://pubpages.unh.edu/~mas2/Social%20Causes%20of%20Husband-wife-Straus.pdf>

Straus, M. A., & Sweet, S. (1992). Verbal/symbolic aggression in couples: Incidence rates and relationships to personal characteristics. *Journal of marriage and the family*, 54 (2), 346-357. Retrieved from <http://pubpages.unh.edu/~mas2/VB35S1.pdf>

Stromquist, N. (2001). Gender Studies: A Global Perspective of their Evolution, Contribution, and Challenges to Comparative Higher Education. *Higher Education*, 41, 373-387. Retrieved from <http://link.springer.com/article/10.1023/A%3A1017501308449>

Suter, E. A. (2000). Focus groups in Ethnography of Communication: Expanding topics of inquiry beyond participant observation. *The Qualitative Report*, 5 (1). Retrieved from <http://www.nova.edu/ssss/QR/QR5-1/suter.html>

Swahn, M. H., Alemdar, M., & Whitaker, D. J. (2010). Nonreciprocal and reciprocal dating violence and injury occurrence among urban youth. *Western Journal of Emergency Medicine*, 11 (3), 264-268. Retrieved from http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2941364/pdf/wjem11_3p264.pdf

Temple, J., Paul, J., Van de Berg, P., Le, V., McElhany, A., & Temple, B. (2012). Teen sexting and its association with sexual behaviors. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 166 (9), 828-833. doi: 10.1001/archpediatrics.2012.835.

Temple, J. R., Shorey, R. C., Fite, P., Stuart, G. L., & Le, V. D. (2013). Substance use as a longitudinal predictor of the perpetration of teen dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42 (4), 596-606. doi: 10.1007/s10964-012-9877-1.

Testa, M., Livingston, J. A., & Leonard, K. E. (2003). Women's substance use and experiences of intimate partner violence: a longitudinal investigation among a community sample. *Addictive Behaviors*, 28 (9), 1649–1664. doi: 10.1016/j.addbeh.2003.08.040.

Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R., & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women's Health*, 18 (7), 923–927. doi: 10.1089/jwh.2009.1515.

Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidate criteria for reporting qualitative re-search (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19 (6), 349–357. Retrieved from <http://intqhc.oxfordjournals.org/content/19/6/349>

Torres, J. (2014). *Violência e representações sociais de género: discursos de jovens imigrantes cabo-verdianos* (Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça) Instituto Universitário da Maia: Porto.

Ullman, S. E., & Breklin, L. R. (2002). Sexual assault history, PTSD, and mental health service seeking in a national sample of women. *J Community Psychol*, 30 (3), 261–279. doi : 10.1002/jcop.10008.

UMAR. (2014). OMA – Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR. Portugal : UMAR. Retrieved from http://www.umarfeminismos.org/images/stories/oma/2014/OMA_2014_Relat%C3%B3rio_Intercalar.pdf

Van Camp, T., Hébert, M., Guidi, E., Lavoie, F., & Blais, M. (2014). Teens' self-efficacy to deal with dating violence as victim, perpetrator or bystander. *International Review of Victimology*, 1–15. doi: 10.1177/0269758014521741.

Vandello, J. A., & Cohen, D. (2003). Male Honor and Female Fidelity: Implicit Cultural Scripts That Perpetuate Domestic Violence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84 (5), 997–1010. doi: 10.1037/0022-3514.84.5.997.

Ventura, M., Frederico-Ferreira, M., & Magalhães, M. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência, III Série* (11), 95–103. doi: 10.12707/RIII12120.

Vézina, J., & Hébert, M. (2007). Risk factors for victimization in romantic relationships of young women. A review of empirical studies and implications for prevention. *Trauma, Violence & Abuse*, 8 (1), 33–66. doi: 10.1177/1524838006297029.

Welsh, M. J. (1992). The Construction of Gender: Some Insights from Feminist Psychology. *Accounting Auditing & Accountability Journal*, 5 (3), 120–132. doi: [10.1108/09513579210017433](https://doi.org/10.1108/09513579210017433)

Whitaker, D. J., Le, B., & Niolan, P. H. (2010). Persistence and desistence of the perpetration of physical aggression across relationships: Findings from a national study of adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, 25 (4), 591–609. doi: 10.1177/0886260509334402.

White, J. W. (2009). A gendered approach to adolescent dating violence: Conceptual and methodological issues. *Psychology of Women Quarterly*, 33, 1–15. doi: 10.1111/j.1471-6402.2008.01467.x.

WHO. (2013). *Global and Regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence*. Geneve: World Health Organization. Retrieved from http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85239/1/9789241564625_eng.pdf

Wilkinson, Sue. (1998). Focus Group in Feminist Research: Power, Interaction, and the Co-construction of meaning. *Women's Studies International Forum*, 21(1), 111–125. doi: 10.1016/S0277-5395(97)00080-0.

Wilkinson, Sue. (1999). Focus Group. A Feminist Method. *Psychology of Women Quarterly*, 23 (2), 221–244. doi: 10.1111/j.1471-6402.1999.tb00355.x

Wolak, J., & Finkelhor, D. (2011). Sexting: a typology. University of New Hampshire: Crime Against Children Research Center. Retrieved from http://www.unh.edu/ccrc/pdf/CV231_Sexting%20Typology%20Bulletin_4-6-11_revised.pdf

Wolf, K. A., & Foshee, V. A. (2003). Family violence, anger expression styles and adolescent dating violence. *Journal of Family Violence*, 18 (6), 309–316. doi: 10.1023/A:1026237914406.

Wolfe, D. A., Wekerle, C., & Scott, K. (1997). *Alternatives to Violence Empowering Youth to Develop Healthy Relationships*, London: Sage Publications. Retrieved from http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=vUV2AwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Alternatives+to+violence.+Empowering+youth+to+develop+healthy+relationships.&ots=nb-6K47cvQ&sig=MXHnTk8x6RmPzQeARy75oGEiwmc&redir_esc=y#v=onepage&q=Alternatives%20to%20violence.%20Empowering%20youth%20to%20develop%20healthy%20relationships.&f=false

Yan, F. A., Howard, D. E., Beck, K. H., Shattuck, T., & Hallmark-Kerr, M. (2010). Psychosocial correlates of physical dating violence victimization among Latino early adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, 25 (5), 808–831. doi: 10.1177/0886260509336958.

Young, B. J., & Furman, W. (2013). Predicting commitment in Young Adults' Physically Aggressive and Sexually Coercive Dating Relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 28 (17), 3245–3264. doi: 10.1177/0886260513496897.

Anexo 1

Projeto Violências no Namoro – Instituto Superior da Maia

2011-2014

Consentimento informado

(adaptado da Organização Mundial de Saúde, 2004)

A presente investigação, coordenada pela Professora Doutora Sofia Neves, do Instituto Superior da Maia, tem como objetivo central mapear o fenómeno da violência no namoro entre jovens , a nível nacional, caracterizando as suas dinâmicas.

Os dados recolhidos são confidenciais e serão mantidos sob anonimato, destinando-se apenas a fins de investigação científica.

Autoriza o/a seu/sua educando/a a participar desta investigação? Sim _____ Não _____

Declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação, na qualidade de encarregado/a de educação.

(Assinatura)

_____, _____ de _____ de _____
(Localidade) (Dia) (Mês) (Ano)

